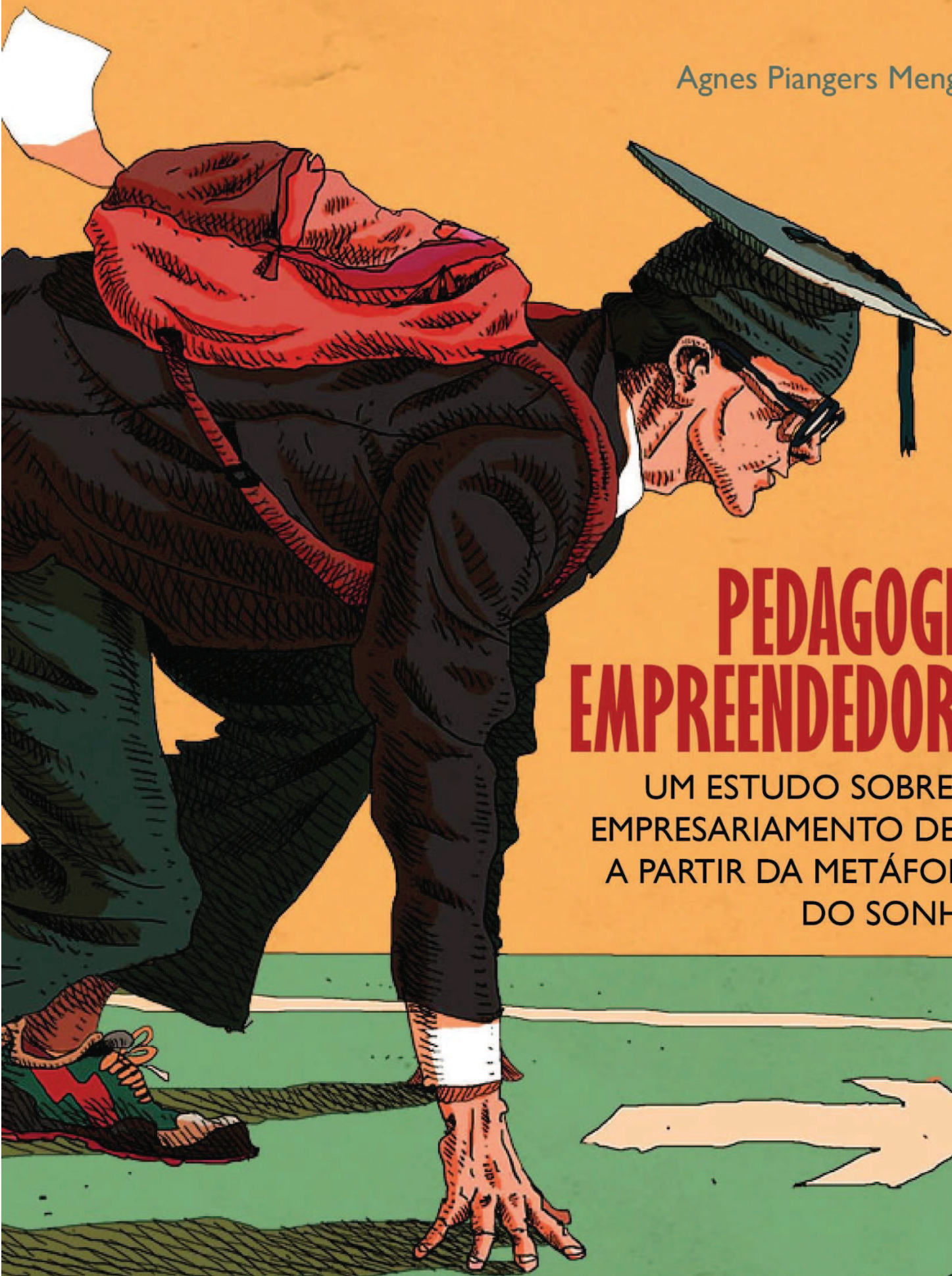


Agnes Piangers Mengue



PEDAGOGIA EMPREENDEDORA:

UM ESTUDO SOBRE O
EMPRESARIAMENTO DE SI
A PARTIR DA METÁFORA
DO SONHO



UNISINOS

BONHOMME

Capa de Daniel Cunha a partir da ilustração de
Olivier Bonhomme
E-mail: danielcunhapp@gmail.com
São Leopoldo/RS, 2019.

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

AGNES PIANGERS MENGUE

**PEDAGOGIA EMPREENDEDORA: um estudo sobre o Empresariamento de si
a partir da metáfora do sonho**

São Leopoldo

2019

AGNES PIANGERS MENGUE

**PEDAGOGIA EMPREENDEDORA: um estudo sobre o Empresariamento de si
a partir da metáfora do sonho**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestra em Educação,
pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Klaus

São Leopoldo

2019

M544pMengue, Agnes Piangers.

Pedagogia empreendedora: um estudo sobre o empresariamento de si a partir da metáfora do sonho / Agnes Piangers Mengue. – 2019.

110 p. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Viviane klaus.”

1. Educação. 2. Empreendedorismo. 3. Pedagogia. I. Título.

CDU 37

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Silvana Teresinha Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

AGNES PIANGERS MENGUE

**PEDAGOGIA EMPREENDEDORA: um estudo sobre o Empresariamento de si
a partir da metáfora do sonho**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestra em Educação,
pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Viviane Klaus (Orientadora) – UNISINOS

Karla Saraiva – ULBRA

Isabel Bilhão – UNISINOS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à professora Viviane Klaus pelo aceite em ser minha orientadora. Muito obrigada pela paciência, atenção, conversas, conselhos, dicas e por ter sido tão humana comigo durante esses dois anos. Seu profissionalismo e sua dedicação estão evidenciados nesta pesquisa.

Agradeço às professoras Karla Saraiva e Isabel Bilhão pelo aceite para comporem minha banca, contribuindo com a qualidade da presente pesquisa.

Agradeço ao professor e coordenador do curso de Pedagogia Maurício Ferreira e à professora e amiga Juliana Chaves por serem grandes incentivadores - desde a graduação. Vocês são os principais responsáveis por tornarem possível meu acesso ao mestrado. Obrigada!

Agradeço à minha família, que embora não compreenda na essência o que é ser pesquisador, mostraram-se pessoas de extrema importância, permitindo a realização de mais esse sonho. Pai, obrigada por me mostrar, desde cedo, que a educação é o melhor caminho e por me incentivar a continuar seguindo com os estudos. Obrigada pelas conversas, conselhos e pelas noites de pizza ou de “tulipinhas” em Nova Tramandaí. Embora eu tenha pensado em desistir em determinado momento, tu estiveste sempre ao meu lado, dizendo-me palavras de conforto e lembrando-me do quanto sou capaz. Sabes que és o meu grande espelho e ter contato contigo em mais esta etapa foi fundamental para mim. Amo-te, seu Jair!

Mãe, obrigada por estar sempre presente, principalmente nesta reta final, na qual a pesquisa parecia não ter fim. Poder contar contigo - seja para ir à praia espairecer (e isso fizemos muito), ou nos lanchinhos que tu fazias para tornar os momentos de escrita mais prazerosos - contribuiu para que o grande dia de “mestrar” chegasse. Amo-te, Roberta, sua maluca!

Leonardo, Diandra e Fê, um parágrafo não resume tudo o que vocês representaram para mim nesta etapa. O Léo foi a prova de que amor à primeira vista existe, pois desde o primeiro dia de aula nos tornamos amigos inseparáveis. Minha diva Diandra foi outro presentão, obrigada por estar sempre por perto (com doces), nos momentos felizes ou tristes. Fê, amiga, obrigada por ser quem tu és em minha vida, por me fazer acreditar que esse dia chegaria, por me abrigar no teu lar, seja em POA ou AS. Vocês e os demais amigos que estiveram comigo nesta etapa representam a parte da minha vida que se chama: FELICIDADE.

Por fim, agradeço ao Daniel Cunha pela belíssima capa deste trabalho e à CAPES pelo financiamento da pesquisa.

Obrigada a todos vocês por tornarem esse mestrado possível.

RESUMO

O presente estudo analisou a pedagogia empreendedora de Fernando Dolabela, a fim de compreender que pressupostos essa pedagogia coloca em circulação e como ela contribui com a proliferação da educação empreendedora nas escolas, uma vez que essa discussão se fortalece no atual cenário da educação brasileira. Dolabela ficou conhecido pelos estudiosos desse campo como o “Monstro do empreendedorismo”, já que foi ele quem criou o termo e o conceito de *pedagogia empreendedora*. Essa metodologia pode ser aplicada desde a Educação Infantil (a partir dos 4 anos de idade) e ir até a universidade, tendo como premissa a ideia do sonho coletivo. O material empírico desta pesquisa foi composto por quatro obras do autor, que foram estudadas a partir de uma análise documental. São elas: *Oficina do empreendedor* (1999), que explicita a metodologia da Pedagogia Empreendedora criada pelo autor; *Pedagogia Empreendedora* (2003), *A ponte mágica* (2004) e *O segredo de Luísa* (2008); estas fazem parte do material educacional entregue aos professores, com o propósito de que o método da pedagogia empreendedora seja disseminado e ensinado nas escolas. As obras foram estudadas a partir de três eixos analíticos: é preciso criticar a escola para reformá-la; O sonho como fator mobilizante da Pedagogia Empreendedora e O empreendedorismo como um imperativo do nosso tempo. A articulação entre os três eixos forneceu subsídios para a compreensão do fortalecimento da sociedade da aprendizagem e do esvaziamento das funções da escola e do lugar do ensino; da proliferação dos discursos reformistas que despotencializam a escola como um espaço de igualdade e justiça social e fortalecem os processos de empresariamento dos sujeitos; da responsabilização dos sujeitos pelos seus sucessos e fracassos a partir da metáfora do sonho e do apagamento das desigualdades sociais e do empreendedorismo como um imperativo do nosso tempo.

Palavras-chave: Pedagogia empreendedora. Educação empreendedora. Empresariamento de si. Sonho. Fernando Dolabela.

ABSTRACT

The present study analyzed the entrepreneurial pedagogy of Fernando Dolabela in order to understand what assumptions this pedagogy places in circulation and how it contributes to the proliferation of entrepreneurial education in schools, once this discussion is strengthened in the current scenario of Brazilian education. Dolabela was known by the scholars of this field as the "Monster of entrepreneurship", since he was the one who created the term and the concept of entrepreneurial pedagogy. This methodology can be applied in the initial years (4 years old) and continue until university, based on the idea of the collective dream. The author has a vast literature focused on the theme of entrepreneurial pedagogy, with a total of fifteen books. The empirical material of this research was composed by four works of the author, which were studied from a documentary analysis. They are: *Oficina do empreendedor* (1999), which explains the methodology of the Entrepreneurial Pedagogy created by the author; *Pedagogia Empreendedora* (2003), *A ponte mágica* (2004) e *O segredo de Luísa* (2008); that are part of the educational material delivered to teachers, in order to the method of entrepreneurial pedagogy be disseminated and taught in schools. The works were studied from three analytical ways: it's necessary to criticize the school to reform it; The dream as a mobilizing factor of Entrepreneurial Pedagogy and Entrepreneurship as an imperative of our time. The articulation between the three analytical ways provided support for the understanding of the strengthening of the learning society and the emptying of the functions of the school and the place of teaching; of the proliferation of reformist discourses that depolitize the school as a space of equality and social justice and strengthen the entrepreneurial processes of the subjects; the accountability of the subjects for their successes and failures from the metaphor of the dream and the erasure of social inequalities and entrepreneurship as an imperative of our time.

Keywords: Entrepreneurial pedagogy. Entrepreneurial education. Self-management. Dream. Fernando Dolabela.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Linha do tempo de trabalhos semanais em empreendedorismo.....	32
Figura 2: Imagens retiradas do livro Geração de Valor.....	53
Figura 3: Imagens retiradas do livro Desperte o Empreendedor em Você	54
Figura 4: Imagens retiradas do livro Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas	55
Figura 5: Categorias de sonhos	65
Figura 6: Imagens retiradas do livro Oficina do empreendedor (1999)	68
Figura 7: Imagens retiradas do livro Pedagogia empreendedora (2003).....	69
Figura 8: Imagens retiradas do livro A ponte mágica (2004)	70
Figura 9: Imagens retiradas do livro O segredo de Luísa (2008)	71
Figura 10: A periferia é para os fortes	76
Figura 11: Pirâmide de Renda no Brasil	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Programas da Junior Achievement voltados ao Ensino Fundamental	14
Quadro 2: Programas da Junior Achievement voltados ao Ensino Médio	17
Quadro 3: Dissertações	22
Quadro 4: Teses	23
Quadro 5: Trabalhos que fazem alusão ao mercado de trabalho	24
Quadro 6: Trabalhos que fazem alusão ao desenvolvimento do comportamento empreendedor e suas competências	25
Quadro 7: Trabalhos que problematizam o empreendedorismo e a educação empreendedora	26
Quadro 8: Trabalhos que discutem a educação empreendedora e suas decorrências	27
Quadro 9: Autores identificados nos três estudos selecionados	38
Quadro 10: Autores identificados nas suas respectivas correntes	38
Quadro 11: Estudos sobre Empreendedorismo que serviram de base para a seleção do corpus empírico	59
Quadro 12: Temas abordados por Dolabela na coluna pela rádio Band News	61
Quadro 13: Principais Obras de Fernando Dolabela	63
Quadro 14: Obras de Fernando Dolabela selecionadas para análises	67
Quadro 15: Organização de análises	72

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNI	Confederação Nacional da Indústria
FECOMÉRCIO	Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo
GV	Geração de valor
IFSC	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
JARS	Junior Achievement Rio Grande do Sul
PPG	Programa de Pós-Graduação
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESI	Serviço Social da Indústria
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 CAPÍTULO INTRODUTÓRIO: SOBRE A PESQUISA	11
1.1 MINHA TRAJETÓRIA E INQUIETAÇÕES DE PESQUISA	12
1.2 REVISÃO DE LITERATURA E DEFINIÇÃO DO RECORTE A PARTIR DE ALGUNS DOS ESTUDOS JÁ REALIZADOS.....	20
1.2.1 Relatório da pesquisa bibliográfica sobre empreendedorismo e educação empreendedora	29
1.2.2 Educação para o empreendedorismo: implicações epistemológicas, políticas e práticas	34
1.2.3 Ensino do empreendedorismo na educação básica: a formação do cidadão empreendedor em questão	36
1.2.4 Confluência dos estudos apresentados.....	37
2 TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO, A CULTURA DO EMPREENDEDORISMO E O EMPRESARIAMENTO DE SI	40
2.1 A PASSAGEM DA SOCIEDADE INDUSTRIAL PARA A SOCIEDADE PÓS- INDUSTRIAL	41
2.2 CULTURA DO EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO	47
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	57
3.1 FERNANDO DOLABELA E A CONCEPÇÃO DA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA	60
3.2 SOBRE A ESCOLHA E A ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO.....	66
4 TODOS PODEM SER EMPREENDEDORES?	74
4.1 É PRECISO CRITICAR A ESCOLA PARA REFORMÁ-LA	75
4.2 O SONHO COMO FATOR MOBILIZANTE DA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA	86
4.3 O EMPREENDEDORISMO COMO IMPERATIVO DO NOSSO TEMPO.....	94
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	107

1 CAPÍTULO INTRODUTÓRIO: SOBRE A PESQUISA

A presente dissertação buscou compreender a pedagogia empreendedora de Fernando Dolabela, quais pressupostos ela coloca em circulação e como ela contribui com a proliferação da educação empreendedora nas escolas.

O texto encontra-se organizado em cinco capítulos que foram tramados ao longo do projeto, pois como escreve Paul Veyne,

Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco “científica” de causas materiais, de fins e de acasos; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa. (VEYNE, 1998, p.42).

Assim, compondo a trama, no primeiro capítulo evidenciei que a pesquisa está diretamente relacionada com a minha trajetória profissional e acadêmica, pois minhas experiências e motivações anteriores me levaram a pesquisar a noção da pedagogia empreendedora. Além disso, nesta seção, apresentei o meu encontro com alguns estudos, estes que serviram de referência para a escolha das obras analisadas que passaram a compor o corpus empírico da pesquisa. Ademais, destaquei a *Revisão de Literatura*, que foi fundamental na definição do recorte desta pesquisa. A partir dessas leituras, foi possível realizar aproximações e distanciamentos entre estudos com a mesma temática.

Ainda no primeiro capítulo, apresentei o problema de pesquisa, que consistia em compreender a pedagogia empreendedora de Fernando Dolabela, que pressupostos essa pedagogia coloca em circulação e como ela contribui com a proliferação da educação empreendedora nas escolas.

No segundo capítulo, discorri sobre as alterações no mundo do trabalho e a cultura do empreendedorismo. Para tal, apresentei uma breve discussão sobre as transformações do trabalho na Contemporaneidade, devido à mudança de ênfase da sociedade fordista para a sociedade pós-fordista, e o quanto essa nova lógica corrobora para o empresariamento de si. Além disso, discuti sobre as relações entre a cultura do empreendedorismo e a área da educação.

No terceiro capítulo, apresentei ao leitor os caminhos metodológicos percorridos durante toda a pesquisa, fazendo um breve histórico referente ao autor Fernando Dolabela

– precursor da pedagogia empreendedora, bem como uma apresentação das obras que compuseram o *corpus* empírico e os eixos de análise.

No quarto capítulo, expus as análises a partir dos três eixos temáticos, sendo que cada um deles foi apresentado em uma seção: *É preciso criticar a escola para reformá-la*; *O sonho como fator mobilizante da Pedagogia Empreendedora* e *O empreendedorismo como um imperativo do nosso tempo*.

Por fim, no quinto capítulo, apresentei as considerações finais da presente pesquisa. Boa leitura!

1.1 MINHA TRAJETÓRIA E INQUIETAÇÕES DE PESQUISA

[...] os fatos não existem isoladamente, mas têm ligações objetivas. (VEYNE, 1998, p.42).

No decorrer desta seção o leitor encontrará os fatos que fizeram com que a presente pesquisa estivesse relacionada à temática da educação empreendedora. Início minha narrativa destacando que foram as minhas experiências profissionais e acadêmicas que me aproximaram do tema e que me levaram a pesquisar “o empreendedorismo na educação”.

Parto da minha experiência profissional na Associação Junior Achievement¹ Rio Grande do Sul (JARS), bem como de seus programas educacionais. A partir das minhas vivências, para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizei uma pesquisa que tinha como tema o empreendedorismo.

Trabalhei no período de quatro anos na JARS. A Junior Achievement é uma associação educativa sem fins lucrativos, mantida pela iniciativa privada. Foi criada nos Estados Unidos em 1919 por dois empresários que identificaram, por meio de seus filhos, uma situação incômoda: os jovens, ao concluírem os anos escolares, estavam “despreparados” para o mercado de trabalho. A partir disso, através de programas educacionais voltados ao empreendedorismo, à educação financeira e ao mercado de trabalho, a associação dissemina seus programas nas escolas com a ajuda dos voluntários

¹ Na sequência, ainda nesta seção, apresento a Associação Junior Achievement.

e, por vezes, de estagiários, tendo como objetivo “despertar o espírito empreendedor nos jovens em situação escolar”².

Além dessa experiência, vale destacar minhas reflexões enquanto orientadora educacional do programa Jovem Aprendiz no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC)³. Tais inquietações me motivaram a aprofundar as discussões realizadas em meu TCC, fazendo com que eu realizasse o processo seletivo do Mestrado em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Escolhi cursar Pedagogia, pois a docência sempre me mobilizou. Contudo, acredito que me distancio de muitos pedagogos e pedagogas, pois mesmo que meu curso seja voltado para a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, meus interesses de pesquisa e minhas experiências profissionais sempre estiveram relacionadas aos espaços não escolares de educação.

Para que o leitor tenha um melhor entendimento acerca do assunto, nos quadros abaixo apresento os programas da Associação, bem como a carga horária de cada um deles e seu objetivo principal. Os quadros estão divididos em: programas do Ensino Fundamental (quadro 1) e do Ensino Médio (quadro 2).

² Informações retiradas do site da Junior Achievement Brasil encontradas no link <http://www.jabrasil.org.br/jars>

³ É um programa que busca oportunizar emprego para jovens entre 14 e 24 anos, junto a isso os jovens precisam cursar atividades voltadas a formação profissionalizante.

Quadro 1: Programas da Junior Achievement voltados ao Ensino Fundamental

Programa	Carga Horária	Descrição do programa
Aprender a Empreender no Meio Ambiente	7 h/aula	Desenvolve a consciência nos alunos sobre seu relacionamento com o meio ambiente e gera agentes de mudança com uma atitude de participação ativa.
As Vantagens de Permanecer na Escola	5h/aula	Tem como objetivo conscientizar os jovens sobre a importância de continuar os estudos, fornecendo informações educacionais e apresentando opções de carreira.
Economia Pessoal	10h/aula	Economia Pessoal ajuda alunos a entenderem seus interesses e suas habilidades pessoais, a explorar opções de carreira e a descobrir o valor da educação.
Empreendedores Climáticos	10h/aula	Desenvolve nos alunos o entendimento sobre as mudanças climáticas que têm origem a partir das ações dos seres humanos.
Introdução ao Mundo dos Negócios	5h/aula	Apresenta aos jovens noções sobre economia de mercado e as funções básicas de uma empresa, além de possibilitar que os alunos desenvolvam um plano de carreira.
Nossa Comunidade	5h/aula	Examina as responsabilidades e as oportunidades disponíveis, fornecendo informações práticas sobre as empresas e as ocupações possíveis de serem encontradas dentro de uma comunidade.
Nossa Região	5h/aula	Leva os jovens a refletirem sobre os recursos necessários para os negócios e sobre o planejamento de negócios baseado em recursos. Além disso, mostra a importância do fluxo de caixa e como calcular lucro e prejuízo.
Nosso Mundo	5h/aula	Apresenta os aspectos fundamentais do comércio internacional, visualizando o papel das trocas internacionais.
Nosso Planeta, Nossa Casa	5h/aula	Os alunos aprendem sobre a importância da preservação do meio ambiente e sobre seu compromisso com a responsabilidade socioambiental.

FONTE: Elaborado pela autora com base no site <http://www.jabrasil.org.br/jars>.

Dos programas acima citados, percebi, enquanto atuei na associação entre os anos de 2009 a 2013, que três programas ganhavam maior adesão das escolas que eram atendidas no estado do Rio Grande do Sul, sendo eles: *As Vantagens de Permanecer na Escola*, *Introdução ao Mundo dos Negócios e Economia Pessoal*. Em cada um deles haviam atividades “diferenciadas”, que mobilizavam as instituições a escolherem tais Programas. Por exemplo, no último momento do programa *As Vantagens de Permanecer na Escola*, os jovens precisavam escrever uma carta a um amigo para que o mesmo não abandonasse a escola. Todos os conhecimentos que haviam sido ensinados desde o primeiro momento deveriam estar presentes na carta.

Já o programa *Introdução ao Mundo dos Negócios*, ficou conhecido como o programa da “caneta”, pois os alunos realizavam uma atividade prática montando e desmontando canetas, a fim de entenderem a diferença entre produção unitária e produção em série. Além disso, o programa apresentava todas as etapas de constituição de uma empresa – desde o ramo, ponto de venda, contratação de funcionários, produção, marketing e venda – em um único encontro, que era realizado em um turno. Por fim, o Programa *Economia Pessoal*, conforme já mencionado, auxiliava os alunos a entenderem seus interesses e suas habilidades pessoais, a explorarem as opções de carreira e a descobrirem o valor da educação.

Iniciei meu estágio na JARS, onde fui contratada para aplicar o projeto *Empreender é Conquistar* nas escolas públicas de São Leopoldo e Novo Hamburgo/RS junto a alunos do 8º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio. Essa ação foi uma parceria entre o Serviço Social da Indústria (SESI) e a JARS, iniciada em 2008 e que durou três anos. Esse projeto ocorria durante quatro dias: nos dois primeiros dias era aplicado o módulo do SESI, chamado *Despertando para o Futuro*. Já nos dois últimos dias era desenvolvido o programa citado na tabela anterior, intitulado *Economia Pessoal*.

O objetivo do projeto *Despertando para o Futuro* era fomentar valores empreendedores, ou seja, fortalecer a capacidade de inovar, protagonizar e gerar valores para toda a comunidade a partir do desenvolvimento de potenciais, sejam esses coletivos ou individuais. Nesse programa, o educador levava propostas que faziam os educandos refletirem sobre sonhos, crenças, planejamentos e valores.

Já no programa *Economia Pessoal*, eram propostas atividades nas quais os alunos descobriam seus “pontos fortes” e suas “habilidades”. Além disso, existia um *Baralho do Trabalho* com diversas carreiras. Cada carreira se referia a diversas profissões e uma margem de salário. Por exemplo: existia a carta com a carreira saúde, dentro dela eram

apresentadas diversas profissões, tais como médico, enfermeiro ou fisioterapeuta. Os alunos jogavam as cartas com interesse nas carreiras que desejavam seguir. Em seguida, eram discutidos os custos e os benefícios do uso do crédito, pois nas cartas do baralho além das profissões também era apresentada uma média salarial de cada uma das funções, fazendo com que os alunos refletissem sobre qual é a melhor maneira de usar o futuro salário. Era notório que o Programa promovia uma discussão sobre o uso do crédito em benefício do próprio sujeito – investimento em capital humano a partir da noção de educação continuada – fazendo com que, a partir de novos investimentos, adquirisse mais renda.

Posteriormente, fui promovida de estagiária para Gestora de Programas. Foi meu primeiro emprego de carteira assinada, e passei a ter como função a gestão dos programas da Associação em alguns municípios do Estado. Iniciei como Gestora nível Junior e, com o passar do tempo, fui promovida a Gestora Sênior.

Cabe destacar que enquanto gestora, além do contato com escolas públicas, também mantive contato com escolas privadas, pois estas tinham muito interesse em aderir ao programa carro-chefe da Associação, isto é, o programa *Miniempresa*. Antes de detalhar o programa *Miniempresa*, no quadro 2, apresento os programas da Associação voltados para o Ensino Médio e para o Ensino Superior.

Quadro 2: Programas da Junior Achievement voltados ao Ensino Médio

Programa	Carga Horária	Descrição do programa
Atitude Pelo Planeta	6h/aula	Apresenta e desenvolve conceitos relacionados ao desenvolvimento sustentável e à sustentabilidade. Fornece condições para que os participantes possam refletir criticamente sobre os problemas socioambientais contemporâneos.
Conectado Com o Amanhã	5h/aula	O Programa Conectado com o Amanhã possibilita aos alunos um momento de reflexão sobre seu futuro e preparação para o mercado de trabalho.
Empresário-Sombra Por Um Dia	8h/aula	Proporciona aos jovens a oportunidade de conhecer o dia a dia de um profissional ou empreendedor. Durante um dia, estudantes acompanham a jornada de trabalho e aprendem sobre uma série de carreiras.
Finanças Pessoais	5h/aula	O programa introduz aos alunos a importância de tomar sábias decisões financeiras. Demonstra o valor do planejamento, o estabelecimento de metas e a importância de tomar decisões dentro do contexto das finanças pessoais.
Habilidades Para o Sucesso	7h/aula	Proporciona aulas envolventes, academicamente enriquecedoras e práticas de preparação para o mercado de trabalho e perspectivas de carreira.
Liderança Comunitária	12 semanas	Ajuda os estudantes a desenvolverem conhecimentos e aptidões que lhes permitam destacar-se em suas comunidades. Apresenta conceitos de terceiro setor, projetos sociais e liderança.
Mercado Internacional	7h/aula	Fornece informações práticas sobre os aspectos-chave da economia global, o que move o comércio internacional e como o comércio influencia o dia a dia das pessoas.
Meu Dinheiro, Meu Negócio	5h/aula	Ajuda os jovens a desenvolverem suas habilidades para lidar com o dinheiro, bem como seu pensamento analítico, a comunicação pessoal, o planejamento e a escrita.
Miniempresa	15 semanas	Proporciona uma experiência prática em negócios através da organização e da operação de uma empresa.
Montando Sua Carreira	5h/aula	O programa Montando Sua Carreira, por meio de um jogo no computador, motiva e desperta os alunos de ensino fundamental e médio para carreiras STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharias e Matemática).
Vamos Falar de Ética	5h/aula	Leva os jovens a refletirem sobre uma “conduta ética” em suas vidas profissionais e pessoais, contribuindo para a compreensão de seu papel como cidadãos.

FONTE: Elaborado pela autora com base no site <http://www.jabrasil.org.br/jars>.

Percebe-se que, com exceção de um programa voltado para a sustentabilidade e outro para a discussão de questões “éticas”, a maioria dos programas para o Ensino Médio tem um viés relacionado ao mercado de trabalho contemporâneo, seja no que diz respeito ao planejamento das “carreiras”, no desenvolvimento de habilidades/aptidões ou na tomada de decisões financeiras. Isso remete ao que alguns autores chamam de Capital Humano, entre eles Oswaldo López Ruiz (2007, p.183) que diz que isso é “[...] um conjunto de habilidades, destrezas e aptidões próprias dos homens, adquire valor de mercado e se apresenta como forma de capital”. Assim, o autor explica que o capital humano passa a ser algo central na análise econômica⁴.

Entre os programas apresentados, o *Miniempresa*, diferente dos outros programas, ocorre em horário extracurricular. Em 90% dos casos ocorre à noite e tem a duração de 15 jornadas (encontros realizados pelos alunos), necessitando do apoio de 4 *advisers*, voluntários de uma determinada área de atuação, que são consultores dos alunos. Esse programa proporciona aos jovens uma experiência prática em negócios a partir da organização e da operação de uma empresa. Além disso, promove atividades vivenciais de aproximação com o mercado consumidor e com profissionais das principais áreas de gestão (Produção, Marketing, Finanças e Recursos Humanos).

Pelo fato de ser inexperiente, considerava a Junior Achievement a “luz dos meus olhos”. Durante anos disseminei a cultura empreendedora nas escolas com o objetivo de despertar o espírito empreendedor nos alunos, pois essa era a “missão da Associação” e eu a tomei como minha missão também. Na graduação, em conversas com as colegas ou quando tinha contato com pessoas que trabalhavam na área da educação, falava sobre a JARS e o quanto seus programas sobre empreendedorismo eram inovadores e iriam trazer benefícios tanto para a escola, quanto para os alunos.

Destaco que “[...] o empreendedorismo passou a ser a *atitude de um povo*, uma atitude que se *espera* de um povo, como anuncia hoje uma vasta literatura de gestão de negócios” (López-Ruiz, 2007, p.30, grifos do autor). A partir disso, o sujeito passa a ser o responsável pelo seu sucesso e pelo seu fracasso. Nesse sentido, a pedagogia empreendedora vem ganhando força no campo da educação em todos os níveis de ensino. Aliás, alguns autores como Fernando Dolabela (discussões que serão aprofundadas durante a dissertação) acreditam que o empreendedorismo deve ser fomentado desde a primeira infância.

⁴ Nessa perspectiva López-Ruiz (2007) explica que o sujeito passa a ser pensando como investimento, pois no futuro poderá trazer lucros para a empresa. Irei aprofundar essa discussão nos próximos capítulos.

Com o passar dos anos, analisei o futuro que teria caso seguisse na Associação e percebi que o máximo que eu alcançaria seria o nível de gerência, cargo que não me interessava, uma vez que a função está voltada apenas para a captação dos recursos financeiros que mantêm a associação funcionando. Logo, percebi que, caso me tornasse gerente, perderia a aproximação com as escolas e com os alunos e isso me chateou, pois o contato direto com as instituições era o que me motivava a trabalhar na JARS. Por esse motivo, concluí meu ciclo de trabalho na Associação. Entretanto, outro ciclo estava por começar, pois no ano seguinte iniciei a escrita do meu TCC no curso de Pedagogia.

No TCC, resolvi problematizar questões relacionadas aos programas educacionais da JARS que visam à constituição do aluno empreendedor, alinhado aos princípios do mercado. A pesquisa realizada evidenciou os programas que articulam a competição e o individualismo para desenvolvimento de conceitos de carreira, habilidades e inovação, visando à formação do aluno empreendedor. Apesar de ter realizado a pesquisa em seis meses, foi de grande valia para minha trajetória acadêmica e pessoal, pois pude enxergar o empreendedorismo na educação com novas lentes. Ademais, a pesquisa despertou em mim a vontade de saber mais sobre o tema, o que resultou no meu ingresso no Mestrado em Educação da Unisinos que hoje possibilita a expansão dessa discussão por outro viés.

Concluída minha graduação, no ano seguinte, iniciei meu trabalho como Orientadora Educacional no SENAC São Leopoldo, outra experiência significativa para minha formação e que contribuiu para que eu cursasse o Mestrado. Fui contratada com o objetivo de preparar e ministrar aulas para os cursos profissionalizantes de vendas e de administração, voltados para a educação de jovens aprendizes do sistema Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (Fecomércio). De acordo com o SENAC:

O aprendiz é o adolescente ou jovem maior de 14 e menor de 24 anos de idade, estudante da educação básica (ensino fundamental ou médio) ou concluinte do ensino médio inscrito em Programa de Aprendizagem nos termos do art. 428, da CLT. Essa idade máxima de 24 anos não se aplica a aprendizes com deficiência. Para ser Jovem Aprendiz, é necessário que a empresa indique o aluno ou selecione a partir do cadastro de inscritos no Senac. A Aprendizagem Profissional Comercial é um programa técnico-profissional que prevê a formação educacional e a formação prática na empresa, metodicamente organizadas em atividades de complexidade progressiva, desenvolvidas em ambientes de trabalho. As atividades, previamente organizadas, são desenvolvidas sob orientação e responsabilidade conjunta do Senac e da empresa. (SENAC, 2017, s/p).

As aulas eram ministradas nas salas de aula da Unisinos, que mantinha parceria com o SENAC. Muitos alunos só sabiam da existência do curso porque a empresa explicava que a presença nas aulas era imprescindível para garantir a vaga de emprego, ou seja, eles não estavam buscando formação educacional, mas sim um emprego. Vale destacar que muitos alunos relatavam que estavam ali somente por causa de dinheiro.

Minha atuação no Programa Jovem Aprendiz fez com que eu quisesse retomar os estudos e iniciar a minha carreira acadêmica a partir do ingresso no Mestrado. O caminho percorrido em meu TCC foi pautado por um processo de desnaturalização acerca do empreendedorismo na educação, e por essa razão optei por este Programa de Pós-Graduação (PPG) na linha de pesquisa III – Educação, Desenvolvimento e Tecnologias, na qual ingressei com o desejo de continuar investigando a temática de maneira mais ampla, aprofundando meus conhecimentos e, conseqüentemente, contribuindo para a linha de pesquisa.

Diante desse breve relato da minha trajetória profissional e acadêmica, e da relação entre as minhas experiências com o tema de pesquisa “empreendedorismo na educação”, apresento na próxima seção a revisão de literatura, dando destaque a alguns estudos que foram fundamentais tanto na definição do problema de pesquisa quanto do recorte do material empírico que foi analisado. O problema de pesquisa que resultou na escrita da presente dissertação consistiu em “compreender a pedagogia empreendedora de Fernando Dolabela, que pressupostos ela coloca em circulação e como ela contribui com a proliferação da educação empreendedora nas escolas”.

1.2 REVISÃO DE LITERATURA E DEFINIÇÃO DO RECORTE A PARTIR DE ALGUNS DOS ESTUDOS JÁ REALIZADOS

Nesta seção apresento a revisão de literatura com o intuito de mapear o que já foi pesquisado sobre o tema “empreendedorismo na educação” e “educação empreendedora” e em que medida a minha pesquisa se diferencia das demais encontradas. Importa dizer que as possibilidades de estudo da pedagogia empreendedora foram delineadas a partir da revisão de literatura realizada.

Para dar início a busca de estudos sobre o tema da pesquisa, foram utilizados os descritores no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): *empreendedorismo + escola* e *empreendedorismo + educação*, porém essas buscas - mesmo utilizando filtros - resultaram em mais de 20 mil trabalhos, os quais já

havia sido analisados junto ao grupo de pesquisa da minha orientadora e os mesmos não se aproximavam do meu recorte de pesquisa. Veyne (1998, p. 43) explica que “[...] é impossível descrever uma totalidade, e toda descrição é seletiva”. Dessa forma, foi preciso pensar em novos descritores. Portanto, foi utilizado o termo “*educação empreendedora*” e foram encontrados 85 resultados. Destaco que optei por este descritor pelo fato de meu trabalho estar totalmente relacionado a esta temática, pois, conforme já explicitado, meu objetivo era problematizar e compreender de que forma os pressupostos educacionais colocados em circulação, embasado nas teorias do autor Fernando Dolabela, contribuem para a proliferação de uma cultura com ênfase na educação empreendedora a partir do Ensino Fundamental, que é atrelada ao sonho.

Dos 85 resultados, 11 deles se aproximam do tema de pesquisa e 74 se afastam. Destes 74 resultados que se afastam, 32 deles estão voltados para pesquisas sobre o empreendedorismo no Ensino Superior, tendo em vista que 20 desses trabalhos são da área da Administração, 5 da Educação, 5 da Engenharia de Produção e 2 são da área da Saúde. Dessa forma, por estarem relacionados a estudos no Ensino Superior, não têm relação com esta pesquisa.

Dos 42 resultados:

- 13 estão relacionados ao mundo dos negócios;
- 8 têm relação com pesquisas sobre o empreendedorismo nos cursos técnicos;
- 7 são voltados para as tecnologias e inovação - com foco na pedagogia de projetos, uso de plataformas tecnológicas e propostas híbridas aplicadas a educação empreendedora, bem como análises voltadas a parques tecnológicos e incubadoras;
- 5 estão focados em discussões sobre a preparação dos docentes para o ensino do empreendedorismo;
- 3 estão voltados para a educação empreendedora no campo;
- 2 relacionados ao empreendedorismo social;
- 1 focado na Inclusão Social;
- 1 voltado aos Direitos Humanos e empreendedorismo;
- 1 voltado a Educação de Jovens e Adultos e empreendedorismo;
- 1 focado em Curso Profissionalizante.

Detalhados os resultados encontrados, que não guardam relação com o tema investigado durante a pesquisa, apresento nos quadros 3 e 4, os 11 trabalhos que, de alguma forma, aproximam-se da temática da educação empreendedora.

Quadro 3: Dissertações

Ano	Autor (a)	Título	Área	Instituição
2006	Adriano Mohn Souza	Jovens e Educação empreendedora: que discurso é esse?	Mestrado em Educação	Universidade Católica de Goiás
2010	Jose Wagner de Almeida	Governamentalidade Neoliberal, Empreendedorismo e suas repercussões nos processos educacionais da cidade de Horizonte – CE	Mestrado em Educação	Universidade Federal do Ceará
2011	Otávio Pedro Alves de Lima Júnior	O Espírito do Capitalismo e a Cultura do Empreendedorismo: Educação e Ideologia	Mestrado em Psicologia	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
2012	Orlandy Orlandi	Estudo da Educação Empreendedora: O caso no Ensino Público Fundamental Municipal na escola Modelo de Rio do Sul (SC)	Mestrado em Administração	Universidade Regional de Blumenau
2012	Aline Campos Figueiredo	Impactos da Educação Empreendedora na Visão de Carreira Profissional Futura: Um estudo com alunos concluintes do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de São José dos Campos/SP	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Minas Gerais
2013	Silvia Rebeca Guimarães Cartaxo	Antecedentes pessoais, motivações e auto-eficácia empreendedoras e suas influências na intenção empreendedora dos discentes em escolas públicas participantes do programa Miniempresa da Junior Achievement – CE	Mestrado em Administração	Universidade de Fortaleza
2014	Sueli Aparecida Zambon Escarabelo	Educação Empreendedora: Análise dos temas abordados no Ensino Fundamental, Médio e Superior	Mestrado em Tecnologia, Ciência e Sociedade	Universidade Federal de São Carlos
2015	Fernanda Goes da Silva	Ensino do Empreendedorismo na educação básica: A formação do cidadão empreendedor em questão	Mestrado em Educação	Universidade do Vale do Sapucaí
2016	Flavia Maria da Silva	Construção de aplicação de uma sequência didática para o Ensino do Empreendedorismo e suas contribuições	Mestrado em ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

FONTE: Elaborado pela autora.

Quadro 4: Teses

Ano	Autor (a)	Título	Área	Instituição
2009	Jane Maria de Abreu Drewinski	Empreendedorismo: o discurso pedagógico no contexto do agravamento do desemprego juvenil	Tese de Doutorado em Educação	Universidade Federal do Paraná
2004	Lili Marilda Corbelline	Empreendedorismo Juvenil: Caminhos e Travessias	Doutorado em Serviço Social	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

FONTE: Elaborado pela autora.

A sequência da análise das pesquisas encontradas foi dividida em tópicos. Os tópicos foram organizados a partir dos 11 trabalhos selecionados por aproximação de tema, ou seja, fazendo alusão a determinados conteúdos. Importa dizer que eles, em certa medida, se relacionam, porém foram subdivididos de acordo com suas especificidades para uma melhor análise de cada um deles. Observa-se que o presente quadro mostra um dado bastante significativo: dos 11 trabalhos apresentados, apenas 4 são da área da Educação, mostrando que há um certo empalidecimento dessa discussão na área, enquanto que outras áreas, principalmente a área da Administração e a área de Gestão e Negócios de um modo geral, têm pautado a área educacional de diferentes formas. Stephen Ball nos ajuda a pensar nisso ao explicar que:

[...] apesar de sua negligencia na literatura sobre transferência de políticas, empresas estão agora diretamente envolvidas com política educacional em uma série de maneiras diferentes, e esses compromissos são parte de um conjunto mais amplo de processos complexos que afetam a política educacional, os quais incluem novas formas de filantropia e de ajuda para o desenvolvimento educacional, para os processos de mercado de crescimento e expansão de capital e a busca por parte das empresas de novas oportunidades para lucro [...]. (BALL, 2012, p.37).

Percebe-se, assim, que economistas, empresários, administradores, entre outros profissionais, estão envolvidos em discussões acerca da educação empreendedora, que está relacionada às transformações no mundo do trabalho – questão que será discutida no capítulo 2.

Na sequência, apresento a análise dos 11 trabalhos, divididos em quatro tópicos, são eles: a) trabalhos que fazem alusão ao mercado de trabalho; b) trabalhos que fazem alusão ao desenvolvimento do comportamento empreendedor e suas competências; c)

trabalhos que problematizam o empreendedorismo e a educação empreendedora; d) trabalhos que discutem a educação empreendedora e suas decorrências.

a) Trabalhos que fazem alusão ao mercado de trabalho

Quadro 5: Trabalhos que fazem alusão ao mercado de trabalho

Ano	Autor (a)	Título	Área	Instituição
2006	Adriano Mohn Souza	Jovens e Educação empreendedora: que discurso é esse?	Mestrado em Educação	Universidade Católica de Goiás
2009	Jane Maria de Abreu Drewinski	Empreendedorismo: o discurso pedagógico no contexto do agravamento do desemprego juvenil	Tese de Doutorado em Educação	Universidade Federal do Paraná

FONTE: Elaborado pela autora.

Os trabalhos de Souza (2006) e Drewinski (2009) enaltecem o discurso de uma educação empreendedora que busca suprir a crise estrutural do trabalho assalariado. Ambos analisam o discurso voltado para a formação dos jovens, para tal, Souza (2006), em sua dissertação de mestrado em Educação, buscou analisar o que é educação empreendedora, qual o seu propósito e quais as bases de sua fundamentação. Da mesma forma, Drewinski (2009), em sua tese de doutorado em Educação, teve por objetivo analisar a raiz desse discurso, porém com foco nos profissionais que atuam formando o jovem trabalhador, ou seja, o empreendedorismo voltado para o mundo do trabalho.

Em um primeiro momento, esses estudos pareciam ser muito próximos do que pretendia fazer, porém o foco da minha pesquisa era o ensino empreendedor desde o ensino fundamental, pois compreendi que há uma emergência na formação de pequenos empreendedores. Ademais, não parti da educação empreendedora como algo dado, já que de acordo com o professor Alfredo Veiga-Neto (2003, p.7) “[...]a desnaturalização dos fenômenos sociais – ou seja, tomá-los não como algo desde sempre dado, mas como algo historicamente construído – é um primeiro e necessário passo para intervir nesses fenômenos”.

b) Trabalhos que fazem alusão ao desenvolvimento do comportamento empreendedor e suas competências

Quadro 6: Trabalhos que fazem alusão ao desenvolvimento do comportamento empreendedor e suas competências

Ano	Autor (a)	Título	Área	Instituição
2014	Sueli Aparecida Zambon Escarabelo	Educação Empreendedora: Análise dos temas abordados no Ensino Fundamental, Médio e Superior	Mestrado em Tecnologia, Ciência e Sociedade	Universidade Federal de São Carlos
2016	Flavia Maria da Silva	Construção de aplicação de uma sequência didática para o Ensino do Empreendedorismo e suas contribuições	Mestrado em ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
2004	Lili Marilda Corbelline	Empreendedorismo Juvenil: Caminhos e Travessias	Doutorado em Serviço Social	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

FONTE: Elaborado pela autora.

Escarabelo (2014), em sua dissertação de mestrado em Tecnologia, Ciência e Sociedade, buscou uma melhor compreensão quanto aos temas e as competências que compõem a educação empreendedora.

Silva (2016), por sua vez, em sua dissertação de mestrado em ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, e Corbelline (2004), em sua tese de doutorado em Serviço Social, compartilham a ideia de que os jovens apresentam uma carência de atividades que estimulam o comportamento empreendedor, na qual possam desenvolver seus talentos e competências. Corbelline (2004, s/p) justifica que “[...] quando sustentado por uma metodologia adequada, o empreendedorismo juvenil pode levar a resultados significativos”. Nesta linha, Silva (2016) teve por objetivo “[...] analisar o processo de elaboração, aplicação e avaliação de uma sequência didática que aborde o tema Empreendedorismo”.

Destaco que ambos os estudos discutem a formação de um comportamento empreendedor.

c) Trabalhos que problematizam o empreendedorismo e a educação empreendedora

Quadro 7: Trabalhos que problematizam o empreendedorismo e a educação empreendedora

Ano	Autor (a)	Título	Área	Instituição
2011	Otávio Pedro Alves de Lima Júnior	O Espírito do Capitalismo e a Cultura do Empreendedorismo Educação e Ideologia	Mestrado em Psicologia	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
2015	Fernanda Goes da Silva	Ensino do Empreendedorismo na educação básica: A formação do cidadão empreendedor em questão	Mestrado em Educação	Universidade do Vale do Sapucaí

FONTE: Elaborado pela autora.

Lima Junior (2011), em sua dissertação de mestrado em Psicologia, faz uma leitura sobre os possíveis efeitos que a cultura empreendedora causa nos jovens, explicando que essa cultura “[...] apresenta-se como portadora do que seria decisivo para o sucesso dos indivíduos e para o bem-estar da sociedade” (LIMA JUNIOR, 2011, s/p). Por outro lado, mas não tão distante, Silva (2015, p.8), em sua dissertação de mestrado em Educação, contesta “[...] as apologias e críticas relativas à educação para o empreendedorismo e as implicações desta tendência na educação atual”.

Como a dissertação de Silva (2015) está relacionada ao empreendedorismo na educação básica, sua pesquisa contribuiu para a compreensão de como vem sendo produzida a noção de educação empreendedora. Para tanto, apresentarei os detalhes em seguida, já que o estudo contribuiu para o desenho metodológico de minha pesquisa, bem como para a seleção do *corpus* empírico. A revisão de literatura, além de possibilitar o mapeamento de pesquisas já realizadas e o levantamento de referências que integraram esta dissertação, possibilitou que o problema de pesquisa fosse definido. Realizei o estudo a partir da pesquisa realizada por Silva (2015), de outro estudo realizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e da Tese de Doutorado de Coan (2012) – sendo que os dois últimos estudos foram selecionados nas reuniões do Grupo de Pesquisa, que têm como foco central o Projeto de Pesquisa coordenado por minha orientadora. Os três estudos serão detalhados posteriormente em subseções específicas.

Dando sequência no detalhamento da revisão de literatura, os últimos trabalhos apresentados têm como objetivo analisar a educação empreendedora em lugares específicos (seja em algum município ou instituição), sendo que os dois primeiros são

dissertações da área da Administração e os dois últimos são dissertações na área da Educação.

d) Trabalhos que discutem a educação empreendedora e suas decorrências

Quadro 8: Trabalhos que discutem a educação empreendedora e suas decorrências

Ano	Autor (a)	Título	Área	Instituição
2012	Orlandy Orlandi	Estudo da Educação Empreendedora: O caso no Ensino Público Fundamental Municipal na escola Modelo de Rio do Sul (SC)	Mestrado em Administração	Universidade Regional de Blumenau
2012	Aline Campos Figueiredo	Impactos da Educação Empreendedora na Visão de Carreira Profissional Futura: Um estudo com alunos concluintes do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de São José dos Campos/SP	Mestrado em Administração	Universidade Federal de Minas Gerais
2010	Jose Wagner de Almeida	Governamentalidade Neoliberal, Empreendedorismo e suas repercussões nos processos educacionais da cidade de Horizonte – CE	Mestrado em Educação	Universidade Federal do Ceará
2013	Silvia Rebeca Guimarães Cartaxo	Antecedentes pessoais, motivações e auto-eficácia empreendedoras e suas influências na intenção empreendedora dos discentes em escolas públicas participantes do programa Miniempresa da Junior Achievement – CE	Mestrado em Administração	Universidade de Fortaleza

FONTE: Elaborado pela autora.

Orlandi (2012) buscou analisar os resultados da educação empreendedora implantada no Ensino Fundamental público municipal da Escola Modelo em Rio do Sul (SC), enquanto Figueiredo (2012) teve por objetivo analisar a relação entre educação empreendedora e a formação da visão de carreira profissional dos alunos concluintes do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de São José dos Campos/SP. Ambos apontaram a educação empreendedora como algo positivo, mostrando que ela revela talentos e contribui com a aproximação do jovem e a sua carreira profissional.

Estudar as relações que vêm se dando no campo da educação na cidade de Horizonte foi o objetivo de Almeida (2010). O autor discutiu que a partir de uma governamentalidade neoliberal, apoiada na Teoria do Capital Humano, tem-se propiciado a construção de uma cultura empreendedora, fator este que tem contribuído para a efetivação de uma educação empreendedora nos ambientes educativos. Nas notas conclusivas, o autor apresenta como a educação empreendedora propõe uma compreensão de homem, na qual a inclusão dos indivíduos fica sob a responsabilidade deles próprios, através de investimentos em educação e em capital humano.

Por fim, Cartaxo (2013) se propôs a investigar a intenção empreendedora dos alunos de escolas participantes do programa Miniempresa da Junior Achievement, na cidade de Fortaleza, Ceará. Os dois discutem a educação empreendedora e suas decorrências.

Conforme já mencionado, dos 11 trabalhos que foram apresentados, nota-se que 4 são de estudos voltados a área da Educação, 3 no campo da Administração e os 4 últimos correspondentes cada um a uma das áreas: Psicologia, Tecnologia Ciência e Sociedade, Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza e Serviço Social. Frente a esse conjunto de trabalhos apresentados, percebi que eles poderiam contribuir com meu tema de pesquisa, já que direcionam os estudos de alguma forma para a análise da educação empreendedora. Contudo, distanciam-se em suas particularidades, já que as temáticas são voltadas para o mercado de trabalho e o desenvolvimento do comportamento empreendedor e suas competências.

Movida por essas informações e por fazer parte de um Programa de Pós-graduação em Educação e acreditar que essa área precisa colaborar com mais informações pertinentes acerca deste tema, partilho da discussão realizada por Rosa Maria Bueno Fischer (2002) sobre o que significa escrever uma tese ou dissertação. De acordo com a autora:

Pensar é exercitar um modo de vida, estudar e viver a própria vida presente. Desta forma, nossas investigações sobre problemas educacionais serão tão mais multiplicadoras de problematizações, tão mais instigadoras a que nosso leitor se mobilize ele também a pensar diferente do que pensava, quanto mais estivermos efetivamente falando deste presente que muitas vezes açoita-nos, marca-nos, atormenta-nos e instiga. (FISCHER, 2012, p. 70).

Veyne (1998, p. 45) explica que “[...] nenhum historiador descreve a totalidade desse campo [ao narrar tramas], pois um caminho deve ser escolhido e não pode passar por toda parte [...]”. Parto do pressuposto de que as transformações no mundo do trabalho, que estão relacionadas a uma mudança de ênfase da sociedade industrial para a sociedade pós-industrial – o que não significa a extinção de uma delas e a emergência da outra, pois existem diferentes relações com o trabalho na contemporaneidade – demandam a formação de sujeitos empresários de si. Como nos diz López-Ruiz “[...] trata-se, portanto, de uma *maneira de viver* em concordância com um *ethos*; no caso em questão, o *ethos* próprio do capitalismo.” (2007, p.99, grifos do autor). Assim, o espírito capitalista passa a regular a conduta de vida dos sujeitos, ou seja, uma maneira de viver em concordância com o *ethos* – enquanto ordem normativa interiorizada – própria de algumas fases do capitalismo.

Nas próximas subseções, aprofundo os estudos que serviram de base e me auxiliaram a definir o *corpus* empírico da presente pesquisa. O documento do SEBRAE, intitulado *Relatório da pesquisa bibliográfica sobre Empreendedorismo e Educação Empreendedora*, apresenta uma pesquisa bibliográfica sobre o empreendedorismo, além de um mapeamento das atividades de pesquisa na área, abordando discussões com especialistas sobre Educação Empreendedora.

Coan (2012), em sua tese de Doutorado em Educação intitulada *Educação para o Empreendedorismo: Implicações Epistemológicas, Políticas e Práticas*, buscou compreender os propósitos da educação para o empreendedorismo, investigando a articulação existente entre os interesses empresariais e a educação. Enquanto Silva (2015, s/p), conforme já referido, em sua Dissertação de Mestrado em Educação intitulada *Ensino do Empreendedorismo na educação básica: a formação do cidadão empreendedor em questão*, contesta “[...] as apologias e críticas relativas à educação para o empreendedorismo e as implicações desta tendência na educação atual”. Na sequência, apresento cada um dos estudos em subseções específicas.

1.2.1 Relatório da pesquisa bibliográfica sobre empreendedorismo e educação empreendedora

O estudo do SEBRAE foi um ponto de partida importante que contribuiu para a seleção do *corpus* empírico desta pesquisa, pois apresenta os principais autores que estudam empreendedorismo, além de uma revisão bibliográfica sobre o tema. O *Relatório*

da pesquisa bibliográfica sobre Empreendedorismo e Educação Empreendedora foi realizado pelo SEBRAE no ano de 2016 em parceria com a Fundação Dom Cabral e está organizado em nove capítulos. O primeiro é um capítulo introdutório que destaca a natureza do estudo e o seu objetivo:

O Projeto compreende o levantamento e a sistematização de conhecimento e práticas sobre educação empreendedora desenvolvidas no Brasil e no mundo. Objetiva proporcionar a fundamentação técnica para o desenvolvimento de pesquisas, ferramentas, tecnologias e demais iniciativas do Centro de Referência em Educação Empreendedora do Sebrae e do Programa Nacional de Educação Empreendedora do Sebrae, bem como subsidiar a todos os educadores com informações relevantes sobre o tema. (SEBRAE, 2016, p.7).

No segundo capítulo, encontra-se a revisão de literatura, na qual é apresentado um levantamento de artigos acadêmicos acerca do tema empreendedorismo no intervalo de tempo entre os anos de 2005 a 2015, além da metodologia utilizada no estudo realizado. Ainda neste capítulo são apresentadas as entrevistas e o questionário realizado com 12 especialistas em empreendedorismo, entre eles foram selecionados os brasileiros Fernando Dolabela e Marcos Hashimoto, os demais são especialistas de outros países. De acordo com o SEBRAE:

O objetivo das entrevistas foi corroborar os resultados da pesquisa teórica, bem como identificar novas tendências, práticas e experiências pedagógicas em empreendedorismo. Nosso entendimento é de que os especialistas da academia e prática são as fontes mais ricas para a prospecção de temas futuros. Selecionamos especialistas da área da educação e pesquisa em empreendedorismo (e não empreendedores corporativos) por meio de nossos contatos no Brasil e no exterior. (SEBRAE, 2016, p.21).

O terceiro capítulo apresenta respostas para alguns questionamentos, tais como: como começou a pesquisa em empreendedorismo? Empreendedorismo é um campo de pesquisa definido, em construção ou apenas um fenômeno empírico? O que é empreendedorismo e o empreendedor? Que disciplinas compõem esse campo de estudo? Quais as principais correntes, escolas e autores?

O quarto capítulo apresenta um breve histórico da educação empreendedora, seus efeitos e como ela vem avançando no Brasil nos últimos anos. No entanto, num viés administrativo e com dados que abarcam especialmente o Ensino Superior.

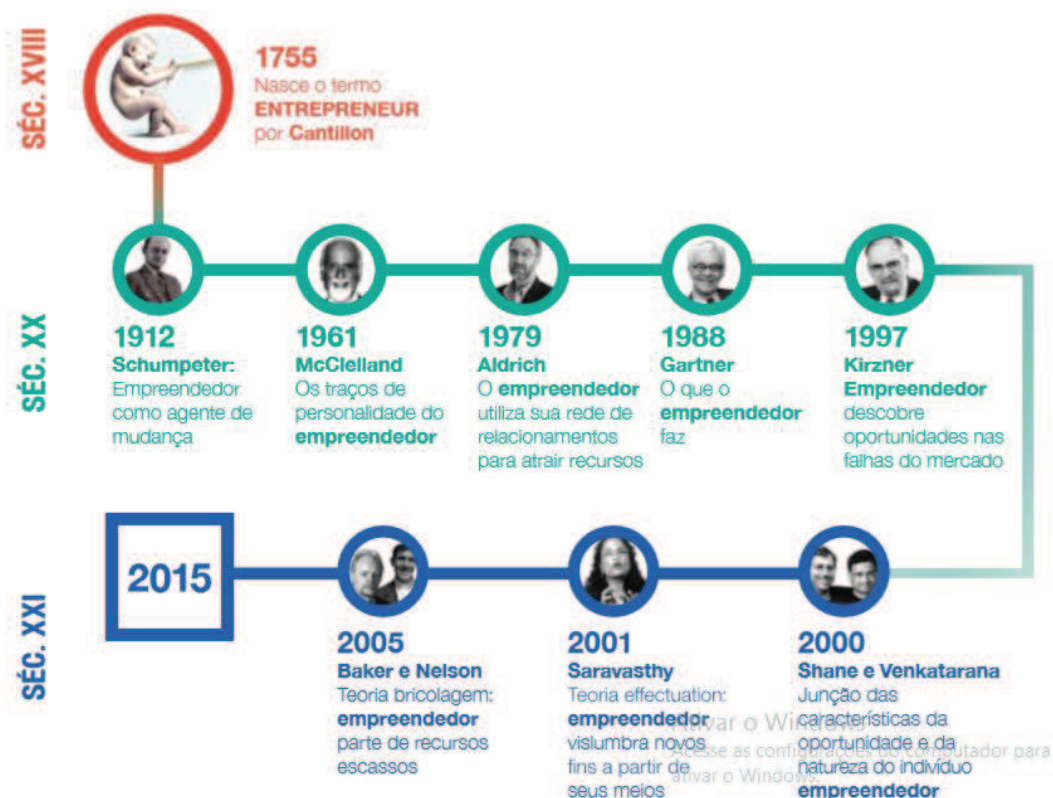
O quinto capítulo destaca a revisão da literatura sobre educação empreendedora, suas principais abordagens teóricas e algumas deficiências do campo. É importante dizer que esse capítulo apresenta alguns quadros pertinentes em relação ao assunto, nos quais são abordados os seguintes temas: modelo de educação empreendedora; justificativas para a educação empreendedora; competências empreendedoras; abordagens e metodologias para o ensino do empreendedorismo.

Na parte final do relatório, o sexto e o sétimo capítulos destacam a visão dos especialistas com o resultado e a síntese das entrevistas e dos questionários que foram realizados no segundo capítulo. Por fim, o oitavo capítulo foi destinado aos centros de pesquisa em empreendedorismo no Brasil e no mundo. Em seguida, tem-se o nono e o último capítulo que trata da conclusão. Segundo o SEBRAE:

A visão dos especialistas entrevistados corrobora os achados da literatura. Em suas falas, apontam esse fortalecimento do campo acadêmico de pesquisas sobre empreendedorismo. Ao mesmo tempo, reafirmam os desafios atuais da prática de ensino. Todavia, demonstram um compromisso com o fortalecimento dessa prática, especialmente através da elaboração de novas metodologias de ensino e da reflexão em torno das pedagogias frequentemente utilizadas. (SEBRAE, 2016, p.141).

A partir da análise, percebe-se que o estudo apresenta diversas contribuições acerca do empreendedorismo e da educação empreendedora. Na figura 1 o SEBRAE mostra uma linha do tempo com os autores que vêm se dedicando aos estudos sobre empreendedorismo:

Figura 1: Linha do tempo de trabalhos seminais em empreendedorismo



FONTE: Relatório do SEBRAE.

De acordo com o relatório, o empreendedorismo pode ser dividido em 3 fases de estudo. No início dos anos 1980, a primeira fase denominada *take off* – próxima à Psicologia, buscava investigar os traços e a personalidades dos empreendedores. Nos anos 1990, a segunda fase ansiava por autonomia acadêmica e legitimidade diante dos outros campos, como a Psicologia, a Sociologia e a Economia. Já a última fase, nos anos 2000, buscava pela maturidade acerca do empreendedorismo e é, ainda hoje, determinada por um esforço de amadurecimento social e cognitivo.

Ademais, a pesquisa realizada pelo SEBRAE mostra que o empreendedorismo pode ser dividido em três grandes correntes. Nessas correntes é comum que alguns autores, por terem produzido alguma pesquisa inicial sobre o empreendedorismo ou definido determinados conceitos, tornem-se referência para os demais estudiosos que seguem pesquisando a temática. Cabe destacar que as diferentes correntes possuem processos denominados: *causation* “[...] modelo tradicional de descoberta de oportunidades” (SEBRAE, 2016, p. 47), *effectuation*, “método baseado em uma lógica racional” (SEBRAE, 2016, p. 78) e *bricolagem* “o termo bricolagem origina-se do

antropólogo Lévi-Strauss, que o cunhou em 1966 para diferenciar as ações de um engenheiro das ações de um faz-tudo (bricoleur)” (SEBRAE, 2016, p. 47).

Apresento, a seguir, a partir do material publicado pelo SEBRAE (2016) as três correntes do empreendedorismo:

1) *Corrente Econômica* – Richard Cantillon⁵ (1680-1734) é quem remete o termo empreendedorismo a um significado econômico. O autor é o pioneiro no assunto demonstrando a função empreendedora na sociedade. Porém, o grande pesquisador dessa corrente é Joseph Alois Schumpeter⁶, pois tornou a pesquisa sobre empreendedorismo mais ampla, além de ter associado o desenvolvimento econômico com a inovação. Quem realiza um paralelo com essas ideias é Saras Sarasvathy⁷, idealista do método *effectuation*.

2) *Corrente Comportamentalista* – por não conseguir se estabelecer apenas no campo da Economia, foi preciso reflexões em outras áreas, tais como: Psicologia, Sociologia e Antropologia, que integram o campo de estudos acerca do empreendedorismo. Dessa forma, tal corrente se concentra na ciência comportamental analisando os indivíduos e as equipes. A obra: *The Achieving Society (A sociedade competitiva)* de David C. McClelland⁸ foi lançada em 1961 com essa abordagem, tornando-se um dos principais escritos desse período. A obra buscou compreender as características pessoais e os traços do empreendedor.

3) *Corrente de Praticagem* – Nessa corrente as atenções são voltadas para as ações do empreendedor, isto é, no que ele faz. Logo, “[...] o foco da análise está na forma como o empreendedor age, na observação do desenvolvimento do processo empreendedor”. (SEBRAE, 2016, p.47). Saras Saravasthy (2001) vem ganhando destaque nessa corrente, já que seus estudos consistem no modo de fazer e da tomada de decisão do empreendedor. Para a autora:

O *effectuation* consiste na escolha entre vários efeitos possíveis, usando um grupo particular de meios. É um processo criativo, imaginativo, colaborativo, que não busca prever o futuro, mas controlar os aspectos de um futuro imprevisível. (SEBRAE, 2016, p. 47).

⁵ Economista Franco-Irlandês.

⁶ Economista Austríaco.

⁷ Professora e pesquisadora em Administração e Empreendedorismo nos EUA.

⁸ Psicólogo Norte-Americano.

Baker e Nelson (2005) também contribuem para os estudos dessa corrente ao tratarem do termo bricolagem, que difere do termo *effectuation*. Essas abordagens se complementam.

Desse modo, o relatório analisado apresenta como autores principais podem ajudar na compreensão da relação entre educação e empreendedorismo, são eles: Schumpeter (1934;1942); Dolabela (2008); McClelland (1961); Saravasthy (2001); Baker e Nelson (2005).

1.2.2 Educação para o empreendedorismo: implicações epistemológicas, políticas e práticas

A tese de Doutorado em Educação, intitulada *Educação para o Empreendedorismo: Implicações Epistemológicas, Políticas e Práticas*, de Marival Coan (2011) buscou compreender os propósitos da educação para o empreendedorismo, investigando a articulação existente entre os interesses empresariais e a educação.

A pesquisa foi dividida em seis capítulos. O primeiro capítulo, além de ser introdutório, apresenta o problema de pesquisa, os objetivos e as hipóteses do autor. O segundo capítulo mostra o histórico e os conceitos acerca do empreendedorismo, e o terceiro a relação entre empreendedorismo e educação. No entanto, o quarto e o quinto capítulo foram direcionados especificamente ao tema da educação para o empreendedorismo na União Europeia, Portugal e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). O sexto e último capítulo foi reservado para as considerações finais.

A partir do meu tema de pesquisa, optei por dialogar com os primeiros capítulos da Tese nos quais o autor faz alguns questionamentos, tais como: o que significa educar para o empreendedorismo? Segundo Coan (2011) o empreendedorismo é apresentado para as escolas como novidade e possível alternativa para tirar a educação de uma - suposta - crise. Coan realizou sua pesquisa tratando de autores que trabalham com o tema; iniciou por Fernando Dolabela já que o mesmo tem projetos na educação básica e profissional em processo de consolidação, organizados a partir da proposta de uma pedagogia empreendedora. De acordo com Coan:

Dolabela, considerado uma das maiores referências no assunto, sustenta a necessidade do desenvolvimento da pedagogia empreendedora como forma de trazer novo dinamismo à educação e adequá-la para capacitar

as novas gerações. Segundo o site do autor, a partir da criação dos programas de ensino de empreendedorismo para a educação básica e universitária, ela [pedagogia empreendedora] já promoveu a capacitação de diversos professores que desenvolvem projetos, em diversas escolas e regiões do Brasil. (COAN, 2011, p.146).

Ao apresentar as concepções contemporâneas sobre o empreendedorismo, citou autores como Peter Drucker, considerado o pai e o mestre da Administração Moderna e David McClelland, psicólogo norte-americano. Os dois autores explicitam as características da personalidade que marcam o perfil empreendedor. Drucker (1998) almeja que toda sociedade seja empreendedora, tornando-se, assim, uma sociedade empresarial. O autor ressalta ainda a importância do aprendizado permanente. Já McClelland (1972) alimenta a ideia de que os empreendedores possuem características psicológicas próprias, o que os difere das outras pessoas.

Na visão de Coan:

A partir dos anos de 1980, houve grande expansão do empreendedorismo no campo educacional com o desenvolvimento de várias pesquisas (DEGEN, 1989; DRUCKER 1986, FILION 1991, 1999) em diversos países (EUA, Canadá, França), principalmente nas áreas das ciências humanas e gerenciais. Essas pesquisas tratavam de temas, como: características comportamentais de empreendedores, educação empreendedora, pesquisa empreendedora, pedagogia e cultura empreendedora, empreendedorismo e sociedade, empreendedorismo e pequenos negócios, novas oportunidades, desenvolvimento e gerenciamento de negócios, intraempreendedorismo, auto-emprego, entre outros. As pesquisas eram voltadas à busca de estratégias para garantir o sucesso dos novos empreendimentos, com acentuada articulação escola/universidade e empresas. (COAN, 2011, p.148).

Conforme afirma o autor, isso foi possível pelo avanço tecnológico, que possibilitou o fácil acesso às informações. Os autores que contribuíram para que Coan fizesse essa afirmação foram: José Dornelas e Louis Filion. De acordo com Coan (2011, p.143) “[...] a grande procura pelos estudos do empreendedorismo, no entanto, se deu nos últimos tempos, no final do século XX e no início do século XXI”.

Segundo Coan (2012) os estudos sobre o empreendedorismo englobam duas grandes vertentes: nos estudos da Economia e Negócios e nas áreas de Administração, Psicologia e Sociologia. A partir dessas vertentes que se fundamenta a necessidade de se educar para o empreendedorismo. Logo, o documento do SEBRAE deixa claro que o empreendedorismo em determinado momento começa a perder espaço nos estudos da

história econômica, e é quando isso ocorre que os acadêmicos da Psicologia e da Sociologia começam a pesquisar os traços e as características do indivíduo empreendedor.

Por fim, os principais autores que auxiliaram a pensar a temática referente à educação e ao empreendedorismo na tese de Coan (2011) foram: Dolabela (1999); McClelland (1972); Dornelas (2001); Drucker (1998); Filion (1999);

1.2.3 Ensino do empreendedorismo na educação básica: a formação do cidadão empreendedor em questão

A dissertação de mestrado em Educação, intitulada *Ensino do Empreendedorismo na Educação Básica: A formação do cidadão empreendedor em questão*, produzida no ano de 2015, foi dividida em 5 capítulos. Nela, a autora Fernanda Goes da Silva realizou um mapeamento de estudos direcionados ao empreendedorismo na educação. Sua pesquisa está relacionada a um viés crítico, bem como serviu de base para pensar a relação do ensino com o empreendedorismo, temática estudada nesta investigação.

No primeiro capítulo, além da introdução, a autora apresentou o desenho da pesquisa, a metodologia e o estado da arte. No segundo, deu destaque ao empreendedorismo no cenário neoliberal globalizado, articulando empresa e educação. No terceiro capítulo, descreveu os procedimentos e os resultados preliminares da pesquisa, e, no quarto capítulo, buscou compreender o empreendedorismo através de diferentes eixos. Por fim, o último capítulo foi destinado às considerações finais.

O quarto capítulo aborda a discussão e a análise dos diferentes eixos relacionados ao empreendedorismo, destacando o problema e o percurso da pesquisa. O primeiro eixo escolhido por Silva refere-se ao empreendedorismo como fenômeno social. Nesse eixo, a autora apresenta as contribuições de Dolabela para o ensino do empreendedorismo. Além disso, apresenta uma certa incerteza no método da *pedagogia empreendedora*. Na visão de Silva (2015, p.111):

O próprio Dolabela (2008) reconhece que o empreendedorismo ainda não é uma ciência, mas afirma que o tema está entre as áreas em que mais se pesquisa e publica nos últimos anos. Ele não apresenta dados de pesquisas que confirmem esta posição do tema em questão e nem menciona que essas pesquisas situam-se mais na área dos cursos bacharelados, principalmente no campo da Administração.

No segundo eixo, Silva (2015) faz uma abordagem histórica do empreendedorismo como estratégia de negócios. Para tal, faz uso dos autores como Filion, Schumpeter e Dornelas. No terceiro e último eixo escolhido, discute o empreendedorismo no viés de uma estratégia educacional. Nesse eixo, a autora contemplou diversas categorias, entre elas a educação empreendedora, tendo como pano de fundo as teorias de José Dornelas acerca do tema:

Segundo Dornelas (2014), o empreendedorismo tem sido o centro das políticas públicas em diversos países e destaca que o reconhecimento da importância do empreendedorismo como sendo uma política pública, que pode gerar benefícios para a sociedade e para a economia mundial já ganhou destaque frente a vários organismos internacionais. Ele ainda observa que, no mundo globalizado, com novas exigências, tanto para os indivíduos como para as organizações, paira a ameaça de que se não adaptarem às mudanças estarão fadadas ao fracasso. (SILVA, 2015, p.129).

A dissertação de Mestrado analisada apresenta como os autores principais podem ajudar a compreender a relação entre educação e empreendedorismo: Dolabela (2008); Filion (1999); Schumpeter (1987); Dornelas (2014).

1.2.4 Confluência dos estudos apresentados

O objetivo dessa subseção é mostrar que a partir da confluência dos três estudos norteadores - SEBRAE (2016), Coan (2011) e Silva (2015) – foi possível chegar aos principais autores que tratam do tema da educação empreendedora e, a partir disso, selecionar o recorte da presente pesquisa, bem como as obras que compuseram o material empírico. Assim, destaco no quadro de número 9 cada um dos autores encontrados que, de alguma forma, contribuíram para pensar a relação entre educação e empreendedorismo.

Quadro 9: Autores identificados nos três estudos selecionados

Autores encontrados no relatório do SEBRAE (2016)	Autores encontrados na tese de Coan (2011)	Autores encontrados na dissertação de Silva (2015)
Fernando Dolabela	Fernando Dolabela	Fernando Dolabela
Joseph Alois Schumpeter	Peter Drucker	Joseph Alois Schumpeter
Ted Baker	Louis Filion	Louis Filion
Reed E. Nelson	José Dornelas	José Dornelas
David C. McClelland	David C. McClelland	
Saras Sarasvathy		

FONTE: Elaborado pela autora.

Na sequência, apresento um novo quadro dos autores a partir da corrente que integram:

Quadro 10: Autores identificados nas suas respectivas correntes

Corrente Econômica	Corrente Comportamentalista	Corrente da Praticagem
Joseph Alois Schumpeter	Fernando Dolabela	Saras Sarasvathy
José Dornelas	David C. McClelland	

FONTE: Elaborado pela autora.

Fernando Dolabela, da corrente comportamentalista, aparece nos três estudos selecionados, uma vez que tematiza o ensino do empreendedorismo, no decorrer do processo de escolarização, por meio da Pedagogia Empreendedora. Logo, selecionei este autor para ser estudado na presente pesquisa.

Nas informações apresentadas no Relatório do SEBRAE, a pedagogia empreendedora ou a educação empreendedora - tão discutidas hoje por empresários, economistas, administradores, “educadores” - aparecem como “pré-existentes”. Parti do pressuposto de que a pedagogia empreendedora – movida em grande medida pela pedagogia dos sonhos – permite que o tema do empreendedorismo seja pautado em diferentes níveis de ensino, e não apenas no Ensino Superior.

Esses comportamentos que precisariam ser ensinados passam por um viés da noção de desenvolvimento de competências, habilidades e emoções, tais como: planejar, sonhar e correr riscos, e colocam em circulação o tipo de sujeito a ser formado.

Corroborando com essas ideias, temos o escritor e palestrante Fernando Dolabela, conhecido pelos estudiosos desse campo como o “Monstro do empreendedorismo”, já que foi ele quem criou o termo e o conceito de *pedagogia empreendedora*, sendo produtor de uma vasta literatura direcionada a essa temática.

Desse modo, conforme já referido, na presente investigação procurei compreender a pedagogia empreendedora de Fernando Dolabela, que pressupostos ela coloca em circulação e como ela contribui com a proliferação da educação empreendedora nas escolas. Sendo assim, a definição do problema está completamente atrelada à revisão de literatura e aos três estudos analisados nas subseções deste capítulo.

No terceiro capítulo, apresentarei de forma mais detalhada algumas informações sobre Fernando Dolabela, suas principais obras e os critérios utilizados na definição do *corpus* empírico. Porém, antes de entrar nos caminhos metodológicos – capítulo 3 – discuto, no próximo capítulo, as transformações que ocorreram no mundo do trabalho, contribuindo para que a educação empreendedora ganhasse cada vez mais espaço dentro do campo da educação. Tais discussões compõem a trama na qual a presente pesquisa se inscreve.

2 TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO, A CULTURA DO EMPREENDEDORISMO E O EMPRESARIAMENTO DE SI

A aprendizagem só ocupa a centralidade que é atribuída a ela nos dias de hoje, porque ela não se relaciona mais, apenas, aos conhecimentos escolares como eram tradicionalmente definidos, mas a formas de vida, ou seja, ela incorpora as maneiras pelas quais cada sujeito se torna capaz de governar a si mesmo. (LOCKMANN, 2013, p. 171).

Início com a epígrafe acima, pois ela vem ao encontro das discussões propostas neste capítulo. Na primeira seção, abordo o tema referente às transformações no mundo do trabalho, visto que a partir da mudança de ênfase do fordismo para o pós-fordismo surge uma nova visão do trabalhador a ser formado e o empreendedorismo parece ser uma das grandes saídas para os sujeitos que precisam, a partir desta lógica, tornarem-se cada vez mais empresários de si mesmos. Além disso, discuto como a educação empreendedora tem pautado a agenda educacional contemporânea. Na segunda seção, apresento alguns materiais que têm circulado na sociedade atual sobre o *ethos* empreendedor. De acordo com tais materiais, umas das funções centrais da escola deveria ser a formação de sujeitos para o século XXI, ou seja, sujeitos flexíveis que assumam os riscos de suas escolhas e que passam a ser cada vez mais “responsabilidades individuais”. Segundo Ulrich Beck:

Produz-se cada vez mais marcadamente uma separação entre o pleno emprego e um sistema de subemprego flexível, plural e individualizado. As desigualdades agravam-se e permanecem na zona cinzenta. O ponto central da vida transfere-se do posto de trabalho e da fábrica para a configuração e experimentação de novas formas e estilos de vida. (BECK, 2010, p.141).

Os autores que dão sustentação para as discussões realizadas no capítulo são: Richard Sennett (2005), que discute o capitalismo flexível e seus efeitos sobre os sujeitos e as instituições; Cesar Sanson (2010), que apontou diversas maneiras de nomear o enfraquecimento da sociedade industrial, bem como a emergência da economia do imaterial e do trabalho imaterial, mostrando que a tecnologia informacional é o principal fator dessa revolução; Pierre Dardot e Christian Laval (2016), que apresentam o que há de novo no neoliberalismo, uma racionalidade global para além da doutrina ideológico-econômica, transformando profundamente a sociedade de forma difusa e intensa,

estendendo seus padrões de conduta, ação e pensamento a todas as relações sociais na contemporaneidade.

Nesse contexto, o *empresário de si* pode ser pensado como uma figura dessa nova racionalidade: o “eu sujeito empresarial”, como se cada indivíduo fosse uma empresa que deve se autogerir com o mínimo de intervenção do Estado, bem como deve ser provedor de direitos básicos. Isso incute uma nova lógica nas mentes dos indivíduos pós-modernos, baseada em formas de trabalho e atuação social, marcadas por termos como: flexível, fluído e profundamente individualista. Assim:

A estratégia neoliberal consistirá, então, em criar o maior número possível de situações de mercado, isto é, organizar por diversos meios (privatização, criação de concorrência dos serviços públicos, “mercadorização” de escola e hospital, solvência pela dívida privada), a obrigação de escolher para que os indivíduos aceitem a obrigação de mercado tal como lhes é imposta “como verdade”, isto é, como única “regra do jogo e assim incorporem a necessidade de realizar um cálculo de interesse individual se não quiserem “perder o jogo” e, mais ainda, se quiserem valorizar o seu capital pessoal num universo em que a acumulação parece ser a lei geral da vida. (DARDOT; LAVAL, 2016. p. 217).

A partir disso, percebe-se que a concepção do que é um bem público se torna diluída e não reivindicável, bem como a distribuição dos direitos ligados à cidadania, como, por exemplo, proteção social, igualdade de tratamento e universalidade.

Conforme já mencionado, na próxima seção, destaco a mudança de ênfase do fordismo para o pós-fordismo.

2.1 A PASSAGEM DA SOCIEDADE INDUSTRIAL PARA A SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL

Ao discutir a transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX, David Harvey (1992) problematizou de que forma as estruturas do sistema fordista influenciaram o tipo de educação formal que se apresenta hoje. Cabe destacar que o fordismo – e sua administração fabril – teve origem no início do ano de 1914, tornando-se a essência da Sociedade Industrial, na qual a lógica do capital reproduzia no sujeito determinada subjetividade, conhecida como classe operária. (SANSON, 2010).

Na constituição da sociedade industrial, está ainda a introdução de novas tecnologias responsáveis pela redivisão social e técnica do trabalho. Uma das consequências mais evidentes da sociedade industrial é o estabelecimento de relações sociais de forte vínculo entre os trabalhadores, que se expressam nas lutas operárias e na criação de sindicatos. Os trabalhadores adquirem consciência histórica de sua condição assalariada e organizam-se como classe social, que entra em conflito com os interesses do capital. (SANSON, 2010, p.7).

Ainda neste período histórico, Henry Ford⁹ tinha por objetivo otimizar sua produção para aumentar cada vez mais o seu lucro, revolucionando a atividade industrial e – através do que hoje conhecemos por linha de montagem – e o pensamento capitalista – aumentando a renda dos seus funcionários por constantes bônus em função do aumento de produtividade. Desse modo, seus funcionários podiam comprar os carros fabricados por eles mesmos, na época conhecidos como Ford T¹⁰.

Assim, Ford entendeu que estimular o entusiasmo e o interesse do trabalhador fazia com que ele trabalhasse melhor e, por consequência, ele produzia mais. Com todas essas alterações no modo de produção, o trabalho artesanal sofreu uma grande queda, e o que passou a ganhar espaço foi o trabalho manufatura, no qual as etapas do processo são fragmentadas, diferentemente de como funcionava nas corporações de ofício, onde os próprios artesãos eram responsáveis por todas as etapas do processo produtivo, possuindo certa autonomia (SANSON,2010). O autor afirma que:

Com o fordismo, a “sociedade se tornou fábrica” (NEGRI e HARDT, 2001) e encerrou o sujeito do trabalho em uma “jaula de ferro” (SENNETT,2006). O fordismo é tributário da evolução das forças produtivas, sobretudo da (r)evolução dos meios técnicos que se seguiu à Revolução Industrial de 1780. A célula original do fordismo encontra, no sistema do trabalho cooperação artesanal e da manufatura, a sua origem, como descreveu Marx (1985a). Do ponto de vista da organização do modo produtivo, a essencialidade do fordismo reside na radicalização da parcelização do trabalho. Desta maneira, o trabalhador passa a ser conhecido como alguém parcial, sendo necessário apenas para desenvolver tarefas simples e repetitivas, não tendo acesso ao processo como um todo (SANSON, 2010, p.23).

A partir das mudanças que ocorreram com o trabalho e o trabalhador a partir da passagem do sistema feudal para o fordismo, acredito que dois pontos merecem atenção: um deles é a dimensão que o trabalho passa a ter na vida no sujeito, ocupando lugar

⁹ Empresário norte-americano que fundou a Ford Motor Company.

¹⁰ Automóvel produzido pela fábrica Ford Motor Company, que foi considerado posteriormente o primeiro carro popular da história.

central, dando sentido a própria vida, ficando a sociedade conhecida como sociedade do trabalho, na qual os jovens, as crianças e as mulheres ganham espaço neste novo mundo (SANSON, 2010). O outro ponto, que de acordo com as teorias do autor também ganha destaque, é a desvalorização da força de trabalho a partir do trabalho maquinofatura, já que o trabalhador não possui mais autonomia, tornando-se parte da engrenagem do sistema de produção:

A manufatura significa, portanto, sempre mais a decomposição e a parcelização do trabalho, com um aspecto distintivo em relação aos ofícios, o fato de deixar de ser realizado artesanalmente devido a separação entre concepção e execução, não permitindo que o trabalhador tenha o controle sobre o conjunto do processo de trabalho. Temos aqui a origem do trabalho especializado, desqualificado e despojado do seu enriquecimento. (SANSON, 2010, p.17).

Em substituição ao fordismo começou a surgir, na década de 1970, o Toyotismo¹¹ e o *Welfare State*, que marca o início do pós-fordismo. Nesse modelo de sociedade pós-industrial, busca-se um novo tipo de trabalhador, isto é, um sujeito que seja proativo, comunicativo e que saiba trabalhar em equipe. Com isso, o discurso que passa a ser reproduzido num número crescente de empresas é: *Falem, estamos trabalhando!*

Sennett (2005) faz uma crítica bem interessante sobre o trabalho em equipe. O autor nos faz refletir sobre que equipe é essa? Para o autor, é uma equipe que se forma de maneira pontual e se desfaz tão rápido que não dá tempo de amadurecer as relações. Mesmo quando se fala em equipe, está se falando na lógica de curto prazo, ou seja, da flexibilidade, não permitindo a ideia do entrosamento e do aprofundamento das relações. Assim:

O tempo das equipes é mais flexível e voltado para tarefas específicas de curto prazo do que para a soma de décadas caracterizadas pela contenção e a espera. O trabalho em equipe, porém, nos leva ao domínio da superficialidade degradante que assedia o moderno local de trabalho. Na verdade, o trabalho em equipe deixa o reino da tragédia para encenar as relações humanas como uma farsa. (SENNETT, 2005, p. 127).

Percebe-se que esse novo perfil de trabalhador, esperado pela sociedade pós-industrial, representa diversas mudanças que ocorreram na transição de um sistema

¹¹ Também conhecido como modelo de acumulação flexível é um modelo de produção industrial criado após a segunda grande guerra caracterizado pela utilização de mão de obra bem qualificada, que executava inspeções visuais em cada fase do processo a fim de melhorar o controle.

produtivo para outro. Na sociedade fordista, a produção era em massa, o consumo era padronizado e a produção era de dentro para fora. Já na era da sociedade pós-fordista passa-se da esfera da produção em massa para a produção flexível, momento em que o consumidor é quem irá definir o ritmo e o modelo de produção. Logo, a produção passa a ser de fora para dentro, pois o consumidor começa a precisar de mais, corroborando com a criação das necessidades de consumo (SANSON, 2017). Compreende-se, assim, o que Maurizio Lazzarato e Antonio Negri (2001) explicam ao articular a relação do trabalho imaterial:

Os trabalhadores imateriais (aqueles que trabalham na publicidade, na moda, no marketing, na televisão, na informática etc.) satisfazem uma demanda do consumidor e ao mesmo tempo a constituem. O fato de que o trabalho imaterial produz ao mesmo tempo subjetividade e valor econômico demonstra como a produção capitalista tem invadido toda a vida e superado todas as barreiras que não só se separavam, mas também opunham economia, poder e saber. (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p. 47).

Sendo assim, pode-se dizer que o trabalho imaterial consiste em uma esfera, sendo difícil distinguir qual é o tempo de trabalho e qual é o tempo de lazer, uma vez que os dois tempos se unificam, constituindo, assim, novas subjetividades. Em relação à criação das necessidades de consumo:

A “necessidade de consumir, a capacidade de consumir, a pulsão a consumir” não são mais produzidas indiretamente pelo objeto (produto), mas diretamente por dispositivos específicos que tendem a identificar-se com o processo de constituição da ‘comunicação social’. A publicidade e a produção da ‘capacidade de consumir, do impulso ao consumo, da necessidade de consumir’, transformaram-se num ‘processo de trabalho’. O trabalho imaterial produz acima de tudo uma relação social (uma relação de inovação, de produção, de consumo) e somente na presença desta reprodução a sua atividade tem um valor econômico. Esta atividade mostra imediatamente aquilo que a produção material ‘escondia’ – vale dizer que o trabalho não produz somente as mercadorias, mas acima de tudo a relação de capital. (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p.46).

Um fator importante, que contribuiu para o fortalecimento dessa nova sociedade, foi a revolução tecnológica ou revolução informacional. Com a revolução tecnológica o conhecimento passou a ser fundamental na sociedade pós-industrial, pois é ele que fomenta que os sujeitos sejam competitivos e inovem o processo produtivo (SANSON, 2017). Segundo Manuel Castells:

[...] sob a perspectiva do processo produtivo, essa revolução assume um caráter profundamente transformador. O caráter inovador da Revolução Tecnológica/Informacional reside no fato de que ela supera o tratamento que era dado à informação pela Revolução Industrial anterior. As Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) agem diretamente sobre a informação e ‘não são apenas informações de que dispomos para agir sobre a tecnologia, como foram os casos das revoluções tecnológicas anteriores (...) e permitem a possibilidade de estruturar o não estruturado, de criar interação’. (CASTELLS, 1999, p. 78).

Sabe-se que no fordismo a rotina imperava, isto é, o sujeito tinha seu “tempo controlado”, com horários de entrada e saída na empresa e com tarefas repetitivas, que exigiam outra relação com o conhecimento. No pós-fordismo isso muda, e as empresas passam a exigir cada vez mais competências e habilidades dos trabalhadores. A relação com a rotina se altera, e os tempos/espacos do trabalho e da produtividade assumem a vida de um modo geral. Giuseppe Cocco, Alexander Patez Galvão e Geraldo Silva (2003, p.15) enfatizam que “[...] a passagem do fordismo ao pós-fordismo pode ser lida como a passagem de uma lógica da reprodução a uma lógica da inovação”. Henrique Nardi (2006), por sua vez, complementa o argumento dos autores ao mostrar-nos que a preocupação com a inovação já existia, mas não era vista como agora:

Na sociedade fordista a inovação existia, mas era compreendida como uma perturbação. O portador desta inovação era um ser “fora do normal”. Na chamada sociedade pós-fordista e cognitivista (como descreve o autor¹²), a inovação transforma-se no principal fator que adiciona valor. Neste novo quadro, os agentes que contribuem com as inovações de alto nível (técnico, estratégico ou comercial) devem fazer uso da criatividade, característica que, por sua vez, passa a definir aqueles que estão “dentro da norma”. Os “criativos” (mas cuja “criatividade” é direcionada aos objetivos do capital) formam a nova “classe dominante” e aqueles que não dispõem das competências necessárias para contribuir com a mudança transformam-se na “classe dominada”. Estas modificações impostas nos locais de trabalho, constituem-se em novos dispositivos que vão configurar a subjetividade dos trabalhadores. (NARDI, 2006, p. 64).

Assim, importa dizer que embora o trabalho flexível rompa com a rotina e a burocracia, ele não consegue superar o trabalho fordista, mas, pelo contrário, precariza - ao extremo - as relações de trabalho e os próprios homens (SENNETT, 2005). O autor

¹² Bernard Paulré, Professor de Economia na Universidade de Paris. Para maiores informações consultar a obra: *Da Nova Economia ao Capitalismo Cognitivo* (2000).

explica que a tarefa dos trabalhadores contratados, muitas vezes, resume-se em simplesmente “apertar botões”, deixando de lado a experiência de cada um. Logo, há uma superficialidade do trabalho. Tal fato corresponde ao que vem ocorrendo na sociedade pós-fordista, quando as empresas exigem que os trabalhadores invistam em seus currículos, se qualifiquem, porém, mesmo quando isso ocorre, as tarefas não correspondem aos conhecimentos que foram solicitados. Pode-se se dizer que no contexto das novas relações de trabalho o sujeito se vê corroído, ou seja, não há uma destruição do caráter, mas um caráter corroído aos poucos.

O termo caráter concentra-se sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional. É expresso pela lealdade e o compromisso mútuo, pela busca de metas a longo prazo, ou pela prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro. (SENNETT, 2005, p. 10).

Com todas essas transformações, o sujeito passa a ser responsabilizado pelo seu sucesso e pelo seu fracasso, tendo que investir em capital humano para, quem sabe, conseguir encontrar um lugar no mercado de trabalho, que, muitas vezes, não ocupará toda a preparação investida. Sennett elucida que na contemporaneidade “[...] as qualidades do bom trabalho não são as mesmas do bom caráter” (SENNETT, 2005, p.19). Essa questão discutida na próxima seção a partir do tema do empresariamento de si.

Corroborando com as ideias que foram apresentadas até o momento, Karla Saraiva e Veiga-Neto (2009, p. 191) afirmam que “[...] está-se diante de um trabalho que já não prioriza o corpo e seus movimentos mecânicos, mas a alma e seu poder criativo.” Assim, desde a década de 1980, essa racionalidade vem se ressignificando, ficando claro que agora estamos diante de uma sociedade de consumidores, do acontecimento, ou seja, estamos diante de uma cultura do instantâneo (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009). Se antes se vivia no que chamavam de: sociedade da caderneta de poupança ou capitalismo industrial, no qual a satisfação podia ser adiada e o futuro era administrável, com a passagem de ênfase para a sociedade do cartão de crédito ou capitalismo cognitivo, a satisfação é imediata e o corpo não é mais priorizado (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009).

Os apontamentos realizados até o momento ressaltam a ideia de individualização sistêmica e que há uma privatização da conduta humana, bem como um crescente processo no qual os resultados atingidos pelos sujeitos estão associados à sua responsabilização e às suas escolhas individuais. Nessa perspectiva, López-Ruiz (2007) explica que:

Enquanto empresário de si, o indivíduo tem que submeter sua propriedade às normas estabelecidas pelo mercado e deve pensar-se a si mesmo como um empreendimento: é necessário então investir em sua formação, em suas relações – em seu networking -, cotar no mercado – não só buscar emprego! -, desenvolver suas capacidades e agregar valor a sua carreira (dentro da qual, sua vida e sua profissão se devem incluir e não ao contrário). Carreira e vida se tornam, cada vez menos distinguíveis. (LÓPEZ-RUIZ, 2007, p. 69).

Ao analisarmos as transformações do mundo do trabalho, associadas às características da sociedade neoliberal, percebe-se que o que está em evidência com esse novo espírito do capitalismo são os sujeitos e a produção de uma riqueza imaterial a partir da orientação de seus comportamentos e da condução de suas vidas enquanto capital, ou seja, *empresários de si mesmos*, que pensam em si como empresas.

O espaço educacional passa a ser fundamental para essa nova concepção do sujeito a ser formado. Nesse sentido, na próxima seção, faço uma discussão inicial sobre as relações entre a empresa e a escola, bem como sobre os discursos que abarcam o empreendedorismo e a educação empreendedora. Importa dizer que ao falar em transformações no mundo do trabalho não entendo que uma lógica de trabalho substitua a outra, pois elas coexistem. Porém, a ideia do empreendedorismo e do capital humano como valores sociais (LÓPEZ-RUIZ, 2007) apresenta implícita concepção de que todos são afetados em maior ou menor grau pelo discurso da privatização dos riscos e da responsabilização dos sujeitos pelos seus sucessos e pelos seus fracassos.

Perante as informações destacadas, fiz uma breve análise referente ao que vem sendo pautado nas escolas no que diz respeito à educação empreendedora.

2.2 CULTURA DO EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO

Ao analisar a relação dos empresários brasileiros com a educação básica e a formação profissional, Alessandro de Melo (2009) declara que a proposta educacional defendida pelos empresários está marcada pela corrida pela competitividade, dentro de uma proposta educacional capitalista. Na opinião do autor:

O documento EBF¹³ aparece como norteador desta nova orientação formativa, em especial pela adoção de marcos como a empregabilidade e as três habilidades – básica, específica e de gestão – que completam o perfil do trabalhador adaptado aos tempos de competitividade e de um mercado de trabalho em crise, devido ao desemprego generalizado (MELO, 2009, p. 895).

As redefinições contemporâneas no papel da escola, que ocorreram e ocorrem devido à ênfase no mercado, encarregaram-se de levar o tema do empreendedorismo para os projetos pedagógicos das escolas, e, com ele, metodologias que propiciem ao estudante tornar-se um *empresário de si mesmo*, seja atuando em empresas ou como dono do próprio negócio, seja desenvolvendo competências e uma postura frente à vida e responsabilização pelas suas escolhas que não estão diretamente relacionadas à colocação imediata no mercado de trabalho, que é mutável.

Na base dessas propostas está a Teoria do Capital Humano e no tornar-se “empregável”. Theodore W. Schultz (1973) apresenta sua visão sobre o capital humano configurado na infância:

Uma classe particular de capital humano, consiste do “capital configurado na criança”, pode ser a chave de uma teoria econômica da população. A formação do “capital configurado na criança” pelo lar, pelo marido e pela mulher começaria com a criação dos filhos e prosseguiria ao longo de sua educação por todo o período da infância. (SCHULTZ, 1973, p.9).

Para Michel Foucault (2008) a Teoria do Capital Humano, que teve início nos Estados Unidos na Universidade de Chicago em 1960, representa um avanço da análise econômica para além do interior de seu próprio domínio. Além do sujeito usar tais aptidões a favor do mercado de trabalho, estará, também, usando-as a favor de si mesmo e de seu empresariamento. Em outras palavras, o *Homo economicus*,

[...] é um empresário, e um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir a cada instante, o *homo economicus* parceiro da troca por um *homo economicus* empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda. (FOUCAULT, 2008, p.47).

¹³ Educação Básica e Formação Profissional é o documento que foi elaborado no ano de 1993 a partir da 6ª Reunião de Presidentes de Organizações Empresariais Ibero-Americanas, realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

O autor destaca, ainda, que no neoliberalismo começou a se produzir uma transformação epistemológica sobre as relações econômicas, de modo que o objeto da economia deixa de ser o estudo dos mecanismos de produção propriamente dito e passa a ser a ciência do comportamento humano (FOUCAULT, 2008). Desse modo:

O indivíduo deve considerar-se ele próprio um fragmento de capital, uma fração molecular do capital. O trabalhador não é mais um simples fator de produção, o indivíduo não é, rigorosamente, uma força de trabalho, mas um capital de competências, uma <<máquina de competências>> que acompanha um <<estilo de vida um modo de vida>>, uma escolha moral, uma <<forma de relação do indivíduo a si mesmo, ao tempo, a um ambiente, ao futuro, ao grupo, à família. (LAZZARATO, 2011, p.31).

Entende-se que essa teoria surge de uma reconfiguração do capitalismo e do avanço da racionalidade neoliberal, o que permitiu outros entendimentos a respeito do trabalho e do trabalhador. O autor ainda explica que “trata-se de fazer da sociedade uma <<sociedade empresarial>> e fazer do próprio trabalhador uma <<espécie de empresa>>.” (LAZZARATO, 2011, p.29). Segundo Melo:

A ênfase na educação básica, na formação de habilidades genéricas para os trabalhadores e a sua inserção como elemento para a competitividade, aos moldes da teoria do capital humano revisada, são partes desta concepção funcionalista de sociedade, em que a desigualdade se transforma em diferenças, em que classes sociais são substituídas pelo acento nas subjetividades. Por este caminho, percebe-se o perfil do trabalhador que se quer formar para os interesses da burguesia industrial: um trabalhador que não se compromete como elemento de classe, mas apenas consigo mesmo e com a empresa. (MELO, 2009, p.897).

Diante dos problemas que são enfrentados na sociedade, investir no empreendedorismo mostra-se, segundo esses empresários, como a melhor solução, corroborando com o que Sylvio de Sousa Gadelha Costa (2009) intitulou de *Cultura do Empreendedorismo*. Para o autor, essa cultura seria um dos desdobramentos da teoria do capital humano no campo educacional, e está diretamente relacionada a uma redução e a um empobrecimento das relações de sociabilidade e dos processos de ensino e de aprendizagem. O autor mostra que estamos diante de um novo momento do capitalismo e, junto a isso, de uma nova forma de poder, que busca programar e controlar os indivíduos nas suas formas de agir, sentir e pensar sobre si mesmos:

Além de fazer do empreendedorismo *uma visão de mundo*, uma maneira de ser, a cultura do empreendedorismo funciona de modo a fragmentar os indivíduos em mônadas, cada uma ficando responsável apenas por si mesma. Numa pedagogia empreendedora, afirma Fernando Dolabela, ‘o empreendedor é alguém que aprende sozinho’ (Dolabela, 1999, p.24). A iniciativa individual e o processo de *aprender a aprender* são muitos mais enfatizados do que o trabalho em equipe e o ensino, e devem voltar-se, sobretudo, para a inovação. (COSTA, 2009, p.181).

O autor discute a cultura do empreendedorismo associada à educação, bem como ela aparece como salvação para a suposta crise educacional, produzida a partir da necessidade da formação de sujeitos flexíveis para o século XXI.

Compreender os pressupostos da educação empreendedora e a sua inserção na Educação Básica, possibilita-nos buscar algumas alternativas no sentido de resgatar as vozes da educação sobre as funções da escola. Nesse sentido, concordo com Michael Apple (1994) quando o autor explica que não podemos:

[...] aceitar como legítima uma definição de educação que estabeleça como nossa tarefa a preparação de alunos para funcionar sem problemas nos “negócios” dessa sociedade. Nações não são empresas. E escolas não fazem parte de empresas, para ficarem eficientemente produzindo em série o ‘capital humano’ necessário para dirigi-las. (APPLE, 1994, p.52).

Cabe destacar que esse discurso do “aprender a aprender”, conforme foi mencionado por Costa (2009) anteriormente, é reproduzido no documento dos empresários reunidos na Confederação Nacional da Indústria (CNI, 2007), no qual convergem ideias acerca da empregabilidade e do empreendedorismo, que já haviam sido impostas nas políticas de educação básica nos anos de 1990 (MELO, 2009). Pode-se dizer que na década de 1990 tivemos grandes mudanças na educação brasileira, pois antes disso a escola era vista como um espaço burocrático, além de rígido e autoritário. Heloísa Lück e Kátia Siqueira de Freitas (2011, p. 78) destacam que “[...] o pensamento predominante era o de que as melhores escolas eram aquelas organizadas segundo o modelo de administração clássica”. No entanto, com a globalização e a expansão do neoliberalismo, a escola passou a atuar com mais flexibilidade, ou seja, passou de um modelo de *administração* para um modelo de *gestão*¹⁴. Saraiva e Veiga- Neto (2009, p.194) afirmam que “[...] a *gestão* apresenta-se como uma forma muito mais aberta do que a

¹⁴ Para aprofundar esta questão sugere-se a leitura de Klaus (2011; 2016).

administração”. Foi quando se começou a falar de inclusão, liderança, estratégias, gestão de projetos e participação dos pais na escola. Da mesma forma, Tomaz Tadeu da Silva (1996, p.111) explica que:

Embora se tenha usado a palavra “privatização” para caracterizar as propostas de reestruturação educacional neoliberais, ela é inapropriada porque não se trata apenas de privatizar – isto é, de entregar a educação à iniciativa privada – mas de fazer a educação pública funcionar à semelhança do mercado, algo um tanto diferente.

Com a reconfiguração/alargamento do papel da escola, o empreendedorismo começou a ganhar espaço na educação, contribuindo para a *pluralidade e multiplicidade* da escola. Analisando a fala dos autores citados nesta seção, percebe-se que vivemos em uma sociedade onde a escola é vista como a salvação de todos os problemas sociais que existem no país. Kamila Lockmann (2013, p.160) afirma isso ao apontar que “[...] problemas da ordem da saúde, da produtividade, do emprego, do uso de drogas, da gravidez na adolescência, se tornam, em nossa sociedade, problemas educativos ou educacionais”. Corroborando com esse argumento, Melo sugere que:

É importante retomar, para melhor compreensão, que os empresários insistem na crise do sistema educacional brasileiro, dando como solução a mudança gerencial do mesmo, corrompido pela má qualidade e pelo descompasso entre a formação realizada e as demandas sociais (entenda-se as demandas dos empresários para a formação de mão-de-obra). Esta mudança gerencial, portanto, aproximaria a gestão do sistema público de educação à gestão das empresas privadas, garantindo, assim, a eficiência e a eficácia necessárias para uma educação voltada para as exigências da competitividade. (MELO, 2009, p.909).

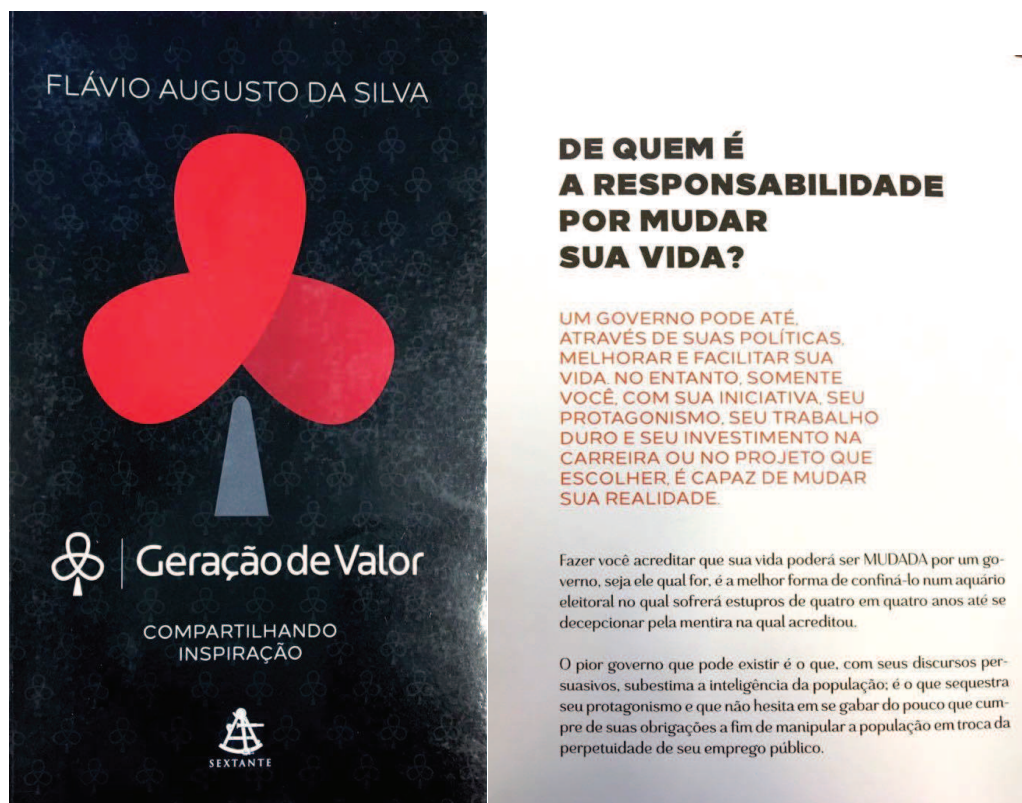
Com isso, pode-se observar que a escola, ao ter uma gestão associada aos modelos de uma empresa privada, contribui na educação de um aluno empreendedor, alinhado aos princípios do mercado; princípios que não condizem com o papel da escola, na perspectiva de contestação do modelo social vigente, isto é, aberta, de forma respeitosa, às diferentes culturas, aos sujeitos *outrora indesejados* e seus plurais valores. Gary Anderson (2010) explica que a educação passa a ser vista como uma mercadoria, perdendo o foco na formação de cidadãos em uma sociedade democrática. O autor ainda esclarece que “[...] o atual espetáculo da reforma escolar, embora clame pela melhoria da

educação de todas as crianças, muito frequentemente parece enfraquecer estes mesmos objetivos”. (ANDERSON, 2010, p.67).

Compondo esta trama argumentativa, gostaria de situar o leitor a respeito do que vem circulando em alguns materiais referentes ao empreendedorismo na educação e a educação empreendedora. Resolvi apresentar os três livros a seguir, sem explorar o conteúdo deles, com o intuito de exemplificar a recorrência da discussão da educação empreendedora. Poderia ter apresentado a proliferação do tema a partir de uma série de outras obras e de seus desdobramentos, como por exemplo, os projetos de *coaching* para crianças que estão atrelados ao desenvolvimento de algumas competências específicas desde a Educação Infantil. Todavia, o meu objetivo era mostrar um pouco do que tem circulado e o quanto alguns materiais “encantam” quem os lê, seja pela forma gráfica ou pelo seu conteúdo. Os ditos encontram-se a seguir e estão subdivididos em tópicos.

a) Livro Geração de Valor (2015)

Figura 2: Imagens retiradas do livro Geração de Valor



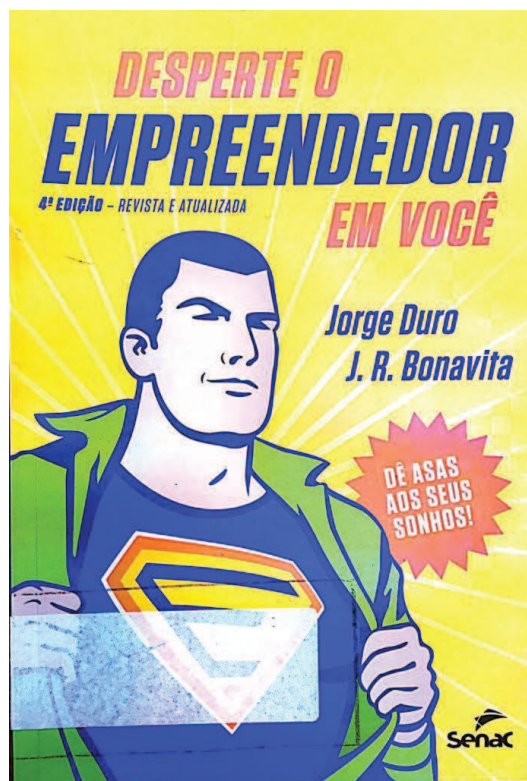
FONTE: SILVA, Flávio Augusto da. *Geração de Valor*. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

O livro acima é do autor Flávio Augusto da Silva¹⁵ que “compartilha inspiração” de forma “bem lúdica” e com uma linguagem voltada aos jovens. Flávio aparece como uma inspiração, pois fundou sua primeira empresa com 23 anos de idade. O autor busca questionar alguns padrões de conduta, bem como estimular os seus leitores e os GV’s (nomenclatura que o autor usa para chamar os seguidores do seu canal *Geração de valor* nas redes sociais) a tirar suas ideias do papel e colocá-las em prática. Silva conta em seu relato que foi morador da Periferia no Rio de Janeiro e que através do empreendedorismo se tornou um dos mais jovens bilionários do Brasil.

¹⁵ Pelo fato de algumas de suas principais ideias irem ao encontro do que autor Fernando Dolabela destaca em suas obras, mais uma das imagens deste livro ganhará destaque no capítulo analítico.

b) Livro: Desperte o empreendedor em você (2014)

Figura 3: Imagens retiradas do livro Desperte o Empreendedor em Você



FONTE: Duro, Jorge. Desperte o empreendedor em você/ Jorge Duro, J. R. Bonavita. – Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio de Janeiro, 2014.

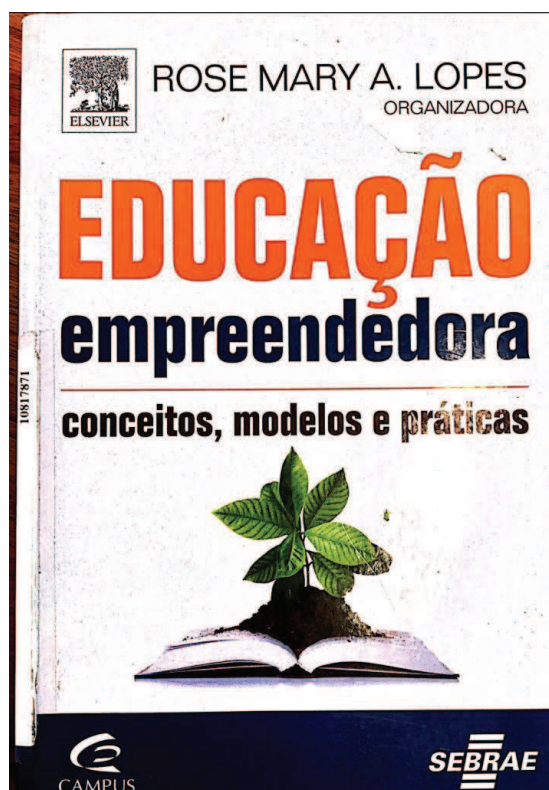
Jorge Duro (Engenheiro e Administrador de Empresas, com Mestrado e Doutorado em Administração de Empresas) e J. R. Bonavita (Formado em Publicidade e Propaganda e pós-graduado com MBA em Marketing) são os autores do livro que já está na sua 4ª edição. Importa dizer que a editora responsável pela publicação é a editora Senac Rio de Janeiro. Os autores alegam que:

Além do aumento do desemprego e da queda da renda, os brasileiros vêm enfrentando, desde a década de 1990, uma crescente “informalização” do trabalho, caracterizada pelo trabalho assalariado sem registro em carteira e pela atividade autônoma. Diante de tal cenário, os profissionais precisam cada vez mais desenvolver competências próprias do empreendedorismo. (BONAVITA; DURO, 2014, s/p).

Neste livro, os autores abordam o tema de “maneira lúdica”, com desenhos e imagens nas quais o leitor poderá colocar suas ideias em prática, e, assim, ir rumo ao sucesso.

c) Livro: Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas (2010)

Figura 4: Imagens retiradas do livro Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas



FONTE: Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas/ Rose Lopes (org.). – Rio de Janeiro: Eslevier; São Paulo.

Neste caso, pelo fato da obra estar direcionada a outro público, a mesma não possui uma linguagem jovial como a apresentada nos livros expostos anteriormente. O texto trata-se de uma literatura embasada na difusão da educação empreendedora no ensino superior, e tem como organizadora Rose Mary Almeida Lopes (Psicóloga e Mestre em Psicologia). Destaquei esse livro, pois ele aborda os referenciais para a educação empreendedora e a educação empreendedora no Ensino Fundamental:

Tais especialistas [do modelo de aprendizagem contínua defendido pelo Consórcio para a Educação Empreendedora (Consortium for Entrepreneurship Education, 2004)] alertam que desde a educação infantil é necessário que se estimule o desenvolvimento de posturas, atitudes, habilidades e aptidões empreendedoras, e que esse esforço

deve ser continuado nos níveis seguintes de educação. Para esses especialistas, a educação empreendedora significa desenvolver o potencial para agir sobre as situações, sobre as oportunidades, descobrindo e iniciando negócios, assim “o objetivo é se orientar de forma empreendedora ante as oportunidades” (2004). (LOPES, 2010, p.48).

Sabe-se que a educação empreendedora vai além da escola, no entanto precisa da escola enquanto *locus* privilegiado na formação de crianças e jovens. Desse modo, vários profissionais têm pautado a agenda escolar a partir de ideias de crise e decorrentes necessidades de reformas. Ao problematizar esse modelo de escola voltada ao mercado, Silva (1996) mostra que já havia um esforço do neoliberalismo na alteração do currículo escolar, preparando o aluno para competitividade. Ademais, o autor defende que:

Ao redefinir o significado de termos como “direitos”, “cidadania”, “democracia”, o neoliberalismo em geral e o neoliberalismo educacional, em particular, estreitam e restringem o campo do social e do político, obrigando-nos a viver num ambiente habitado por competitividade, individualismo e darwinismo social. (SILVA, 1996, p.23).

Tendo em vista que a escola se tornou um ambiente habitado pela competitividade e o individualismo, entre outros, o autor ainda destaca que “[...] percebemos os conhecimentos escolares sofrendo modificações importantes que passam a privilegiar uma gama de aprendizagens fundamentais para que cada sujeito seja capaz de governar a própria vida” (LOCKMANN, 2013, p.160). Para Jan Masschelein e Maarten Simons (2013) é essa visão da empregabilidade que assume destaque na escola contemporânea, corroborando com a lógica neoliberal na qual o sujeito passa a governar a si. Consequentemente, a educação deixa de ser um espaço de formação e passa a ser um lugar de aprender a aprender.

Após esse breve panorama das transformações no mundo do trabalho e das relações entre a instituição escolar e a formação de sujeitos empresários de si, apresento no próximo capítulo os caminhos metodológicos percorridos durante a investigação.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa, além de uma inspiração genealógica. Quanto à realização de um estudo de inspiração genealógica, Veiga-Neto (2011, p.60) explica que:

A genealogia não se propõe a fazer uma outra interpretação mas, sim, uma descrição da história das muitas interpretações que nos são contadas e que nos têm sido impostas. Com isso, ela consegue desnaturalizar, desessencializar enunciados que são repetidos como se tivessem sido descobertas e não invenções.

Em outras palavras, a genealogia ajuda a compreender como as coisas chegaram a ser como são e, no caso desse estudo, permitiu compreender a noção da educação empreendedora e que pressupostos educacionais são colocados em circulação. Veiga-Neto (2003, p. 7) ressalta que “[...] saber como chegamos a ser o que somos é condição absolutamente necessária, ainda que insuficiente, para resistir, para desarmar, reverter, subverter o que somos e o que fazemos”. Além disso, cabe destacar que o método genealógico foi invenção de Nietzsche, mas quem mais se dedicou em aprofundar esses estudos foi Foucault. Assim, Veiga-Neto (2011, p.57) explica que:

O genealogista deve escutar a história, em seu próprio funcionamento, em sua própria materialidade. Assim procedendo, ele aprende que “atrás das coisas há ‘algo inteiramente diferente’: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas.

As palavras do autor possuem relação com esta pesquisa, pois não vemos a educação empreendedora como algo pronto, isto é, que já está dado, mas como algo que vem se constituindo. Dessa forma, entendo que a genealogia é algo que “[...]quer descrever a antítese das essências” (Veiga-Neto, 2011, p.59), isto é, um modo que permite olhar a história com outras lentes, podendo transformar ou reformular a história propriamente dita, permitindo novos entendimentos sobre determinada teoria.

A pesquisa foi realizada a partir de uma análise documental. Autores como André Cellard, Uwe Flick e Jacques Le Goff e Tim May foram importantes no aprofundamento do procedimento metodológico adotado. De acordo com May:

Para usar essa modalidade de análise, precisam ser estabelecidos problemas de relevância, alcance e relações entre os eventos. O meio para fazê-lo é utilizar a ideia de uma constante que pode, por exemplo, ser invocada para demonstrar o desdobramento gradual da história em termos do progresso. (MAY, 2004, p.207).

Em se tratando da análise de documentos, Le Goff (1990, p.545) destaca que “[...] só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, em pleno conhecimento de causa”. O autor ressalta, ainda, que hoje quem faz pesquisa é privilegiado, pois está cercado de informações e de documentos para consulta, tendo em vista que antigamente quem pesquisava escrever a história era desprovido de tantos dados.

Os documentos que foram analisados na presente pesquisa foram tratados em sua massa monumental, ou seja:

[...] O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ele tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado ou o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no seu próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações [...]. (FOUCAULT, 1995, p.7).

A criação do problema de pesquisa compreender a pedagogia empreendedora de Fernando Dolabela, que pressupostos ela coloca em circulação e como ela contribui com a proliferação da educação empreendedora nas escolas e o processo de seleção de documentos – composição do corpus empírico – deram-se a partir da leitura dos três estudos apresentados no primeiro capítulo e que ganham destaque no quadro 11:

Quadro 11: Estudos sobre Empreendedorismo que serviram de base para a seleção do corpus empírico

Ano	Autor (a)	Título
2016	SEBRAE	Relatório da pesquisa bibliográfica sobre Empreendedorismo e Educação Empreendedora
2011	Marival Coan	Tese: Educação para o Empreendedorismo: Implicações Epistemológicas, Políticas e Práticas
2015	Fernanda Goes da Silva	Dissertação: Ensino do Empreendedorismo na Educação Básica: A formação do cidadão empreendedor em questão

FONTE: Elaborado pela autora.

Os três estudos apresentaram fios importantes sobre o histórico da relação entre empreendedorismo e educação, que, ao serem tramados, permitiram compreender os discursos sobre a educação empreendedora. Veiga-Neto (2011, p.91) explica que “[...] dado que cada um de nós já nasce num mundo que é de linguagem, num mundo que os discursos já estão há muito tempo circulando, nós nos tornamos sujeitos derivados desses discursos”. Neste caso, os discursos que circulam parecem justificar a necessidade da formação de sujeitos empreendedores desde o início do processo de escolarização, ou seja, o empreendedorismo como algo que ultrapassa a “inserção no mercado de trabalho” e se constitui como um modo de vida, conforme referido por López-Ruiz (2007).

Na presente pesquisa, parti do pressuposto de que “[...] é preciso desviar os olhos dos objetos naturais para perceber uma certa prática, muito bem datada, que os objetivou sob um aspecto datado com ela” (VEYNE, 1998, p.243) e de que “[...] a história torna-se história daquilo que os homens chamaram verdade e de suas lutas em torno dessas verdades” (VEYNE, 1998, p.268).

A partir de tais entendimentos, a noção de trama histórica foi fundamental. Veyne (1998, p. 42) explica que “[...] a palavra trama tem a vantagem de lembrar que o objeto de estudo do historiador é tão humano quanto um drama ou um romance”. Assim, por ser tão humano, o autor explica que os detalhes têm sua importância relativa e que, como acontece no teatro ou em história, não é possível mostrar tudo, porém há um caminho a ser traçado.

Na próxima seção apresento um breve histórico do autor Fernando Dolabela – precursor da Pedagogia Empreendedora – além do conjunto de suas obras. Na seção seguinte, apresento os critérios de escolha e organização do material empírico.

3.1 FERNANDO DOLABELA E A CONCEPÇÃO DA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA

Fernando Dolabela nasceu e vive em Belo Horizonte. É graduado em Administração de Empresas e Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ambas graduações concluídas no ano de 1971. Além disso, possui especialização e Mestrado na área de Administração de Empresas, também pela UFMG, concluída no ano de 1990. O autor ficou conhecido pelos estudiosos desse campo como o “Monstro do empreendedorismo” já que foi ele quem criou o termo e o conceito de *pedagogia empreendedora*. Segundo o autor:

Não se trata de uma estratégia pedagógica destinada exclusivamente a preparar os alunos para criar uma empresa. Ela desenvolve o potencial dos alunos para serem empreendedores em qualquer atividade que escolherem: empregados do governo, do terceiro setor, de grandes empresas, pesquisadores, artistas, etc. E também, evidentemente, para serem proprietários de uma empresa, se esta for a sua escolha. Cabe ao aluno, e somente a ele, fazer opções profissionais e decidir que tipo de empreendedor irá ser. (DOLABELA, S/A)¹⁶.

Além de ser o idealizador da metodologia da pedagogia empreendedora, que pode ser aplicada desde os quatro anos de idade até a universidade, e que tem como premissa a ideia do sonho coletivo, Dolabela é consultor e palestrante internacional. Participa semanalmente de uma coluna dedicada aos empreendedores pela rádio *Band News*, na qual já abordou temas como emoções, profissões, entre outros.

No quadro de número 12 apresento alguns dos temas que já foram abordados pelo autor em sua coluna.

¹⁶ Disponível em <https://fernandodolabela.wordpress.com/>

Quadro 12: Temas abordados por Dolabela na coluna pela rádio Band News

Título	Data
Educação, industrialismo e empreendedores	21/05/2013
Concurso público ou empreendedorismo?	03/06/2013
Currículo do fracasso	23/05/2018
O norte está na emoção	25/05/2018
Redes de relação em vez de ensinar empreendedorismo	30/05/2018
Ensino convencional x educação empreendedora	06/06/2018
Erros, degraus para o paraíso	13/06/2018
Existe gene empreendedor?	15/06/2018

FONTE: Elaborado pela autora.

Em uma dessas participações, na qual abordou a relação entre o Ensino convencional e a Educação empreendedora, o autor explicou como a metodologia da pedagogia empreendedora foi pensada e quais perguntas são norteadoras para que o professor inicie a discussão sobre o empreendedorismo com os alunos:

Pois bem, a tarefa do empreendedor é criar o futuro, sobre o qual não há ciência. Assim, na educação empreendedora como não há um conhecimento consolidado a ser transferido, cada aluno é o protagonista e tem a responsabilidade de gerar o próprio saber empreendedor, de caráter personalíssimo. Para isso ele responde a duas perguntas. A primeira é “Qual é o meu sonho, que futuro desejo para mim e para a minha comunidade?” A segunda e última é “o que farei para transformar esse sonho em realidade?” O professor não interfere na construção dessas respostas, porque nada sabe sobre o futuro, cuja criação é tarefa do aluno-empreendedor. Empreendedores ultra-experientes são bem vindos à sala de aula, mas não podem apresentar soluções além daquelas que encontrou para o seu próprio negócio. Mesmo porque os elementos definidores são a paixão, a criatividade, a ousadia, a capacidade de enfrentar riscos de cada aluno, que nem sempre estão à vista. Assim, no empreendedorismo a relação convencional mestre-aprendiz se rompe. Não há o que ensinar. Não existe um fluxo de quem sabe para quem não sabe. Mas há o que aprender. E o aluno aprende sozinho, sonhando, fazendo, errando, recomeçando. (DOLABELA, 2018a, s/p).

Gert Biesta (2013) “[...] o principal problema com a nova linguagem da aprendizagem é que ela tem facilitado uma nova descrição do processo da educação em termos de uma transação econômica” (p.37) que pressupõe que “(1) o aprendente é o (potencial) consumidor, aquele que tem certas ‘necessidades’, em que (2) o professor, o

educador ou a instituição educacional são vistos como o provedor [...] (3) a própria educação se torna uma mercadoria [...] a ser consumida pelo aprendente” (p.37-38).

A partir da análise das pautas, é possível perceber que a emoção e o sonho ocupam um lugar privilegiado no processo de subjetivação do aprendente. Em sua coluna “Existe gene empreendedor” Dolabela diz que:

Se uma síntese fosse possível eu diria que o empreendedor deve descobrir o seu sonho, desenvolver o autoconhecimento e a capacidade de seduzir pessoas para lhe ajudar a realizar o seu sonho. Assim, caro ouvinte se existe um gene que contém tais aptidões, você certamente o possui. (DOLABELA, 2018b, s/p).

Imagens retiradas do livro *Desperte o Empreendedor em Você*. Nas obras que foram analisadas nesta pesquisa e que serão apresentadas na próxima seção, em diversos momentos, o autor apresenta apontamentos referentes ao ensino nas escolas: como ele é e como ele deveria ser de modo a fortalecer uma cultura empreendedora.

Em uma entrevista, Dolabela (2011) definiu-se como meta-empreendedor, ou seja, um empreendedor dedicado a preparar empreendedores. O autor acredita que todos nascemos empreendedores, porém a escola e a família criam obstáculos para desenvolvermos esse potencial. Motivado a mudar esse cenário, o autor produziu uma vasta literatura direcionada à temática da pedagogia empreendedora, sendo autor de 15 livros. Destaco a obra “O segredo de Luísa”, *bestseller* com mais de 300.000 cópias vendidas¹⁷. Ressalto que maiores informações referente à obra ganharão destaque mais adiante, visto que esta é uma das obras que foi selecionada para análise.

No quadro 13, o leitor encontrará informações pertinentes sobre as suas principais obras.

¹⁷ Informações encontradas no site: <https://fernandodolabela.wordpress.com/>

Quadro 13: Principais Obras de Fernando Dolabela

Obra	Principais aspectos da Obra
O Segredo de Luísa (1999)	Esta obra aborda o empreendedorismo sobre a perspectiva de uma jovem personagem que tem o sonho de abrir o seu próprio negócio. Através dessa trama apresenta as etapas necessárias para se abrir uma empresa, desde o plano de negócios até a organização empresarial. (DOLABELA, 1999).
Oficina do Empreendedor (1999)	Neste livro o autor apresenta ao leitor a metodologia criada por ele para disseminar a cultura empreendedora, além de oferecer todas as informações, técnicas, dicas e teorias discutidas em sala de aula. Dessa forma, ele se torna útil não só para os professores como também para qualquer pessoa que precise de orientação para abrir o seu negócio. Com uma linguagem simples, a obra traz informações atualizadas sobre o mercado de trabalho, pesquisas, modelos de planos de negócios, exercícios, testes e questionários que avaliam o conhecimento do leitor em relação ao seu ramo de atuação, aos seus concorrentes e ao seu próprio produto.
A Vez do Sonho (2000)	O livro traz depoimentos de alguns empreendedores brasileiros que colocaram em prática a metodologia encontrada no livro “Oficina do empreendedor”. (DOLABELA, 2000).
Boa Idéia! E agora? (2000)	Em parceria com Louis Jacques Filion os autores apresentam um viés diferente sobre plano de negócios, pois discutem as reais dificuldades encontradas pelos empreendedores no processo de abrir o seu negócio. Assim, não é somente um livro técnico, mas um espaço onde o leitor irá encontrar ideias e oportunidades que foram detectadas no mercado podendo explorá-las economicamente.
Pedagogia Empreendedora (2003)	Esta obra trata do direito de realizar o sonho, desenvolvendo os alunos para serem empreendedores em qualquer atividade que escolherem (DOLABELA, 2003). Apresenta o empreendedorismo como uma forma de ser, convocando toda a sociedade a aderir a este movimento para um possível combate contra a miséria. A obra tem por objetivo colocar a pedagogia empreendedora em prática.
A Ponte Mágica (2004)	Esta é uma obra que tem por objetivo mostrar que empreendedorismo não tem idade. Trata-se de um romance infanto-juvenil que mostra que todos somos capazes de traçar nosso próprio caminho, desde a infância, e que com persistência e determinação os sonhos podem, sim, se tornar realidade.

FONTE: Elaborado pela autora.

Além das obras que já foram apresentadas, o autor também possui uma série de artigos publicados, entre eles o artigo intitulado: *Fazendo revolução no Brasil: A introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação (2013)*, em parceria com Louis Filion¹⁸. Entre tantas publicações, destaco esse artigo não só pelo fato de ambos serem administradores e estarem dispostos a “fazer revolução” na educação,

¹⁸ Professor da Escola de Negócios de Montreal, Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Ottawa, MBA pela HEC (the University of Montreal Business School) e Ph.D. em Entrepreneurship pela Universidade de

mas, também, porque essa revolução dá-se através do ensino do empreendedorismo como um meio poderoso para o desenvolvimento da sociedade, baseada na democracia, na cooperação e na aprendizagem. (Dolabela; Filion, 2013).

O artigo apresenta diversas fragilidades, pois em diversos momentos apresenta críticas ao sistema de ensino, dizendo que este “[...] é demasiadamente focado na transferência de conhecimentos e não suficientemente focado na aprendizagem de métodos independentes de pensamento imaginativo.” (DOLABELA; FILION, 2013, p. 135). Além das críticas, os autores também propõem soluções ao sistema educacional, baseados no método da pedagogia empreendedora, já que:

Neste método [pedagogia empreendedora], os professores são chamados a desempenhar um novo papel, o de catalisador e facilitador, cuja função é ajudar os alunos a aprender uma nova maneira de pensar. Em vez de simplesmente transferir o conteúdo, agora eles devem ajudá-los a aprender como pensar em termos empreendedores. (DOLABELA; FILION, 2013, p. 136).

Importa destacar, que a pedagogia empreendedora vem sendo expandida no país através de *workshops*, e sua metodologia é baseada em processos ditos interativos e democráticos, assim os professores podem usá-las da maneira que lhes é apresentada ou podem adaptar à realidade que vivenciam em cada escola. Os autores ressaltam que “[...] o que a metodologia propõe não lida com o conteúdo cognitivo tradicional. Exige que o professor esteja realmente motivado e convencido da adequação e eficácia da metodologia.” (DOLABELA; FILION, 2013, p.166). Os autores acreditam que o empreendedorismo pode ser aprendido, e conforme os estudantes vão aprendendo “[...] eles são capazes de se libertar das correntes que representam novas formas de escravidão e dependência propostas pela ordem social existente e tornam-se agentes livres de seu próprio destino.” (DOLABELA; FILION, 2013, p. 137). Tal libertação seria alcançada, na visão dos autores, a partir da pedagogia empreendedora, cuja base de sustentação é o “sonho”. De acordo com Dolabela e Filion (2013, p. 141) “[...] sonhos implicam em pensamentos projetivos, que permitem que as pessoas se tornem mais organizadas; identificando mais claramente o que precisam aprender, e aumentando o seu nível de autoeficiência.”

Nesse contexto, os sonhos são divididos em três categorias:

Figura 5: Categorias de sonhos



Fonte: Elaborado pela autora.

Os autores acreditam que os empreendedores são pessoas capazes de transformar sonhos em realidade, desde que haja, é claro, motivação e energia. Para tal:

O primeiro, o sonho coletivo (SC), é o sonho que a sociedade, ou partes da sociedade constrói implícita ou explicitamente sobre o futuro. O segundo, o sonho estruturante (SE), tem a capacidade de dar origem a um projeto de vida. A realização individual de SEs levará a realização de SC. O terceiro, o sonho de atividade (SA), permite ao empreendedor conceber e estruturar projetos que irão produzir o SE. (DOLABELA; FILION, 2013, p. 1340).

Os autores evidenciam que todos nós nos encaixamos nesse formato de sonhos-sonho coletivo, sonho estruturante e sonho de atividade - mas não é por acaso que o foco da pedagogia empreendedora é direcionado particularmente para os processos formativos de crianças, já que os autores acreditam que como elas estão começando a aprender sobre quem são e sobre o mundo, tornam-se mais aptas a serem futuras empreendedoras.

Dessa forma, busquei tramar a noção de tal metodologia na concepção de projeto de vida como sonho relacionada ao empresário de si, para que fosse possível “compreender a pedagogia empreendedora de Fernando Dolabela, que pressupostos ela coloca em circulação e como ela contribui com a proliferação da educação

empreendedora nas escolas”. O objetivo era mostrar como essa discussão segue viva no cenário da educação, e o quanto isso é preocupante e contribui com o sistema neoliberal.

Laval, explica que:

A escola neoliberal designa um certo modelo escolar que considera a educação como um bem essencialmente privado e cujo valor é, antes de tudo, econômico. Não é a sociedade que garante a todos os seus membros um direito à cultura, são os indivíduos que devem capitalizar recursos privados cujo rendimento futuro será garantido pela sociedade. Essa privatização é um fenômeno que afeta tanto o sentido do saber, as instituições transmissoras dos valores e dos conhecimentos quanto as próprias relações sociais. (LAVAL, 2004, p.6).

Pensando em contribuir para que o sistema educacional repense e reveja propostas que embasam muitas das reformas educacionais contemporâneas, que dizem que a escola precisa formar crianças e jovens para o século XXI, analisei quatro das quinze obras de Fernando Dolabela, a fim de compreender o que tais obras, ao abordarem a metodologia da pedagogia empreendedora, colocam em circulação e que tipo de sujeito pretendem formar.

As obras, bem como o critério de escolha das mesmas, encontram-se detalhadas na subseção a seguir.

3.2 SOBRE A ESCOLHA E A ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

Conforme mencionado anteriormente, na presente seção apresento ao leitor os documentos/obras que foram selecionados para fazer parte das análises, bem como os critérios de escolha das mesmas. Flick (2009, p.126) explica que “[...] as maneiras como os documentos são concebidos é uma parte do seu significado e a maneira como algo é apresentado influencia os efeitos que serão produzidos no documento”. Na visão de Cellard (2008) o documento escrito se trata de uma fonte preciosa para todo pesquisador, pois permite elaborar diversos tipos de reconstrução. Assim, para compreender os pressupostos educacionais que são colocados em circulação por meio da educação empreendedora, selecionei quatro obras para a realização da análise documental. As referidas obras são apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 14: Obras de Fernando Dolabela selecionadas para análises

Obra	Principais aspectos da Obra
O Segredo de Luísa (1999)	Esta obra aborda o empreendedorismo sobre a perspectiva de uma jovem personagem que tem o sonho de abrir o seu próprio negócio. Através dessa trama apresenta as etapas necessárias para se abrir uma empresa, desde o plano de negócios até a organização empresarial. (DOLABELA, 1999).
Oficina do Empreendedor (1999)	Neste livro o autor apresenta ao leitor a metodologia criada por ele para disseminar a cultura empreendedora, além de oferecer todas as informações, técnicas, dicas e teorias discutidas em sala de aula. Dessa forma, com uma linguagem simples, ele se torna útil não só para os professores como também para qualquer pessoa que precise de orientação para abrir o seu negócio.
Pedagogia Empreendedora (2003)	Esta obra trata do direito de realizar o sonho, desenvolvendo os alunos para serem empreendedores em qualquer atividade que escolherem (DOLABELA, 2003). Apresenta o empreendedorismo como uma forma de ser, convocando toda a sociedade a aderir a este movimento para um possível combate contra a miséria. A obra tem por objetivo colocar a pedagogia empreendedora em prática.
A Ponte Mágica (2004)	Esta é uma obra que tem por objetivo mostrar que empreendedorismo não tem idade. Trata-se de um romance infanto-juvenil mostrando que todos somos capazes de traçar nosso próprio caminho desde a infância e que com persistência e determinação os sonhos podem sim se tornar realidade.

FONTE: Elaborado pela autora.

Tais obras - com exceção da obra *Oficina do empreendedor* (1999) que explicita a metodologia da Pedagogia Empreendedora criada pelo autor – fazem parte do material educacional que é entregue aos professores, a fim de que o método da pedagogia empreendedora seja disseminado e ensinado. De acordo com Dolabela (2013):

Estes livros oferecem uma rica experiência de leitura e explicam atividades empreendedoras e a criação de novos empreendimentos através de fascinantes narrativas da vida real. Neles os professores irão encontrar uma fonte de inspiração para cursos inovadores e aulas mais ‘coloridas’. (DOLABELA; FILION, 2013, p.165).

As obras foram selecionadas, pois de algum modo contribuem para a proliferação de uma cultura com ênfase na educação empreendedora através do sonho, buscando atender diversos tipos de público. O autor acredita que não há idade para ser empreendedor, acreditando que qualquer um pode traçar seu caminho desde que saiba qual são suas características e habilidades empreendedoras.

Das quatro obras selecionadas, destaco que duas delas são obras técnicas, sendo a primeira obra selecionada: *Oficina do empreendedor* (1999), como apresenta a imagem abaixo:

Figura 6: Imagens retiradas do livro *Oficina do empreendedor* (1999)



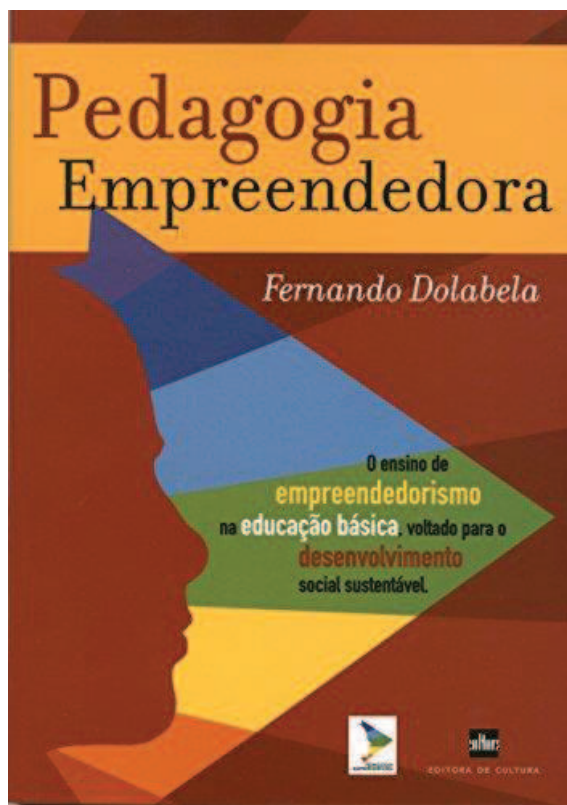
Fonte: DOLABELA, Fernando. *Oficina do empreendedor*. 6. ed. São Paulo: Editora de Cultura, 1999.

Nessa obra, o autor explica a metodologia criada por ele para disseminar a cultura empreendedora, com o objetivo de desenvolver um ambiente propício ao empreendedorismo no país, desenvolvendo nos jovens características empreendedoras. A obra encontra-se dividida em três partes, na primeira parte: *Os novos paradigmas*, retrata indícios e características referente ao empreendedor e ao empreendedorismo, além do significado dos termos. O autor apresenta, ainda, estudos que comparam o ensino do empreendedorismo em outros países.

A segunda parte, *Questões de método*, apresenta diversos questionamentos, entre eles: como desenvolver empreendedores? O que aprender? Como aprender? Além disso, são destacadas as habilidades que devem ser desenvolvidas pelo futuro empreendedor e suas fontes de aprendizado. Por fim, na última parte, o autor detalha como a oficina do empreendedor funciona em si, seus caminhos de auto aprendizado, suas avaliações e seus instrumentos, ficando evidente que é o aluno que se auto avalia.

A segunda obra, intitula-se *Pedagogia empreendedora* (2003), como apresenta a imagem a seguir.

Figura 7: Imagens retiradas do livro *Pedagogia empreendedora* (2003)



Fonte: DOLABELA, Fernando. *Pedagogia empreendedora*. São Paulo: Editora Cultura, 2003.

Tal obra foi selecionada, pois apresenta os princípios teóricos e metodológicos da pedagogia empreendedora. O livro encontra-se dividido em quatro capítulos.

O primeiro capítulo apresenta os significados da educação empreendedora, além dos desafios de uma proposta educacional empreendedora em nossa sociedade. O segundo capítulo direciona o empreendedorismo como forma de ser, sob a ótica de teoria empreendedora dos sonhos. O terceiro capítulo, consiste em explicar a proposta pedagógica da pedagogia empreendedora, associada ao sonho, deixando claro que tal proposta consiste, principalmente, em diminuir o efeito da censura ao sonho que, de acordo com o autor, acontece frequentemente nas escolas. O quarto capítulo aborda a estratégia pedagógica no que consiste a implementação da pedagogia empreendedora. Além disso, enfatiza-se uma proposta de mudança cultural, que tal metodologia é capaz de realizar quando implantada. Para isso, o autor apresenta quais os papéis do professor e do aluno durante a inserção de tal método.

Além das duas obras técnicas já mencionadas, selecionei mais duas obras que se tratam de romances, um deles intitulado *A ponte mágica* (2004).

Figura 8: Imagens retiradas do livro *A ponte mágica* (2004)



Fonte: DOLABELA, Fernando. *A Ponte Mágica*. São Paulo: Mirian Paglia Editora de Cultura, 2004.

Essa obra foi selecionada, pois é conhecida como a principal ferramenta de ensino de empreendedorismo em diferentes escolas e universidade do país. Diferente das duas obras anteriores, esse livro encaixa-se no gênero de romance infanto-juvenil, assim, por não se tratar de um livro didático optei por narrar resumidamente a obra a seguir para que o leitor possa ter uma compreensão do conteúdo.

O livro conta a história de Luísa, uma menina sonhadora, bem quista por todos, que gosta muito de ajudar no bar da sua tia Fernanda, pois lá tem contato com o público e fica por dentro do que está acontecendo na cidade. Luísa tem uma amiga chamada Maria, que também é muito sonhadora. Ao voltar de sua viagem de férias, Luísa procura a amiga em seu bairro - que fica um pouco afastado - e descobre que ocorrera uma enchente, e que Maria está desaparecida. Preocupada com a situação da mãe de Maria e sua irmã ainda bebê, para ajudar a família da amiga, Luísa decide colocar em prática o que aprendeu na “aula do sonho” – maneira que ela e seus colegas de turma chamam a

aula de empreendedorismo. Para isso, cria a empresa Limpeza Pura, que vende produtos de limpeza.

Durante toda a narrativa, fica evidente que o autor utiliza o espaço educacional, isto é, a escola, para promover o empreendedorismo associado ao sonho, já que dá bastante destaque às aulas de empreendedorismo, chamadas carinhosamente pelos alunos como aula do sonho. Além disso, o autor destaca que não importa a classe social, o que importa é sonhar e não desistir dos seus sonhos, questões que serão abordadas de maneira mais clara nas análises no capítulo seguinte.

O *best-seller* *O segredo de Luísa* (2008) corresponde a última obra que compôs o corpus empírico desta pesquisa.

Figura 9: Imagens retiradas do livro *O segredo de Luísa* (2008)



Fonte: DOLABELA, Fernando. *O segredo de Luísa*. São Paulo: Picture, 1999.

De acordo com Dolabela (2008) “[...] este livro destina-se a leitores de qualquer idade ou formação, que pode não ter nenhum conhecimento sobre empresas, mas que tem uma ideia na cabeça e deseja transformá-la num negócio.”

Semelhante a obra anterior, o livro é um romance que conta a história da mesma personagem, Luísa, que agora está prestes a formar-se em odontologia. Porém o estudo nunca lhe atraiu. Assim, ela se aventura na ideia de se tornar empreendedora, abrindo uma fábrica de goiabadas. Nessa obra, ao partir do momento em que Luísa tem a ideia de

iniciar a empresa, o autor aborda o passo a passo que o empreendedor necessita para ter sucesso na sua jornada. Assim, além de ser uma história envolvente, o leitor encontra informações pertinentes para tornar-se empreendedor. No decorrer da história o autor realiza um paralelo entre o empreendedorismo e a educação, acarretando a abertura de uma empresa a realização dos nossos sonhos.

Conforme a leitura dos documentos, inspirada por Saraiva (2006) criei planilhas eletrônicas. Optei por utilizar organização semelhante à realizada pela autora em sua tese de doutorado em educação, separando as ideias por eixos: escola, sonho e empreendedorismo, visto que eles aparecerem com certa recorrência nas obras. Num primeiro momento, li e reli as quatro obras. Num segundo momento, criei planilhas com excertos de todas elas. Num terceiro momento, criei planilhas por recorrências, chegando aos eixos já citados.

Ademais, apresento a quantidade de excertos que foram encontrados no decorrer desta etapa, bem como a quantidade de excertos que foram utilizados para realizar as análises. Todas essas informações estão reunidas a seguir:

Quadro 15: Organização de análises.

Eixo:	Nº de excertos encontrados:	Nº de excertos utilizados:
Escola	54	12
Sonho	84	20
Empreendedorismo	96	15

FONTE: Elaborado pela autora.

As análises serão apresentadas no próximo capítulo, que foi organizado em três seções, cada uma delas com um dos eixos analíticos. Iniciei pelo eixo escola intitulado *É preciso criticar a escola para reformá-la*, pois ele se constituiu como um ponto de partida, isto é, a escola enquanto locus privilegiado na formação de futuros

empreendedores. Compreende-se que o autor utiliza a escola como espaço para promover o empreendedorismo, a partir do sonho, que é fator mobilizador na constituição dos sujeitos. Desse modo, parti para a apresentação do segundo eixo *O sonho como fator mobilizante da Pedagogia Empreendedora*. Por fim, foi possível compreender que frente a isso tudo vem a discussão do empreendedorismo, baseado no sonho e na pedagogia empreendedora. Assim, a visão do autor sobre quem é o empreendedor, o que ele faz e como ele aprende será exposto no último eixo de análise intitulado *O empreendedorismo como um imperativo do nosso tempo*.

4 TODOS PODEM SER EMPREENDEDORES?

A partir da contextualização apresentada no capítulo 3 sobre Fernando Dolabela e a sua produção teórica, foi possível compreender que o autor defende a ideia de que *todos podem ser empreendedores*. Partindo dessa lógica, este capítulo apresenta a análise de três eixos, sendo eles: escola, empreendedorismo e sonho, que, ao serem tramados, permitem ao leitor a compreensão da lógica da pedagogia e da educação empreendedora. Cada eixo analisado foi dividido em uma subseção.

Debruçar-se sobre os ditos dessas obras e as verdades que veiculam no cotidiano escolar foi importante para a compreensão dos pressupostos educacionais que estão sendo colocados em circulação por meio da educação empreendedora. De acordo com Dolabela (2003), o sujeito não apenas pode ser empreendedor, assim como nasce empreendedor. Além disso, o autor associa o empreendedorismo a uma mudança cultural: “Considero o empreendedorismo um instrumento de desenvolvimento social (não só de crescimento econômico) e o dissemino por meio da educação para que possa produzir mudança cultural”. (DOLABELA, 2008, p.13).

A partir de tais afirmações, é possível afirmar que, hoje em dia, há uma maior tendência para o empreendedorismo, seja pelas poucas oportunidades que o mercado de trabalho oferece, seja pelos desafios que o sujeito enfrenta para se manter em seu local de trabalho ou pela independência em tempos de transformação do trabalho assalariado, de modo que o sujeito tem a possibilidade de se tornar chefe de si mesmo. “Dessa forma, fica claro até que ponto o empreendedorismo tem relação com uma atitude, um modo de agir, um comportamento ditado por uma disposição interior, e não com a posição ocupada dentro do *business*”. (LÓPEZ-RUIZ, 2004, p.160). Ao fazer uma análise de tais questões, Saraiva (2006) nos mostra que:

Mais do que vigilantes, somos chamados a nos tornarmos os gerentes de nós mesmos e a implantar um sistema de autogestão, aplicando em nossa própria vida os métodos da administração contemporânea. A liberdade que nos é dada é para que cada um minimize seus riscos e maximize sua capacidade de consumo. Uma liberdade normatizada, com normas flexíveis em permanente transformação. (SARAIVA, 2006, p.140).

O acesso aos métodos de autogestão está cada vez mais disponível para o sujeito em plataformas digitais, palestras, *workshops*, livros, entre outros. Tais materiais

apresentam, em sua essência, dicas de como o sujeito pode se tornar empresário de si, a fim de ser um “*self* empreendedor”, termo utilizado por Nikolas Rose (2011):

Torne-se inteiro, torne-se o que você quiser, torne-se você mesmo: o indivíduo deve tornar-se, por assim dizer, um empresário dele mesmo, procurando maximizar seus próprios poderes, sua própria felicidade, sua própria qualidade de vida, embora aprimorando essa autonomia e, assim, instrumentalizando suas escolhas autônomas a serviço do seu estilo de vida. (ROSE, 2011, p. 220).

Além de Rose (2011), outros autores também têm discutido acerca do sujeito tornar-se um *Homo economicus*, ou seja, investindo em capital humano. López-Ruiz (2008, p.136), ao dialogar com Foucault, procurou compreender “[...] como as implicações lógicas de uma formulação como a teoria do capital humano abrem espaço para pensar o *humano* como uma forma de capital [...]” relacionando as capacidades humanas a determinados valores econômicos. Porém, essa discussão nem sempre é analisada pelo viés educacional, isto é, identificando os pressupostos que a educação empreendedora coloca em circulação no cotidiano escolar. Dessa forma, destaco a importância desta dissertação, pois o tema do empreendedorismo, conforme já mencionado ao longo do texto, tem ocupado cada vez mais espaço no cenário educacional contemporâneo, seja por meio do desenvolvimento de projetos educacionais ou de um lugar próprio no currículo escolar ou pelos discursos reformistas que se baseiam no tipo de sujeito flexível, que deve ser formado nas escolas para inserção no século XXI.

Busquei fazer essa pequena introdução, no que se refere ao sujeito empreendedor, para, na sequência, apresentar as três categorias analíticas, que são elas: *É preciso criticar a escola para reformá-la; O sonho como fator mobilizante da Pedagogia Empreendedora; O empreendedorismo como um imperativo do nosso tempo.*

4.1 É PRECISO CRITICAR A ESCOLA PARA REFORMÁ-LA

O sistema educacional deverá forçosamente ampliar seu currículo para além de conhecimentos técnicos e científicos, cada vez mais indispensáveis e, ao mesmo tempo, menos suficientes para a inserção do homem no mercado de trabalho. (DARDOT; LAVAL, 2016, P.257).

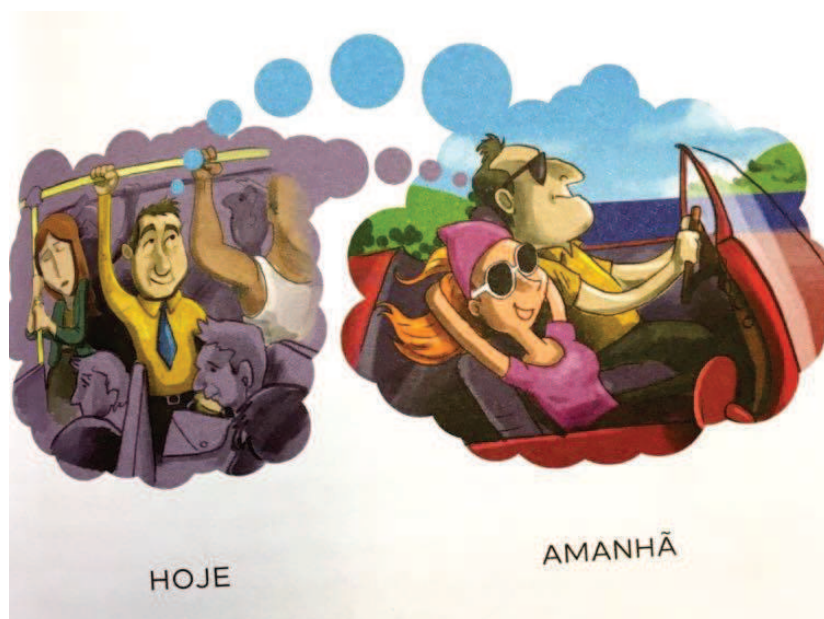
O objetivo desta seção é apresentar ao leitor as lentes utilizadas por Dolabela, a partir das quais o autor justifica que a escola precisa ser reformada. Assim, destaco mais uma vez o título deste capítulo *Todos nascem empreendedores*, pois junto com tal

afirmação o autor apresenta, de maneira negativa, o fato de que muitos alunos não aprendem o empreendedorismo na escola, culpando as instituições pela falta de estímulo.

Vale destacar que nesta seção não há como expor as críticas associadas à escola sem mencionar o empreendedorismo, pois, como o leitor irá perceber ao longo da leitura, ambas as ideias estão relacionadas. Porém, conforme já mencionado, aprofundi a temática do empreendedorismo na última seção deste capítulo.

Dolabela (2013) além de acreditar que todos nascem empreendedores, enfatiza a ideia de que não importa a classe social do sujeito, isto é, rico ou pobre, ele poderá se tornar empreendedor. O autor explica que: “[...] a origem e a essência do empreendedorismo estão na emoção do indivíduo, na energia que o leva a transformar-se e a transformar sua vida”. (DOLABELA, 2013, p.17). Flávio Augusto da Silva, autor já mencionado anteriormente, contribui com tal ideia, como fica nítido na imagem a seguir.

Figura 10: A periferia é para os fortes



FONTE: SILVA, Flávio Augusto da. Geração de Valor. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

A imagem acima tem relação direta com os argumentos de Dolabela, que afirma que todos podem ser empreendedores, desde que para isso tenham persistência e força de vontade, ou como nas palavras do autor: *sonho!* O título da imagem, *A periferia é para os fortes*, remete ao que Silva (2015) utiliza como argumento para estimular as pessoas que moram na periferia, estas que acordam cedo e ficam horas dentro do transporte público para chegarem ao trabalho. Mudar essa realidade só depende delas e isso pode ser feito a partir do empreendedorismo:

Sabe quando você foi especial? Quando estava amassado dentro do ônibus cheio. Naquele momento crítico, em vez de usar seu tempo para reclamar da vida, você sonhou. Enquanto cruzava a cidade de pé e imprensado, olhando para a sua própria imagem o reflexo da janela embaçada do ônibus, você aproveitava para pensar em seus projetos. Até que chegou o momento em que você tomou a decisão de virar o jogo, de estudar, de trabalhar, de empreender suas vendas, de se dispor a empregar um esforço extra para mudar de vida. (SILVA, 2015, p.102).

De acordo com a imagem acima e com a afirmativa do autor, compreende-se que vencendo esses obstáculos e tornando-se empreendedores de sucesso – os sujeitos terão a possibilidade de desfrutar de luxos, tais como carros conversíveis, mulheres, entre outras coisas desse patamar. Contudo, há o apagamento da noção de classe social e de todas as formas de desigualdade vividas em um país como o nosso. Beck (2010) diz que as desigualdades, agravadas pelo subemprego flexível, plural e individualizado, permanecem na zona cinza, e as contradições da desigualdade social emergem como contradições que se dão no interior de uma biografia.

Tendo em vista esses aspectos que a imagem representa, outro fator que acredito que seja relevante problematizar, mesmo que não seja o intuito da presente pesquisa, é a forma como a mulher é apresentada na imagem. Penso que, como mulher e pesquisadora, não poderia deixar de mencionar tal fato, ainda mais diante do atual cenário político e perante algumas declarações infelizes e imorais que estão sendo realizadas contra nós mulheres. De acordo com a imagem mencionada, percebe-se que além de adquirir carros luxuosos e *status*, o empreendedor também pode ter uma mulher à sua disposição. Dessa forma, tem-se a redução da identidade das mulheres, comparando-as com meros objetos de luxo. Destaco, ainda, o fato de que as mulheres são retratadas como status ou beleza em outras imagens além da de Silva (2015).

Dolabela, nas obras *O segredo de Luísa* e *A ponte mágica*, enfatiza diversas vezes como a beleza da personagem principal, Luísa, impressionava as pessoas:

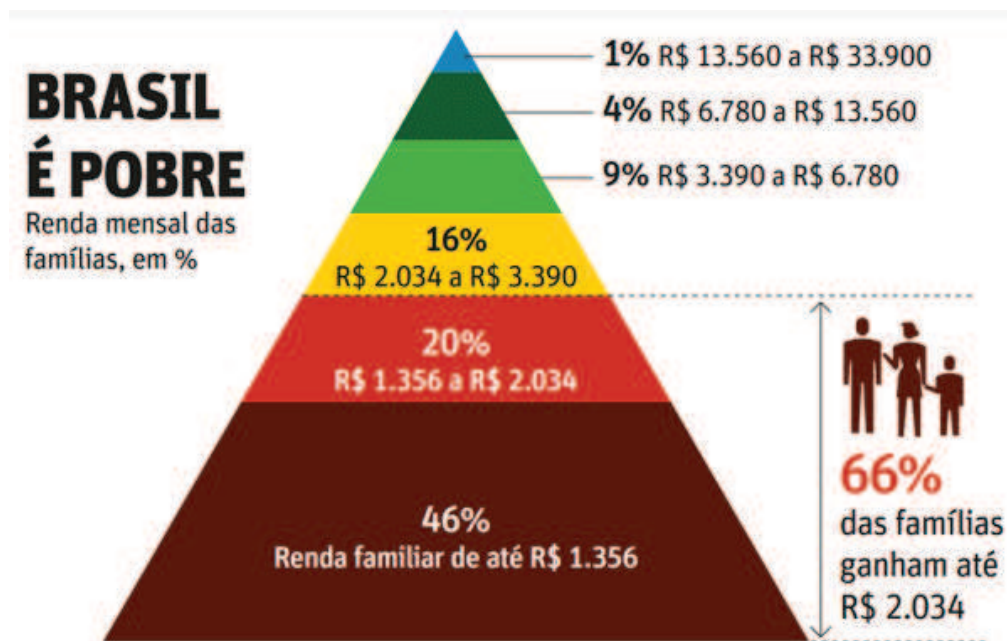
A beleza de Luísa comovia as pessoas. Os grandes olhos amendoados, em tom castanho escuro, que sabiam ser meigos e desafiadores, desconcertavam quem com ele cruzasse. A luz do sorriso aprisionava os que já haviam sido capturados pelo olhar. Os cabelos também castanhos, quase anelados, caindo abaixo dos ombros, pareciam acentuar a rebeldia do espírito. (DOLABELA, 2004, p.15).

Luísa era dócil, meiga, carinhosa, amiga. Ninguém lhe queria mal, pelo contrário, todos adoravam aquela menina, linda, esperta. (DOLABELA, 2004, p.31).

Ah, que graça tinha aquela menina! E que imaginação! Que inteligência ágil, que sagacidade! Sem contar que era linda. (DOLABELA, 2004, p.32).

Apesar do autor defender que a classe social não é uma barreira para o empreendedorismo, Luísa, a personagem principal dos livros: *A ponte mágica* e *O Segredo de Luísa*, é uma menina de classe média alta, que estudou odontologia em uma universidade particular paga pelo seu pai. Moradora de Minas Gerais, Luísa conheceu outros lugares, tais como o Rio de Janeiro e a Flórida. Além disso, aprendeu inglês desde os sete anos de idade e domina muito bem o espanhol (DOLABELA, 2008). Dadas essas informações, conclui que são poucos os jovens que se identificam com a história de Luísa, visto que a realidade da jovem de classe média alta corresponde apenas a 16% da população brasileira, como mostra a pesquisa realizada pelo DataFolha em novembro de 2013.

Figura 11: Pirâmide de Renda no Brasil



FONTE: DataFolha, novembro de 2013.

Além disso, o autor utiliza outro fator “para atrair o jovem leitor”, isto é, enfatiza em diversas passagens que a personagem nunca se sentiu atraída pelos estudos. Partindo dessa ideia, durante a obra *A ponte mágica*, o autor escolhe a escola como eixo central para as discussões que são realizadas entre as personagens, reforçando a necessidade dos

jovens se tornarem empreendedores. Não é por acaso que, nesta obra, os alunos intitularam as aulas de empreendedorismo como “aula do sonho”:

[...] uma aula fora dos padrões, ou, segundo Luísa, “contra os padrões” (DOLABELA, 2004, p. 34),

A aula parecia diferente das “normais”, pois havia muitas conversas entre os alunos e a professora. Nas outras aulas a professora apresenta o conteúdo e exercício com as respostas certas, impossibilitando, assim, o diálogo (Dolabela, 1999):

Em vez de monólogo sobre uma matéria, os temas tinham ligação com a vida dos alunos e, por isso, não só os fazia ter consciência de que sabiam alguma coisa, mas também os levava a externar o muito que já sabiam. Para tratar de empreendedorismo ela [professora de ciências] se referia ao que acontecia na cidade, no país e no mundo. (DOLABELA, 2004, p.34).

Diante disso, baseada em minha experiência profissional como orientadora educacional de jovens, pedagoga e mestranda em Educação, e pelas discussões que são realizadas nesses espaços, bem como em reportagens e entrevistas realizadas com estudantes, compreendo que muitos alunos encontram-se no espaço escolar por obrigação, pois muitos deles ressaltam que não estão felizes com o que lhes é ensinado na escola, já que não conseguem fazer relações entre os conteúdos aprendidos em aula e os seus cotidianos:

A escola é, repetidamente, acusada de ser muito distante do mundo. De que ela não consegue lidar com o que é importante na sociedade; que ela se ocupa com conhecimentos e habilidades desatualizados ou estéreis; que os professores estão muito preocupados com detalhes e com o jargão acadêmico. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p.45).

Os autores reforçam que é preciso problematizar os discursos sobre a falta de eficácia e de empregabilidade da escola, pois compreendem o mundo como “[...] um lugar de aplicabilidade, usabilidade, relevância, concretude, competência e rendimento. Eles assumem que ‘sociedade’, ‘cultura’ ou ‘mercado de trabalho’ são (e devem ser) as pedras de toque finais deste mundo”. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p.45). Na contramão disso, os autores defendem que apesar da escola não estar separada da sociedade ela “[...]”

é única, visto que é o local, por excelência, de suspensão escolástica e profanação pela qual o mundo é aberto”. (p.45).

Na medida em que o escolar está preocupado com a abertura do mundo, a atenção – e não tanto a motivação – é de importância crucial. A escola é o tempo e o lugar onde temos um cuidado especial e interesse nas coisas, ou, em outras palavras, a escola focaliza a nossa atenção em algo. A escola (com seu professor, disciplina escolar e arquitetura) infunde na nova geração uma nova atenção para com o mundo: as coisas começam a falar (conosco). A escola torna o indivíduo atento e garante que as coisas – destacadas de usos privados e posições – tornem-se “reais”. Ela faz alguma coisa, ela é ativa. Nesse sentido, não se trata de um recurso, produto ou objeto para utilização como parte de uma determinada economia. Trata-se do momento mágico quando alguma coisa fora de nós mesmos nos faz pensar, nos convida a pensar ou nos faz coçar a cabeça. Nesse momento mágico, algo de repente deixa de ser uma ferramenta ou um recurso e se torna uma coisa *real*, uma coisa que nos faz pensar, mas também nos faz estudar e praticar. É um acontecimento [...]. MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p.51, grifo dos autores).

Percebe-se que Dolabela toma esse entendimento como verdade, a fim de alimentar a ideia de que a escola não é o melhor caminho para os sujeitos, como destaca na obra *O segredo de Luísa*:

O fato é que o estudo nunca atraía Luísa. Seu motivo para ir à escola era a possibilidade de encontrar amigos, ouvir coisas diferentes, aprender com os colegas. (DOLABELA, 2008, p.30).

O mesmo ocorre na obra *Pedagogia Empreendedora*, quando o autor declara que:

[...] percebe-se que a escola, justamente a escola, se encarrega de fazer a criança entender que a educação separa, impõe limites, preserva poderes, exclui. (DOLABELA, 2003, p.45).

Evidencio que em nenhum momento o autor faz referência positiva sobre a escola, a não ser quando expõe suas ideias para disseminar a educação empreendedora como uma alternativa para a reformulação do ensino. Sobre esse assunto, Anderson (2010, p.67) explica que o espetáculo político:

Cria uma crise, desloca alvos, evoca inimigos, renomeia problemas, finge neutralidade e reduz cidadãos a espectadores passivos. O atual

espetáculo da reforma escolar pavimenta o caminho para a concepção de um sistema escolar que sirva a interesses e resultados corporativos em maior mercantilização – e, no fim, à privatização – do setor público.

Tais questões podem ser evidenciadas no diálogo abaixo retirado da obra *A ponte mágica*.

Por que a gente desaprende na escola? [Perguntou Luísa, ao ser informada pela professora que todos nascem com a capacidade de ser empreendedor, mas, a maioria desaprende na escola]. Porque a *escola pune o erro* [respondeu a professora]. Com isso, ela inibe os alunos, que ficam com medo de inovar, assumir riscos, ser criativos. Essas são coisas indispensáveis ao empreendedor. *A escola tenta fazer todo mundo ficar igual, seguindo um modelo imaginado por ela, um ser ideal que não existe*. Já o empreendedor precisa desenvolver sua identidade, diferenciar-se dos demais para ser capaz de ver o que os outros não vêem, o que, em suma, significa saber identificar oportunidades. *A escola ensina as pessoas a repetir conhecimentos*. Na vida empreendedora, as pessoas têm também que criar conhecimentos: um jeito novo de ajudar pessoas, de resolver problemas, de melhorar a vida, uma nova forma de produzir algo, um novo produto. *A escola prepara pessoas para seguir regras*, mas o empreendedor é alguém que muda regras, criando outras melhores. (DOLABELA, 2004, p. 36, grifos meus).

Identifiquei que o autor realiza uma série de apontamentos que criticam a escola, principalmente em relação ao tipo de sujeito que está sendo formado pelas instituições, apontando como alternativa a educação empreendedora. Ademais, Dolabela critica o método de ensino tradicional e coloca em pauta discussões sobre os processos educacionais, alegando que a escola é autoritária e pune com o erro, já que dificulta o processo do ensino do empreendedorismo nos diversos níveis de ensino. Esses fatores contribuem para o que os autores Masschelein e Simons (2013) chamam de alienação, partindo do pressuposto de que a escola não tem ligação com o mercado de trabalho e a preparação para a vida adulta, questões que foram discutidas anteriormente.

A escola não prepara seus alunos para a “vida real”. Para alguns, isso significa que a escola não leva suficientemente em conta as necessidades reais do mercado de trabalho. Para outros, isso significa que a escola coloca ênfase demais na ligação entre a escola e o mercado de trabalho ou entre a escola e as exigências do ensino superior. Essas preocupações, assim dizem os críticos, tornam a escola incapaz de proporcionar aos jovens uma ampla educação geral que os prepare para a vida como um adulto. O foco no currículo escolar não permite, de modo algum, uma conexão real com o mundo, tal como este é

experimentando pelos alunos. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 13).

Tais declarações permitem compreender que Dolabela faz parte do grupo de críticos que defendem a ideia de que a escola precisa se reinventar. Partindo disso, propõe soluções direcionadas à educação empreendedora. Desta forma, Laval (2004) explica que:

A força do novo modelo e a razão pela qual ele pouco a pouco se impõe, referem-se precisamente à forma como o neoliberalismo se apresenta à escola e ao resto da sociedade, como a solução ideal e universal a todas as contradições e disfunções, enquanto na verdade esse remédio alimenta o mal que ele supostamente cura. (LAVAL, 2004, p.16).

Tais justificativas parecem estar alinhadas às mudanças que ocorreram na escola, no século XX, deslocando o sentido do coletivo para o individual e atribuindo novas tarefas ao papel da escola na contemporaneidade. Desse modo, percebe-se que há uma mudança de ênfase na educação, com centralidade nas aptidões, ou seja, passa a ser desejável que a escola centre seu trabalho nos *selfs*, questão discutida por Rose:

[...] é somente nesse momento histórico que, em um espaço geográfico limitado e localizado, os seres humanos passam a ser entendidos como indivíduos que são *selfs*, cada um equipado com um domínio interior, uma “psicologia” que é estruturada pela interação entre a experiência biográfica particular e certas leis ou processos gerais do animal humano. (ROSE, 2011, p.41).

Carlos Ernesto Noguera Ramirez (2015, p.15) explica que “[...] com Rousseau aparece uma nova e esquisita forma de educar, pois rejeita a escola, rejeita o ensino e proclama a livre ação do indivíduo num meio (natureza) fora da cidade (artificial)”. Corroborando com o autor, muitos grupos defendem que a escola precisa de uma reforma, na qual o foco central seja o aluno, ou seja, uma escola que se engaje em desenvolver os talentos individuais/aptidões, com um olhar mais sensível ao mercado de trabalho. Além disso, é necessário modificar, também, o olhar do professor. Tais ideias são evidenciadas pelo psicólogo suíço Édouard Claparède (1873-1940). Suas obras, voltadas para a psicologia infantil, abarcam o capitalismo cognitivo, que evidencia o individualismo. O professor, na visão de Claparède (1973), é um conhecedor de crianças, que não precisa saber de métodos, mas sim do que cada criança precisa individualmente. Essa ideia é diferente da escola Comeniana, que via a escola como um espaço coletivo de aprendizagem. Para Comenius, o professor domina o método para ensinar a todos. Já na

escola de Claparède não há necessidade de um método que atenda o coletivo, pois o educador precisa ter sensibilidade com cada aluno.

Franco Cambi (1999) declara que a educação inegavelmente passa a se articular com a profissionalização, tornando sua uma tarefa que é social “[...] para dizer de outra maneira, na nova ordem educativa que se delineia, o sistema educativo está a serviço da competitividade econômica, está estruturado como um mercado, deve ser gerido ao modo das empresas” (LAVAL, 2004, p.20).

Nessa lógica, Dolabela evidencia que:

[...] o sistema educacional tende a “formar” pessoas com o mesmo padrão mental, esforçando-se por equalizar percepções. (DOLABELA, 2008, 61).

Sendo assim, o autor explica que tal fato contribui para a diminuição da capacidade empreendedora dos alunos, visto que a criatividade é citada como um dos principais diferenciais do empreendedor de sucesso. Compreende-se que é a partir de tais ideias que se encontra um caminho para introduzir a educação empreendedora, visto que, identificados os comportamentos do empreendedor de sucesso, os mesmos podem ser ensinados a partir da escola. Na obra *Oficina do empreendedor*, o autor destaca que:

A percepção de que a criatividade pode ser aprendida é de grande importância na atividade empreendedora. As crianças parecem ser extremamente criativas e há estudos indicando que depois do primeiro grau, elas começam a perder essa capacidade. (DOLABELA, 1999, p. 92).

Porém, pelo fato de o empreendedorismo não fazer parte do currículo escolar desde os anos iniciais, o autor precisou apontar uma série de “problemas” na educação. Logo, diante das tensões, a partir da ideia do sonho, o autor sugere a educação empreendedora nas escolas. Esse ponto será discutido na próxima seção.

Desta forma, sempre que há o discurso que aponta os problemas da educação - neste caso o fracasso da escola que não prepara os alunos para serem empreendedores - tem-se o discurso da reforma e, com ele, uma solução, que nesse contexto trata-se da educação empreendedora. É importante dizer que tal feito corresponde à lógica

neoliberal, já que o neoliberalismo precisa da crise para existir (DARDOT; LAVAL, 2016).

Neste viés, na obra *O segredo de Luísa*, o autor continua apresentando alguns fatores que impedem que a escola dissemine a educação empreendedora:

Sabe por que o sistema educacional não está preparado para desenvolver o espírito empreendedor? Uma das causas é que prepara 'mão-de-obra' para ser 'empregada' na indústria. O indivíduo é limitado a estabelecer uma só ligação com o mundo do trabalho: a técnica ou know-how. Ora o empreendedor é alguém que se conecta ao mundo por múltiplas interfaces. Por isso, é capaz de ser protagonista do seu sonho, da sua vida. A educação empreendedora deve ser oferecida da educação infantil até a universidade. (DOLABELA, 2008, p.61).

Mais uma vez, percebe-se o esforço do autor em defender a educação empreendedora em todos os níveis de ensino, agora com o argumento relacionado ao mundo do trabalho. Masschelein e Simons (2013) sinalizam que isso é o que ocorre nas escolas modernas, nas quais a pessoa do aluno – suas necessidades, experiências, talentos, motivações e aspirações – torna-se o ponto de partida e o ponto final. Isso fica ainda mais forte no final do século XX e início do século XXI.

Porém, os autores explicam que os alunos são *domados*, pois se tornam escravos das suas próprias necessidades. Além disso, mostram que a ideia de uma escola que prepara os jovens para o mercado de trabalho não é nova, o que é novo é como isso vem sendo feito hoje. No caso desta pesquisa, é a partir da metáfora do sonho – central na formação dos indivíduos empreendedores – que será aprofundada na próxima seção.

Em cada época, as prioridades do sistema educativo têm relação com as expectativas que a sociedade deposita nele ou, talvez dito de outra forma, com “o tipo de produto que seus administradores esperam fabricar”, com o tipo de sociedade que visam construir. “No século XIX, a resposta era ‘o bom cidadão’ numa ‘república democrática’. Na metade do século XX, é o ‘homem de êxito’ numa ‘sociedade de especialistas com emprego seguro’.” (LÓPEZ-RUIZ, 2007, p.166).

Tendo em vista os recortes que foram apresentados nesta primeira categoria de análise, relacionada à escola e às críticas ao processo de escolarização, pode-se dizer que,

de acordo com o autor, o professor vem sendo desapropriado do seu saber, pois ele é taxado em diversos momentos pelo autor como alguém autoritário:

Nesse processo, a tarefa do professor, além de apresentar a pergunta fundante, será a de apoiar o aluno na busca e construção do conhecimento, e não a de ensinar. (DOLABELA, 2003, p.93)

Para tal, na lógica da educação empreendedora o papel do professor nada mais é do que um mediador entre o empreendedorismo e o aluno. Pensar a educação como uma transação econômica a partir da qual as necessidades do aprendente precisam ser satisfeitas, faz com que tanto o papel do aprendente quanto do profissional da educação sejam mal compreendidos (BIESTA, 2013). Problematizando essa lógica, Masschelein e Simons (2013, p.136) explicam que:

Os professores foram/são transformados em funcionários civis, prestadores de serviços, empregados/trabalhadores e empresários e, nesse aspecto, tornam-se “profissionais” ocupando posições claras e inequívocas na ordem social. Seu caráter *amateur* e público – seu status como um “escravo liberto” – é neutralizado e seu trabalho passa a ser sem amor e privatizado.

Diferenciar a aprendizagem e a formação é essencial, pois

[...] o processo de aprendizagem continua a ser introvertido – um reforço ou uma extensão do ego, e, portanto, o desenvolvimento da identidade. Na formação, no entanto, esse eu e o mundo da vida do indivíduo são colocados em jogo constante desde o início. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p.49).

No decorrer desta seção, procurei apresentar o primeiro eixo de análise que discute a necessidade de criticar a escola a fim de reformá-la. As funções da escola aparecem fortemente associadas à formação de crianças e jovens empreendedores. Porém, para promover o empreendedorismo como um modo de vida, o autor atrela a lógica do sonho como um mobilizador e como um eixo de estruturação da educação empreendedora. Para que o leitor compreenda de que forma se dá a proliferação dessa ideia, na próxima seção, aprofundei o que Dolabela entende e compartilha por sonho como meio para disseminar o empreendedorismo nas escolas, manifestando e destacando minhas preocupações sobre os desafios dessa prática no cotidiano escolar.

4.2 O SONHO COMO FATOR MOBILIZANTE DA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA

Entramos, ao que parece, na era da pessoa calculável, cuja individualidade não é mais inefável, única e fora do alcance do conhecimento, mas pode ser conhecida, mapeada, calibrada, avaliada, quantificada, prevista e gerenciada. (ROSE, 2011, p. 126).

Parto dessa epígrafe, pois vem ao encontro do que a presente seção pretende discutir. As informações apresentadas por Rose (2011) corroboram para os mecanismos utilizados por Dolabela, que buscam constituir o sujeito, contribuindo para que o mesmo trabalhe as suas emoções dentro de uma lógica empresarial. Para tanto, busquei apresentar as estratégias de Dolabela que direcionam o sujeito a partir do sonho, a fazer um exercício sobre si mesmo, ou seja, as formas apresentadas pelo autor que buscam subjetivar o sujeito. Para tal, dialogo com as ideias de Rose (2011) que, conforme já mencionado, designou uma teoria intitulada *self* para explicar, a partir do campo comportamental e da psicologia, as formas de subjetivação que o sujeito vem sendo exposto na contemporaneidade.

Conforme discutido na seção anterior, Dolabela apresenta diversos argumentos que partem do pressuposto de que é preciso criticar a escola para então reformá-la. Dentro dessa crítica, foi possível identificar que um dos mecanismos utilizados pelo autor, para propagar a metodologia da pedagogia empreendedora, parte da ideia do sonho. Assim, busquei apresentar, nesta seção, de que modo tal elemento atravessa os muros da escola, tornando-se uma ferramenta central para disseminar a educação empreendedora.

A partir das análises, foi possível compreender que inicialmente o autor relata o sonho de forma lúdica, apresentando-o como algo mobilizador, enfatizando que é aquilo que se encontra dentro de cada um de nós. Essas ideias são postas em evidência na obra *A ponte mágica*, conforme o diálogo abaixo entre as personagens Maria e Luísa:

Em suas confidências [Maria e Luísa], descobriram um ponto em comum: consideravam que a melhor coisa do mundo era sonhar. Sonhar com coisas maravilhosas desenhadas por seus próprios pincéis, nas cores e forma que quisessem. Sonhar com viagens a Disney, à praia, com bonecas, sorvetes, videogames, casamento, artistas de TV, vestidos lindos, festas e bolos de aniversário. (DOLABELA, 2004, p.20).

Pode-se dizer que tais sonhos já fizeram ou ainda fazem parte dos planos de qualquer criança em algum momento de sua infância. Que criança nunca quis fazer uma viagem dos sonhos? Encontrar seu artista favorito? Reunir os melhores amigos em uma bela festa de aniversário? No entanto, sabemos que nem sempre é possível realizar todos esses sonhos, o que ocasiona certa frustração em alguns momentos. Essas questões são trabalhadas de outras formas nas obras de Dolabela, visto que apagam as desigualdades sociais e culturais, bem como o cenário econômico e político. Tudo depende do sujeito. Em diversas passagens, o autor relaciona o fato do insucesso, fracasso ou a não realização dos sonhos, com o aprendizado. Nesse sentido, destaco o trecho abaixo, ainda da obra *A ponte mágica*:

- Eu [Maria] sonhava em ter uma sandália Melissa, achava a coisa mais linda do mundo. Então vendi goiaba, manga, lavei roupa, fiz mandados, ajuntei dinheiro. Até que num sábado eu comprei a sandália para estreá-la no domingo à tarde, no parque de diversões. Dormi abraçada com a sandália e no domingo de manhã fui ajudar minha mãe na faxina. Quando voltei depois do almoço, cadê a sandália? Tinha sido roubada.
 - Nossa, que tristeza! – disse Luísa. – Você deve ter chorado muito.
 - Eu também pensei que fosse chorar muito, mas não. Fiquei triste. Só que a alegria maior foi ter comprado a sandália. *Eu me lembro como trabalhava feliz para conseguir a sandália.* Quem roubou a sandália não conseguiu roubar a minha capacidade de sonhar e realizar outros sonhos. (DOLABELA, 2004, p.21, grifos meus).

Muitos fatores merecem atenção nesse excerto, entre eles, as situações que a personagem se propôs a enfrentar para atingir o seu objetivo. Ademais, vale destacar que mesmo que tenha ocorrido algo ruim, isto é, que poderia causar chateação, ela soube lidar - de uma forma não tão comum - com a situação.

Apesar desses fatos e no apanhado geral, gostaria de chamar a atenção do leitor para a frase destacada no recorte. Tal frase, de maneira curta e clara, ajuda a explicar como o autor se utiliza da suposta inocência e da pureza dos sonhos, que quase toda

criança tem, para associar a fatores que vão além da naturalidade desses sonhos. Rose (2011) auxilia nesse entendimento ao explicar que:

Tornou-se possível atualizar essa noção de indivíduo ativamente responsável devido ao desenvolvimento de novos aparatos que integram os sujeitos dentro de um nexos moral de identificações e fidelidades nos próprios processos nos quais eles parecem efetuar suas escolhas mais pessoais. Racionalidades políticas contemporâneas utilizam e apoiam-se em uma série de tecnologias que estabelecem e sustentam o projeto civilizatório mediante a modelação e o governo das capacidades, competências e vontades dos sujeitos, ainda que fora do controle formal dos “poderes públicos”. (ROSE, 2011, p.255).

Importa dizer que todo esse movimento de Dolabela na mobilização do sonho, contribuindo para que o sujeito possa pensar sobre ele mesmo, ocorre pelo fato do autor relacionar o sonho com a construção do saber empreendedor (DOLABELA, 2003). Dessa forma, no ano de 1999, com a obra *Oficina do Empreendedor* enfatiza-se a ideia de que a empresa é a materialização dos nossos sonhos. O autor ainda justifica que tal fato é mais corriqueiro nos Estados Unidos, explicando que muitos jovens americanos atrelam o fato de empreender a realização de seus sonhos (DOLABELA, 1999).

Em 2003, como um dos principais objetivos da obra *Pedagogia empreendedora*, no prefácio, o autor enfatizou a ideia de que sua proposta está relacionada ao direito de sonhar. Vejamos:

Sonho de ser livre, de expressar ideias, de ficar rico, de estudar, de viajar. Sonho de ser feliz... O mesmo sonho sob diferentes formas, que, a bem da verdade, a maioria não consegue realizar em nosso país. E a tal ponto as pessoas são excluídas das condições para melhorar de vida que desaprendem de sonhar. (DOLABELA, 2003, p.13).

No entanto, o autor destaca que a família e a escola criam empecilhos para que isso ocorra. Sendo assim, apresento três recortes relacionados a essa problemática, explicando para o leitor a forma como Dolabela apresenta a família e a escola como responsáveis pela falta de estímulo aos sonhos.

O primeiro recorte foi encontrado na obra: *A ponte mágica*:

Somos marcados também pelas relações que estabelecemos com os nossos sonhos. Se estes são adequados à nossa forma de ser e se temos coragem de correr atrás deles, podemos estar construindo a nossa felicidade. No entanto, nós não somos estimulados a formular os nossos sonhos nem em casa e nem na escola. Os sonhos vem prontos para nós. E com caminhos já traçados. (DOLABELA, 2004, p.38).

Em *Pedagogia empreendedora*, o autor explica como tal prática ocorre na família:

Ao reprimir as aspirações da criança de 7 anos que sonha com uma atividade estranha ao “figurino cultural dos sonhos” - ser chofer do caminhão do lixo, por exemplo -, o pai ou a mãe está cometendo mais do que um gesto autoritário. Está privando aquela criança de construir o conhecimento próprio que seria gerado pela experiência de tentar realizar o sonho e por todos os ajustes, reavaliações, correções e reconstruções que essa tentativa enseja, tanto no sonho como na forma de ser criança. (DOLABELA, 2003, p.65).

Já na obra *O Segredo de Luísa* é possível identificar argumentos semelhantes, porém, de como isso acontece nas escolas:

De fato, o sonho não faz parte da pedagogia das escolas, nem do lar, tampouco da rua. A escola não pergunta sobre o sonho porque lida com os conteúdos e sabe as respostas para eles. Além do mais, tem a intenção de exercer controle. Como para o sonho não há respostas nem ele se deixa controlar, não é tema escolar." (DOLABELA, 2008, p.33).

A partir disso, o autor justifica, nas obras apresentadas, que a escola e a família não motivam os alunos a sonhar, argumentando que:

[...] a proposta da Pedagogia Empreendedora procura diminuir o efeito da censura aos sonhos, venha ela do professor, da família ou de qualquer outra força cultural. (DOLABELA, 2003, p.64).

Na lógica apresentada pelo autor, o sujeito que desaprende a sonhar, não contribui com o desenvolvimento do país, já que o sonho proposto pelo autor, na maioria dos casos, está relacionado ao fato de o sujeito ter o seu próprio negócio. Dessa forma, Dolabela afirma que todos precisam ter o direito de sonhar, independentemente de cor, de raça e de classe social, corroborando com o que já foi discutido anteriormente, que todos podem

ser empreendedores. Além disso, o autor explica que é muito comum que as escolas questionem o que os alunos querem ser quando crescer, quando na verdade a pergunta deveria ser outra, isto é, deveriam ser feitos questionamentos, tais como: *qual é o seu sonho na vida?*

Em outras palavras, o objetivo da Pedagogia Empreendedora consistirá em desenvolver o ser capaz de sonhar e construir os quatro saberes fundamentais à realização do sonho - saber conhecer, saber fazer, saber conviver, saber ser. Essa cruzada não é mais do que a realização do ser em seu sentido mais profundo." (DOLABELA, 2003, p.63).

Nesse trecho, o autor deixa claro que o empreendedor não necessariamente irá abrir uma empresa, a não ser que essa seja sua escolha. O autor explica que o objetivo do questionamento - qual é seu sonho - é que haja a possibilidade da construção de um sonho estruturante, aquele sonho mobilizador que é repleto de emoção. Logo, ao pensar nele o sujeito irá utilizar toda sua energia para colocá-lo em prática, e a concretização irá se tornar um objetivo de vida (DOLABELA, 2003).

Dessa forma, percebe-se que o autor aprofundou essa noção de sonho criando diversas categorias sobre o mesmo: sonho estruturante, sonho individual e sonho coletivo, categorias estas que já foram expostas brevemente no capítulo anterior e que serão exploradas novamente.

Tratando-se de sonho estruturante, Dolabela (2003) apresenta que:

Sonho estruturante é o sonho que se sonha acordado, capaz de conduzir à auto realização. Ele responde à seguinte pergunta, formulada pelo senso comum: "Qual é o seu sonho na vida?". É aquele desejo que faz brilhar os olhos quando se fala nele. Qualquer pessoa, em qualquer condição, tem a capacidade de formular sonhos, porque esse é um atributo da natureza humana. (DOLABELA, 2003, p. 38).

Sem negar a importância das atividades mentais que levam à formação de devaneios, desejos que significam a expressão abstrata de vontades, emoções e sensações, a Pedagogia Empreendedora elege uma das formas que o sonho assume como base da sua construção conceitual, chamando-a de estruturante. (DOLABELA, 2003, p. 39).

[...] o sonho só assume caráter estruturante quanto contém energia para impulsionar o indivíduo a tentar realizá-lo. (DOLABELA, 2003, p. 39).

O sonho estruturante pode ser transitório, porque influenciado e determinado pelas constantes mutações do próprio ser. Tanto o sonhador quanto o sonho, portanto, são dinâmicos. Enquanto dura (ou até ser substituído ou metamorfosear-se em outro), o sonho estruturante dá significado à vida do indivíduo. (DOLABELA, 2003, p.41)

No que se refere aos sonhos individuais e coletivos, o autor apresenta as seguintes ideias:

A natureza do sonho individual é fortemente determinada pelos valores da cultura a que pertence o sonhador. Por que isso? Porque não se concebe um sonho individual não referenciado ao sistema social do indivíduo. (DOLABELA, 2003, p.44).

Como fonte, alimento e moldura dos sonhos individuais, o sonho coletivo é o ambiente sociocultural que inspira os sonhos individuais, definindo as possibilidades de variações quanto à sua natureza, ao grau de diversidade, à distribuição de poder, às potencialidades de geração e acumulação de riquezas, à forma de usar os recursos naturais disponíveis. Sonhos individuais e coletivos se imbricam. (DOLABELA, 2003, p.45).

O sonho coletivo é a visão de futuro de uma comunidade. Representa a vontade coletiva construída através da interação que respeita a legitimidade do outro, que acolhe, dá coerência e unicidade às diversas vontades individuais. Sendo produto de pacto comunitário, o sonho coletivo será capaz de provocar mudanças nos valores e crenças, na capacidade de organização e nas práticas coletivas que caracterizam aquela comunidade. (DOLABELA, 2003, 47).

Sob a ótica da Teoria dos Sonhos, empreendedor coletivo é aquele que tem como sonho promover o bem-estar da coletividade, a melhoria das condições de vida de todos. Em outras palavras, chamo de empreendedor coletivo o indivíduo capaz de aumentar a capacidade de conversação de uma comunidade, ampliando ou criando a conectividade entre seus diversos setores, gerando o capital social, que é insumo básico do desenvolvimento, e cujo trabalho consiste em criar as condições para que a comunidade desenvolva sua capacidade de sonhar. (DOLABELA, 2003, p.47).

Diante do exposto, percebe-se que mesmo que os sonhos sejam separados por categorias diferentes, – o sonho estruturante, o sonho individual e o sonho coletivo – abarcam a mesma lógica: contribuir com a proliferação do empreendedorismo. Ademais,

compreende-se que tal visão consiste em atrelar o empreendedor coletivo ao fator do desenvolvimento. O autor destaca que para exercer a figura de empreendedor coletivo, o sujeito precisa relacionar seu sonho estruturante a causas que irão beneficiar toda comunidade. Dessa forma, vê a escola como uma grande aliada para do desenvolvimento e para a formulação de sonhos coletivos (Dolabela, 2003), mostrando mais uma vez como os eixos escola, sonho e empreendedorismo se articulam.

Também, foi possível perceber, a partir da leitura das obras, que esse é um dos mecanismos utilizados pelo autor para se aproximar do campo educacional, definindo a escola como um espaço para se pensar no bem-estar coletivo. Contudo, no “mapa dos sonhos” são apresentadas questões de cunho particular e individual, como será exposto a seguir.

Assim, destaco, no recorte abaixo, a forma utilizada pelo autor para relacionar o desenvolvimento dos sonhos a questões educacionais.

A essência da estratégia pedagógica está em movimentar o ciclo “sonhar e buscar a realização do sonho”. O aluno irá criar um projeto próprio, aqui chamado de sonho. E se beneficiar da força pedagógica dessa ação. Além de ter a autoria, ele será também protagonista do enredo que criou. A ação de buscar realizar o sonho está impregnada pela emoção, que irá mobilizar e motivar a aquisição dos recursos necessários, internos e externos. (DOLABELA, 2003, p. 77).

Importa destacar que toda a teoria empreendedora dos sonhos está relacionada a fatores individualizantes, visto que quando questionado sobre seu sonho, o aluno precisa pensar em questões que estejam relacionadas ao seu próprio estilo de vida. Essa ideia fica mais clara quando o “mapa dos sonhos” é apresentado ao aluno. O mapa é um guia criado pelo autor para ajudar os alunos na criação e na realização de seus sonhos, e é utilizado durante todo ano letivo (DOLABELA, 2003). No mapa, encontram-se tais questionamentos:

Meu Sonho

O que dá sentido à minha vida? O que me deixa feliz?

Como me vejo. (Conceito de si)

Tenho que aprender sobre mim, aumentar a minha autoestima. Como sou? Quais são as minhas habilidades? Gosto do jeito que sou? Como acreditar no que faço e que posso provocar mudanças? (A energia e a motivação para aprender sobre mim vêm da emoção provocada pela busca da realização do sonho).

O sonho se adapta a mim? [...]

Tenho liberdade para agir? [...]

Tenho força para agir? [...] (DOLABELA, 2004, p.42, grifos do autor).

Assim que é realizado, o sonho perde a capacidade de manter emoções no nível anterior. O alcance do sonho produz seu enfraquecimento como gerador de emoções. Por essa razão, a necessidade de sonhar como fonte de produção de emoção é permanente. Dela brota energia para criar e perseverar diante de erros e dificuldades. A perseverança é um sintoma da presença do sonho, da sintonia com a vida, da emoção liberada. (DOLABELA, 2003, p.79).

Fica evidente que o autor propõe atividades como a do “mapa dos sonhos” com o intuito de que os alunos identifiquem suas habilidades e seus talentos, a fim de que consigam articular tais atividades com fatores que acontecem na vida de cada um. Isso foge do “método tradicional” como destaca Dolabela (2003). Ao realizar o sonho, o sujeito deve pensar no próximo, gerando assim um ciclo sem fim, já que o empreendedor, como afirma o autor, precisa estar sempre tendo novas ideias, ou neste caso, traçando novos sonhos.

Sob o ponto de vista dessa nova lógica, Rose (2011), explica que:

[...] nossa relação com nós mesmos assumiu sua forma atual porque tem sido objeto de toda uma variedade de esquemas mais ou menos racionalizados, que tem buscado moldar nossa maneira de entender e encenar nossa existência com seres humanos em nome de certos objetivos – masculinidade, feminilidade, honra, modéstia, propriedade, civilidade, disciplina, distinção, eficiência, harmonia, satisfação, virtude, prazer- a lista é tão diversa e heterogênea quanto interminável. (ROSE, 2011, p.42).

Nos recortes que foram apresentados acima, percebe-se que o movimento que o autor faz para contextualizar essa temática é semelhante ao que apresentado no eixo anterior, pois Dolabela expõe um problema para então apresentar uma solução. A crítica, nessa situação, está relacionada às barreiras que impedem que o sujeito exerça o seu

direito de sonhar, e a solução, conforme apresentada, intitula-se *teoria empreendedora dos sonhos*, já que:

[...] toma o empreendedor como uma forma de ser, independente da área que possa atuar. (DOLABELA, 2003, p.38).

Acredito que toda a discussão realizada nesta seção aponta para a importância do sonho na construção de sujeitos empreendedores. Fica visível que o sujeito deve descobrir quais são as suas habilidades e deve usá-las na gestão de sua vida pessoal e de sua carreira, que, com certeza, será individualizada. Isso segue a lógica que foi apresentada na primeira seção referente à escola.

Desta forma, usando tais aptidões a favor do mercado de trabalho, o sujeito estará, também, usando-as a favor de si, sendo um empresário de si mesmo. Logo, cabe dizer que o autor precisa da escola, justificando a ideia do sonho, para promover o empreendedorismo.

A visão do autor sobre quem é o empreendedor, o que ele faz e como ele aprende, estão destacadas na próxima e na última seção deste capítulo analítico.

4.3 O EMPREENDEDORISMO COMO IMPERATIVO DO NOSSO TEMPO

Todo indivíduo tem algo de empreendedorístico dentro dele, e é característica da economia de mercado, liberar e estimular esse “empreendedorismo” humano. (DARDOT; LAVAL, 2016, p.145).

Nas seções anteriores, trabalhei com os dois primeiros eixos analíticos que versam sobre escola e sobre sonho. Conforme visto, o autor mostra que existe uma crise na escola, logo, educar para o empreendedorismo seria uma excelente alternativa para solucionar os problemas educacionais. Porém, tal argumento contribui para que o sujeito articule suas ações para a economia de mercado, partindo da premissa do sonho, tornando-se um empresário de si (DARDOT; LAVAL, 2016). Desse modo, o objetivo desta última seção de análise é apresentar o que Dolabela entende e dissemina por empreendedorismo, abrangendo outras subcategorias associadas ao tema, tais como: cultura empreendedora, educação empreendedora e pedagogia empreendedora.

Durante as análises foi possível compreender que mesmo que o autor faça uso de diferentes nomenclaturas, as categorias acima citadas se complementam, pois todas têm

o mesmo objetivo: enfatizar o empreendedorismo de uma maneira que ele se torne natural, tão natural quanto o sonho, elemento que foi destacado na seção anterior. Dessa forma, inicio a seção destacando as ideias do autor retiradas da obra *O Segredo de Luísa*, relacionadas ao fato de que a educação empreendedora deve ser aplicada o mais cedo possível. Posteriormente, apresento as estratégias sugeridas pelo autor para colocar o empreendedorismo em prática nas escolas.

[...] considero o ponto central de um país que deseja buscar o desenvolvimento: o ensino básico e, dentro dele, a educação empreendedora para crianças a partir de quatro anos e adolescentes. Mas é importante advertir que não desejo transformar cada criança em um agente de criação de empresas. (DOLABELA, 2008, p.13).

A educação empreendedora para adultos significa destampar a garrafa para libertar o empreendedor ali aprisionado por um sem-número de obstáculos culturais. Já no que diz respeito à educação empreendedora para crianças, ela equivale a impedir que se tampe a garrafa e que se aprisione o potencial empreendedor presente no ser humano desde a infância. (DOLABELA, 2008, p 62).

Nos recortes acima, é possível observar que o autor reforça a ideia de que o ensino do empreendedorismo deve ser oferecido desde cedo, isto é, também para crianças, e não somente para adultos nas universidades, como é o que vem ocorrendo atualmente no Brasil. O autor destaca, ainda, que na metodologia de ensino do empreendedorismo não se aplica a lógica do ensino tradicional, ou seja, a transmissão de conhecimentos, mas sim a lógica da relação, como fica claro no trecho abaixo retirado da obra *Oficina do empreendedor*:

Na escola convencional, os conteúdos são tratados como verdades definitivas, destinadas a transmitir a quem os adquire a sensação de segurança e a quem os propaga, a aparência de autoridade. No entanto, no campo empreendedor a incerteza substitui a suposta verdade como componente estrutural. Por essa razão, pela necessidade de trilhar caminhos nunca trilhados, a educação empreendedora deve desenvolver a autoestima e valorizar o potencial de persistência dos alunos diante de resultados não esperados, diante dos erros e do que os outros consideram “fracasso”. (DOLABELA, 2003, p.374).

Percebe-se, assim, de acordo com Dolabela (2008), que o empreendedorismo não pode ser visto como um conteúdo cognitivo convencional, tais como em outras matérias, nas quais o professor transfere conhecimento aos alunos. A partir disso, o autor enfatiza que:

[...] não é possível ensinar, mas é possível aprender a ser empreendedor, desde que por meio de um sistema bastante diferente do ensino tradicional. (DOLABELA, 2008, p. 24).

Contudo, gostaria de chamar a atenção do leitor ao fato que esse argumento é bastante contraditório, já que o autor deixa claro que o empreendedorismo não pode ser ensinado, mas pode ser aprendido a partir de um método que se difere do que o autor acredita estar vigente na escola, isto é, o método tradicional. Na obra *Oficina do empreendedor*, Dolabela (1999) explica que nem mesmo os próprios pesquisadores da área chegaram a um consenso quanto ao significado do termo empreendedorismo, pelo fato de não conseguirem diferenciar o perfil de quem cria um negócio e de quem gerencia o negócio, ou seja, do empreendedor e do empresário. Nas palavras do autor:

Na oficina [do empreendedor], evitamos intencionalmente a palavra ensino, porque ainda não existe resposta científica sobre se é possível ensinar alguém a ser empreendedor. Mas sabe-se que é possível aprender a sê-lo. (DOLABELA, 1999, p.23).

A linguagem do *self*, tão discutida até aqui e que guarda relação direta com o imperativo da aprendizagem – aluno cliente, consumidor, empresário de si, aprendente – fica evidente nas discussões realizadas pelo autor. Não é possível ensinar, mas mobilizar o sujeito a partir de sonhos, a fim de que ele avance, pois, afinal de contas, o sucesso de suas ações dependerá somente dele. Segundo Dolabela,

Mesmo sem conotações determinísticas, a pesquisa tem contribuído para a identificação e a compreensão de comportamentos que podem levar o empreendedor ao sucesso, servindo de base para o ensino na área. Um dos campos centrais da pesquisa em empreendedorismo consiste no estudo do ser humano e dos comportamentos que podem conduzir ao sucesso. (DOLABELA, 1999, p.70).

Dessa forma, tal ensino ao invés de ser um campo de verdades absolutas, como ocorre na dita escola tradicional, é um campo de incertezas, no qual os alunos, e não o professor, são capazes de gerar conhecimento, já que o objetivo do empreendedorismo é fazer com que o sujeito seja capaz de aprender a aprender, corroborando com a lógica de

mercado, na qual o sujeito precisa diferenciar-se constantemente. Nessa perspectiva, o autor defende a ideia de que escola deve ser um espaço adequado para o desenvolvimento de habilidades, tais como: auto estima, criatividade e emoção:

Esses conhecimentos individuais e particulares são um dos mais importantes ou, em todo caso, são mais eficazes que os dados estatísticos agregados, na medida em que permitem a realização de todas as pequenas mudanças permanentes às quais o indivíduo deve adaptar-se no mercado. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 144).

A partir de tais propostas, que são apresentadas pelo autor, as escolas se articulam e se reinventam, porém associam-se diretamente a lógica do neoliberalismo e da livre competição.

Se o mercado é um processo de aprendizado, se o fato de aprender é um fator fundamental do processo subjetivo de mercado, o trabalho de educação realizado por economistas pode e deve contribuir para a aceleração dessa autoformação do sujeito. A cultura de empresa e o espírito de empreendimento podem ser aprendidos desde a escola, do mesmo modo que as vantagens do capitalismo sobre qualquer outra organização econômica. (DARDOT; LAVAL, 2016, p.151).

Dessa forma, para sustentar tal crença, o autor precisa deixar claro quem é o empreendedor e o que ele faz. Assim, destaco que nas quatro obras analisadas o autor se encarrega de esclarecer alguns aspectos referentes à figura do empreendedor: quem ele é e como ele aprende. De acordo com Dolabela (2008, p. 13):

O empreendedor é definido pela forma de ser, e não pela maneira de fazer. A meta é que todos se preparem para empreender na vida.

O autor continua ressaltando, na obra *O Segredo de Luísa*, sua concepção a respeito do empreendedor e como tal concepção pode ser interpretada para além da empresa:

Como o fenômeno empreendedor nasceu na empresa, a literatura geralmente define o empreendedor em tal contexto. Entretanto, para atender aos meus propósitos educacionais, desenvolvi um conceito que permitisse descrever o transbordamento do tema da empresa para todas as atividades humanas. Mesmo porque na educação não se pode ser dirigista, induzindo alunos a abrir empresas. Essa será uma decisão de cada estudante. (DOLABELA, 2008, p. 23).

Percebe-se que o autor aponta para o fato de que o sujeito pode ser empreendedor na vida e não apenas dono de empresa, pois essa decisão é de responsabilidade de cada estudante. Contudo, Dolabela não descarta o fato de tal ensino estar relacionado ao aluno abrir um empreendimento. Além disso, para o autor, tornar-se empreendedor está relacionado a uma mudança de comportamento.

Dolabela enfatiza, na obra *A ponte mágica*, que:

O empreendedor está em todo lugar. [...] É uma forma de ser, de olhar o mundo. É acreditar que suas ações podem produzir mudanças, ser independente, rebelde, inconformado. (DOLABELA, 2004, p.150).

Vejamos outras declarações que o autor realiza, referentes ao empreendedorismo, retiradas ainda da mesma obra:

Quando se fala em empreendedor, duas coisas vêm à mente: abrir uma empresa e ganhar dinheiro. Entretanto, para ser empreendedor, não precisa abrir uma empresa. Uma pessoa pode ser empreendedora em qualquer área que escolher para trabalhar: empregado do governo ou de empresa, professor, artista. Além disso, o objetivo do empreendedorismo não é o enriquecimento pessoal, mas oferecer alguma coisa boa para os outros. Em termos sociais, ele visa melhoria das condições de vida de todos. Deve ser um instrumento para acabar com a pobreza e a miséria. (DOLABELA, 2004, p.35).

No empreendedorismo a pergunta é a única lição que se pode oferecer. As respostas devem ser individuais, impregnadas da personalidade de cada um. Por isso, não têm sentido se oferecidas como 'prato feito'. O empreendedor é alguém que inova, cria sua própria resposta. Cada um busca aprender o que é necessário para realizar o seu sonho. (DOLABELA, 2004, p.148).

Até pouco tempo, os empregos permitiam realizar um sonho e ofereciam um bom salário. Hoje isso não existe mais. [...] Os governos, no mundo todo, reduzem seu quadro porque o dinheiro é escasso. Em consequência, cada indivíduo tem que gerar seu próprio emprego. Para isso, além de ter conhecimentos, tem que saber identificar oportunidades, competência que exige várias capacidades, como entender o que acontece no mundo, saber "ler" o que se passa, identificar as necessidades das pessoas e instituições, o que se pode oferecer a elas. (DOLABELA, 2004, p.151).

Diante do exposto, compreendi que algumas declarações mencionadas pelo autor mereciam destaque. Percebi que há uma grande preocupação do autor em não atrelar a ideia do empreendedorismo à abertura de empresas, pois se sabe que, para o senso comum, a palavra *empreendedor* pode remeter à compreensão de que o sujeito irá se tornar dono de uma empresa, quando na verdade o autor demonstra que os sujeitos não devem ser visto apenas desta maneira, problematizando a ideia de *intraempreendedor*. O *intraempreendedor* é o empreendedor dentro da empresa na qual trabalha, isto é, aquele profissional que pensa a empresa como um todo, ou seja, tem a “visão de dono”. Essa ideia vem se popularizando nas empresas, e muitos gestores vem disseminando-a aos seus empregados. Costa (2009, p. 182), apoiado em López-Ruiz, ajuda-nos a compreender esse conceito ao dizer que:

Tendo em vista uma sociedade e uma economia do conhecimento, embora se fale muito em parceria, em colaboração, em espírito de equipe, em estar e trabalhar com “o time” – *teamleader*-, pelo menos no mundo corporativo, afirma López-Ruiz, o que se tem observado é que o vínculo entre o indivíduo e a empresa é melhor definido pelo *ensemble individualism*.

Ensemble individualismo remete a ideia do individualismo coletivo. Em diversos trechos é possível compreender que Dolabela compreende que o empreendedor não trabalha em grupo, isto é, ele age sozinho, e que o aprendizado ocorre de forma individual. Dessa forma, o empreendedor aprende fazendo, assim aprende com o erro:

Na verdade, o empreendedor aprende fazendo. Aprende com os erros que comete. Para ele, o **fracasso** é um resultado como outro qualquer, com o qual tem muito a aprender. Por isso, ele tem que se dedicar, repetindo o ciclo: fazer, analisar os resultados, aprender, fazer de forma melhor. (DOLABELA, 2008, p.57, grifos do autor).

Além de ressaltar ideias relacionadas ao individualismo e ao *intraempreendedorismo*, o autor destaca que o sujeito precisa gerar seu próprio emprego, logo precisaria investir em capital humano. Conforme já discutido nas seções anteriores, neste caso, o empreendedorismo passa a ser compreendido como um modo de vida (LÓPEZ-RUIZ, 2007). Ademais, é importante retomar ao fato de que assuntos como esses são mencionadas em um diálogo com a personagem Luísa, que tem apenas 11 anos. Porém, o que uma menina de 11 anos entende por estes assuntos?

Existe um forte movimento do autor que sustenta em parte o presente estudo, levando essa temática para a Educação Básica, de forma que as crianças comecem a pensar em como investir em si mesmas, isto é, em suas carreiras e em seus sonhos desde cedo, tornando-se responsáveis pela realização de seus anseios. Nessa lógica, Dardot e Laval (2016) explicam que:

Posto cada vez mais frequentemente em situação de mercado, o indivíduo pode aprender a conduzir-se racionalmente. Esboça-se assim, dessa vez de maneira indireta, o tipo de ação ligado à governamentalidade neoliberal: a criação de situações de mercado que permitem esse aprendizado constante e progressivo. Essa ciência da escolha em situação de concorrência é, na realidade, a teoria do modo como o indivíduo é conduzido a governar a si mesmo no mercado. (DARDOT; LAVAL, 2016, p.141).

A criança deve ser inserida desde cedo na linguagem do mercado, onde o trabalho e o lazer se unificam, seguindo a concepção de trabalho imaterial existente na lógica da sociedade pós-fordista (LAZZARATO; NEGRI, 2001). Corroborando com tal concepção, Dolabela (1999, p.90) explica que “[...] não é raro empreendedores dedicarem doze horas diárias à sua empresa, muitas vezes também no final de semana”. Na obra *Oficina do Empreendedor*, ideias relacionadas ao tempo de dedicação que o empreendedor deverá ter são muito comuns, como evidencia o recorte abaixo:

A dedicação do empreendedor a sua empresa deve ser total, ou seja, aquele que desenvolve atividades paralelas à empresa estará dispersando energia essencial à conquista dos seus objetivos. É importante lembrar: a visão é um processo permanente, que exige muita energia. (DOLABELA, 1999, p.78).

Percebe-se, que tal ideia vem acompanhada de um belo discurso. Nesse caso, não importa que o sujeito trabalhe muitas horas, pois ele estará buscando meios para realizar

p seu sonho. Sendo assim, já que ele “faz o que gosta” qual o problema de tamanha dedicação?

Na obra, *O Segredo de Luísa*, nota-se que a mesma ideia se propaga:

O empreendedor é um trabalhador incansável. Como gosta do que faz, trabalha à noite, em finais de semana. Mas ele tem consciência da qualidade que deve impor às suas tarefas, ou seja, tem sempre em vista os resultados, e não o trabalho em si. (DOLABELA, 2008, p.56).

Dardot e Laval (2016) corroboram com os argumentos apresentados por Lazzarato e Negri (2001), atribuindo o fato de que na empresa de si mesmo o sujeito não separa a vida pessoal da vida profissional. Ademais, os autores buscam explicar os impactos na vida do sujeito quando o mesmo se torna uma empresa de si mesmo:

A noção de “empresa de si mesmo” supõe uma “integração da vida pessoal e profissional”, uma gestão familiar do portfólio de atividades, uma mudança da relação com o tempo, que não é mais determinada pelo contrato salarial, mas por projetos que são levados a cabo com diversos empregadores. E isso vai muito além do mundo profissional; trata-se de uma ética pessoal em tempos de incerteza. (DARDOT; LAVAL; 2016, p.336).

Os autores sustentam a ideia de que, cada vez mais, os trabalhadores ficam além do horário de trabalho estabelecido na empresa, bem como levam trabalho para casa, além de trabalharem nos finais de semana. Isso acontece, pois ele precisa ter “visão de dono” ou ser “dono da sua carreira”, tal como aponta López-Ruiz (2007). Assim, o dono está sempre pensando em estratégias para melhorar seu negócio.

[...] quem tem que cuidar de sua própria vida como se fosse uma empresa acaba submetendo a si mesmo às leis do capitalismo. O indivíduo deve constantemente estender seu negócio, aumentar seu capital humano, e, dessa forma, a regra continua sendo a mesma e inexorável para sua empresa-vida como seria para qualquer outra dentro do sistema capitalista: quem não avança, retrocede. (LÓPEZ-RUIZ, 2007, p.133).

A partir disso, percebe-se o quanto o trabalho subjetiva os sujeitos. Tais fatos são encarados de forma natural, tanto que os sujeitos que se encontram nessas situações tomam isso como verdade e espalham nas redes sociais mensagens como: “escolha um trabalho que você ama e você não terá que trabalhar nenhum dia da sua vida”, frase do

pensador chinês Confúcio. Apesar dessa ideia não ser nova, ela se intensifica na contemporaneidade. López-Ruiz (2007) ao dialogar com Sombart (1953) explica que:

Em outras palavras, “amor a sua empresa” como motivo principal do empresário capitalista, como aquilo que dá sentido à sua vida, parece guardar relação com os motivos que orientam e dão sentido à vida de muitos dos executivos das transnacionais hoje. (LÓPEZ-RUIZ, 2007, p.133).

Tais associações se encaixam e, a partir delas, é possível explicar o fenômeno que o empreendedorismo e o *intraempreendedorismo* vem se tornando nos dias de hoje e como esses fatores afetam na relação entre sujeito e ele mesmo (DARDOT; LAVAL, 2016). O discurso sobre ser dono da própria carreira, fundindo trabalho e vida pessoal, requer a difusão de uma cultura empreendedora. A educação e a pedagogia empreendedoras de Fernando Dolabela ganham força nesse cenário ao mesmo tempo em que ajudam a produzi-lo.

Como dito anteriormente, o objetivo dessa pesquisa era identificar os pressupostos colocados em prática a partir da ideia de educação empreendedora. Ao identificar tais pressupostos, compreendi que o estudo pode servir como um “alerta” na forma como tal ideia vem sendo proliferada, principalmente porque sugere o ensino do empreendedorismo - a partir da metáfora do sonho - desde cedo, isto é, a crianças. Além disso, a partir das análises que envolvem a trama escola, sonho e empreendedorismo, percebi o movimento que o autor realiza para que o sujeito tome como verdade a ideia de que todos podem ser empreendedores.

No próximo capítulo apresento as considerações finais desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última seção apresentarei ao leitor as considerações finais deste estudo. Durante toda a pesquisa, busquei compreender a pedagogia empreendedora de Fernando Dolabela, que pressupostos ela coloca em circulação e como ela contribui com a proliferação da educação empreendedora nas escolas. Para tal, no primeiro capítulo evidenciei que a pesquisa está diretamente relacionada com a minha trajetória profissional e acadêmica. Além disso, situei o meu encontro com alguns estudos, estes que serviram de referência para a escolha das obras que foram analisadas e que passaram a compor o corpus empírico da pesquisa.

No segundo capítulo, discorri sobre as transformações no mundo do trabalho e a cultura do empreendedorismo, apresentando uma breve discussão sobre as transformações do trabalho na contemporaneidade com a mudança de ênfase da sociedade fordista para a sociedade pós-fordista e o quanto essa nova lógica corrobora para o empresariamento de si mesmo. Além disso, discuti as relações entre a cultura do empreendedorismo e a área da educação.

No terceiro capítulo, apresentei ao leitor os caminhos metodológicos percorridos durante a pesquisa, além de um breve histórico referente ao autor Fernando Dolabela – precursor da pedagogia empreendedora, bem como a apresentação das obras que compuseram o *corpus* empírico e os eixos de análise.

No quarto capítulo, apresentei as análises a partir dos três eixos temáticos, sendo que cada um deles foi apresentado em uma seção: *É preciso criticar a escola para reformá-la; O sonho como fator mobilizante da Pedagogia Empreendedora; O empreendedorismo como um imperativo do nosso tempo.*

Sendo assim, a partir da crítica à escola, Dolabela enfatiza o sonho como fator mobilizante da formação de crianças e jovens empreendedores. O autor evidencia que o sonho se reconfigura, tem mobilidade e não paralisa, demonstrando ser um dos grandes motes que contribui para a proliferação da educação empreendedora desde a infância. É preciso sonhar, responsabilizar-se pelos fracassos e pelos sucessos e recomeçar.

A lógica da teoria do autor, ao propor a expansão da metodologia da pedagogia empreendedora, é fragmentária, isto é, baseia-se na sociedade da aprendizagem e no utilitarismo dos saberes, contribuindo com o esvaziamento do lugar do ensino, do papel dos profissionais da educação e dos processos formativos dos sujeitos, corroborando com os princípios do neoliberalismo a partir na noção do empresariamento de si.

O autor “vende” a lógica de que o sujeito pode se tornar empreendedor de sucesso, ser bem-sucedido e ter luxo, como representou a figura de Silva (2015) no capítulo anterior. Porém, sabemos que, na sociedade que temos, não há espaço para que tal possibilidade ocorra com todos - ou com a grande maioria. Conforme já discutido, assistimos a um processo de individualização dos riscos sociais. Tal fato contribuiu com a minha preocupação para encontrar esses resultados de pesquisa, de o quanto a escola vem preocupando-se com tais questões, bem como o que acontece com o sujeito que investe tempo, emoção e energia na realização do sonho, conforme proposto por Dolabela em *A ponte mágica*. Na obra, o autor diz que mais importante do que realizar o sonho é sonhar, ou seja, assistimos a um crescente processo de responsabilização dos sujeitos pelos seus sucessos e fracassos.

Um aspecto que implica nessa situação, e conseqüentemente nos alunos, e ao que parece está passando despercebido nessa busca de talentos e destaque no mercado de trabalho, é o da competição, pois o que está em jogo agora, como se pode perceber com esta pesquisa, é a busca pelo sucesso. Dessa forma, o sucesso é entendido como sinônimo de ser bem-sucedido (na visão do autor). Assim:

Se Emílio, exemplo da educação liberal, não era um homem extraordinário, era só um bom homem, um bom cidadão mais ou menos ingênuo e com um saber mínimo do mundo, se o projeto liberal rousseauiano era fazer de Emílio um simples bonzinho, feliz na sua ingenuidade quase natural, o projeto liberal de criar um empresário de si mesmo bem sucedido e feliz está produzindo frustração, depressão, desorientação [...]. (NOGUERA-RAMÍREZ, p. 60, 2015).

Destaco questões como *frustração*, *depressão* e *desorientação*, fatores que acredito que necessitam de um olhar mais cauteloso por parte dos responsáveis das escolas. Masschelein e Simons (2013) aproximam-se de Noguera-Ramírez (2015) ao explicarem que com o intuito da performatividade a competição se torna uma exibição, resultando em uma corrida absoluta. Além do fato de que, dessa maneira, a aprendizagem se torna uma forma para acumular capital humano, reduzindo o papel da escola. Na visão dos autores, os defensores da ideia de que a escola precisa de reformas e de que ela deve estar direcionada, em grande parte, para a preparação do aluno para o mercado de trabalho, certamente não compreendem o real significado da escola.

Assim, a escola, ao trazer aspectos relacionados à empregabilidade, está perdendo suas principais funções formativas. Tais questões impactam diretamente nos alunos, colaborando, assim, em comportamentos individualistas e competitivos.

O novo sujeito é o homem da competição e do desempenho. O empreendedor de si é um ser feito para “ganhar”, ser “bem-sucedido”. O esporte de competição, mais ainda que as figuras idealizadas dos dirigentes de empresa, continua a ser o grande teatro social que revela os deuses, os semideuses e os heróis modernos. (DARDOT; LAVAL, 2016. p. 353).

Desse modo, destaco os principais achados da pesquisa:

- a necessidade de criticar a escola para reformá-la a partir de pressupostos de mercado;
- a Pedagogia Empreendedora como uma porta de entrada da educação empreendedora na Educação Básica – questão altamente significativa e que movimenta vários dos discursos reformistas atuais;
- a importância da formação de crianças empreendedoras, ou seja, o ensino do empreendedorismo desde a Educação Básica a partir da metáfora do sonho e do investimento em capital humano;
- o sonho como energia de transformação da vida, como algo cambiante que mobiliza os sujeitos em um cenário de instabilidade permanente;
- a educação empreendedora como uma possibilidade de formar sujeitos protagonistas de suas vidas;
- a privatização das funções da escola e o esvaziamento dos processos de ensino e das funções dos educadores;
- o apagamento das desigualdades sociais a partir dos discursos sobre empreendedorismo na educação;
- a pedagogia empreendedora como um caminho para o desenvolvimento de sujeitos capazes de sonhar e construir os quatro saberes fundamentais a realização do sonho - saber conhecer, saber fazer, saber conviver, saber ser;
- o empreendedorismo como um imperativo, ou seja, como um modo de vida na sociedade atual.

Sendo assim, a partir de tais reflexões, penso que “se quisermos ultrapassar o neoliberalismo abrindo uma alternativa positiva, temos de desenvolver uma capacidade

coletiva que ponha a imaginação política para trabalhar a partir das experimentações e das lutas do presente. (DARDOT; LAVAL, 2016, p.9)”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jose Wagner de. **Governamentalidade Neoliberal, Empreendedorismo e suas repercussões nos processos educacionais da cidade de Horizonte – CE.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação, Ceará. 2010.
- ANDERSON, Gary. **Reforma Escolar como performance e espetáculo político.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 35, p. 57-76, maio/ago. 2010. Disponível em: Acesso em: 03 fev. 2019.
- APPLE, Michael. O que os pós-modernistas esquecem: capital cultural e conhecimento oficial. In: GENTILI, P. e SILVA, T. T. **Neoliberalismo, qualidade total e educação.** Petrópolis: Vozes, 1994a
- BALL, Stephen J. **Educação global S.A.** Novas redes políticas e o imaginário neoliberal. Trad. de Janete Bridon. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade.** São Paulo: Ed. 34, 2010.
- BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** São Paulo: Editora da Unesp, 1999. (p. 195-219)
- CARTAXO, Silvia Rebeca Guimarães. **Antecedentes pessoais, motivações e auto-eficácia empreendedoras e suas influências na intenção empreendedora dos discentes em escolas públicas participantes do programa Miniempresa da Junior Achievement – CE.** Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade de Fortaleza. Programa de Pós-Graduação em Administração, Fortaleza. 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.
- CELLARD, André. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CLAPARÈDE, Edouard. **A escola sob medida.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973. (p. 165-192).
- COAN, M. **Educação para o empreendedorismo: Implicações epistemológicas, políticas e práticas.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Santa Catarina. 2011.
- COCCO, Giuseppe. GALVÃO, Alexander Patez e SILVA, Geraldo (Orgs.). **Capitalismo Cognitivo: trabalho, redes e inovação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 7-14.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Educação para a nova indústria:** uma ação para o desenvolvimento sustentável do Brasil. Brasília, DF: CNI; SESI; SENAI, 2007.

CORBELLINE, Lili Marilda. **Empreendedorismo Juvenil:** Caminhos e Travessias. Tese (Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, São Paulo. 2004.

COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. **Governamentalidade Neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo.** Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 34, n.º.2, p. 171 – 186, mai/ago. 2009.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa.** São Paulo: Picture, 1999.

_____. **Pedagogia empreendedora.** São Paulo: Editora Cultura, 2003.

_____. **Oficina do empreendedor.** 6. ed. São Paulo: Editora de Cultura, 1999.

_____. **A Vez do Sonho.** 2. ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2000.

_____. **A Ponte Mágica.** São Paulo: Mirian Paglia Editora de Cultura, 2004.

DREWINSKI, Jane Maria de Abreu. **Empreendedorismo:** o discurso pedagógico no contexto do agravamento do desemprego juvenil. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação, Paraná. 2009.

DURO, Jorge. **Desperte o empreendedor em você/** Jorge Duro, J. R. Bonavita. – Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio de Janeiro, 2014.

ESCARABELO, Sueli Aparecida Zambon. **Educação Empreendedora:** Análise dos temas abordados no Ensino Fundamental, Médio e Superior. Dissertação (Mestrado em Tecnologia, Ciência e Sociedade). Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, São Carlos. 2014.

FIGUEIREDO, Aline Campos. **Impactos da Educação Empreendedora na Visão de Carreira Profissional Futura:** Um estudo com alunos concluintes do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de São José dos Campos/SP. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Administração, Minas Gerais. 2012.

FILION, L. J.; DOLABELA, F. **Boa Idéia! E Agora?** São Paulo: Cultura Editores Associados, 2000.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa V. (Org.). **Caminhos Investigativos:** novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 40 - 59.

- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artemed, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992, p.117-184.
- JUNIOR ACHIEVEMENT BRASIL. Disponível em < <http://www.jabrasil.org.br/jars>>. Acesso em: Maio, 2018.
- KLAUS, Viviane. **Gestão e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- _____. **Desenvolvimento e Governamentalidade (Neo)Liberal**: da administração à gestão educacional. Porto Alegre: UFRGS, 2011, 226f. Tese – Programa de Pós Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- LAZZARATO, Maurizio. NEGRI, Antonio. **Trabalho Imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**. O neoliberalismo em ataque ao ensino público. Trad. Maria Luiza M. de carvalho e Silva. Londrina: Editora Planta, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **Memória-História**. In Enciclopédia Einaudi. V.1. Verbetes História, Memória, Documento/Monumento. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
- LIMA JUNIOR, Otávio Pedro Alves de. **O Espírito do Capitalismo e a Cultura do Empreendedorismo Educação e Ideologia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Minas Gerais. 2011.
- LOCKMANN, Kamila. **A proliferação das políticas de Assistência Social na Educação Escolarizada**: estratégias da governamentalidade neoliberal. Porto Alegre, 2013. 316 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós – Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013, p. 156 – 173.
- LOPES, Rose (org). **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas/ Rose Lopes (org.). – Rio de Janeiro: Eslevier; São Paulo
- LÓPEZ-RUIZ, Oswaldo. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**: capital humano e empreendedorismo como valores sociais. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

_____. A técnica como capital e o capital humano genético. **Novos Estudos**, 80: 127 – 139.

_____. **O ethos dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**. 2004. 375 p. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LÜCK, Heloisa. **A gestão participativa na escola**: Vozes, 2011, p. 73 – 98.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MAY, Tim. Pesquisa documental: escavações e evidências. In: MAY, Tim. **Pesquisa social: questões métodos e processos**. Porto Alegre: Artemed, 2004, p. 206-230.

McCLELLAND, David C. **A sociedade competitiva**: realização e progresso social. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

MELO, Alessandro de. **Educação básica e a formação profissional na visão dos empresários brasileiros**. Educação e Sociedade – Revista de Ciências da Educação Centro de Estudos Educação e Sociedade – Volume 30 – N°108- São Paulo: Cortez; Campinas: Cedes, 2009.

NARDI, Henrique Caetano. **Ética, Trabalho e Subjetividade**: trajetória de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 53 – 72.

ORLANDI, Orlandy. **Estudo da Educação Empreendedora**: O caso no Ensino Público Fundamental Municipal na escola Modelo de Rio do Sul (SC). Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Regional de Blumenau. Programa de Pós-Graduação em Administração, Santa Catarina. 2012.

PAULRÉ, Bernard. **Da Nova Economia ao Capitalismo Cognitivo**. Multitudes. n. 2, p. 25-42, 2000.

REVISTA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, São Leopoldo. Edição 472, Setembro, 2015.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs**: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANSON, Cesar. **Trabalho e subjetividade**: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial. Cadernos IHU, São Leopoldo: Instituto Humanitas UNISINOS, ano 8, n.32, 2010.

SARAIVA, Karla. **Outros tempos, Outros Espaços**: internet e educação. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 275f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul, 2006.

_____. VEIGA-NETO, Alfredo. **Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 34, nº 2, p. 187 – 201, mai/ago. 2009.

SARASVASTHY, Saras. **Effectuation: Elements of Entrepreneurial Expertise**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing Limited. 2008.

SCHULTZ, Theodore W. **O Capital Humano: Investimentos em Educação e Pesquisa**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1973.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter**. Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. São Paulo: Ed. Record, 2005.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE - Estudos Teóricos Referenciais Sobre Educação Empreendedora, **Relatório da pesquisa bibliográfica sobre Empreendedorismo e Educação Empreendedora/** Carlos Arruda, na Burchart e Michele Dutra. SEBRAE - Minas Gerais, 2016.

SOUZA, Adriano Mohn. **Jovens e Educação empreendedora: que discurso é esse?** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiás. 2006.

SILVA, Fernanda Goes da. **Ensino do Empreendedorismo na educação básica: A formação do cidadão empreendedor em questão**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Sapucaí. Programa de Pós-Graduação em Educação, Minas Gerais. 2015.

SILVA, Flavia Maria da. **Construção de aplicação de uma sequência didática para o Ensino do Empreendedorismo e suas contribuições**. Dissertação (Mestrado em ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, Paraná. 2016.

SILVA, Flávio Augusto da. **Geração de Valor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades Terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, culturas e educação**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 23, p. 5-15, maio/jun./jul./ago. 2003.

_____. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.